

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H532r Heym, Georg, 1887-1912.  
Teatro e política : poesias e peças do expressionismo alemão / Georg Heym, Ernst Toller, Georg Kaiser ; coordenação, notas, introdução de Ulrich Merkel ; tradução de Cora Rónai e Lya Luft. — Rio de Janeiro : Paz e Terra : Instituto Cultural Brasil-Alemanha, 1983.

(Biblioteca Alemã ; v. 1)

1. Poesia expressionista alemã 2. Teatro expressionista alemão 3. Política e literatura — Alemanha I. Toller, Ernst, 1893-1939 II. Kaiser, George, 1878-1945 III. Merkel, Ulrich, coord. IV. Título V. Série

CDD - 831.  
832  
800:301  
CDU - 830-1  
830-2  
82:301

83-0787

# TEATRO E POLÍTICA

## POESIAS E PEÇAS DO EXPRESSIONISMO ALEMÃO

GEORG HEYM, ERNST TOLLER, GEORG KAISER

coordenação, notas, introdução  
de  
ULRICH MERKEL

EDITORA PAZ E TERRA

Conselho Editorial:  
Antônio Cândido  
Celso Furtado  
Fernando Gasparian  
Fernando Henrique Cardoso



Paz e Terra

Introdução e notas:

©Ulrich Merkel

Peças de Ernst Toller:

©Sydney Kaufman

Peça de Georg Kaiser:

©Kessler Verlag

Poesia:

©João Barrento (Ática Sarl., Lisboa, 1976)

Capa: Livia Flores, com ilustração de Erich Heckel, Criança de pé, 1910; xilogravura em cores

Fotos: *As massas e o homem*, de Ernst Toller (Encenação no Teatro Municipal de Nürnberg. Cena da massa do 3º Quadro: Margarete Hannen — «Eu grito: GREVE!»)

Toller, Ernst, escritor e político, com o escritor Walter Hasenclever, escrevendo sua nova peça em Berlim, 1928

Direitos: Ullstein Bilderdienst

Texto complementar: Peter Naumann

Tradução: João Barrento (*O deus da cidade*)

Tania Bernkopf, Birgit Braatz (*Os maquinoclastas*) — revisão: Cora Rónai

Cora Rónai (*As massas e o homem*), adaptação livre

Lya Luft (*Os cidadãos de Calais*)

Vania Sampaio, Teresa Graupner (textos)

Revisão: J. C. Marques

Colaboração: Kay Michael Schreiner

Produção gráfica: Orlando Fernandes

Montagem: Maria Félix

Supervisão: M. L. Ferguson

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA PAZ E TERRA

Rio de Janeiro: Rua São José, 90 - 18º andar, Centro

Tel.: 221-3996

São Paulo: Rua Carijós, 128, Lapa

Tel.: 263-9539

1983

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

*Quando, com mãos aveludadas, o sonho bem-vindo me acaricia  
E do real quotidiano me alivia,  
Alienado do mundo, estranho à minha própria consciência,  
Então ergue-se em mim essa palavra: Homem, torna à tua essência!*

Ernst Stadler,  
A sentença. 1914.

.....  
*O poeta já não sonha em baías azuis.*

.....

.....

*Acompanhando povos, cabeça erguida.*

*Ele será o seu chefe, o seu arauto.*

*A chama do seu verbo será música.*

*Vai instaurar o pacto das nações.*

*Os direitos do Homem. A República.*

Walter Hasenclever,  
O poeta político (Fragmento). 1917

*Dedico esse livro ao colega e amigo Kay Michael  
Schreiner, erudito e incansável mediador  
entre a literatura brasileira e a alemã.  
A idéia de publicar esse livro partiu de uma conversa  
que tivemos. Sua ausência nos deixou  
a todos mais pobres.*

## SUMÁRIO

Introdução...9

Tabela sinótica da época do Expressionismo (1910/1924)... 13

Pequena notícia sobre uma grande polêmica:  
«O debate sobre o Expressionismo de 1937/38»... 16

**O Deus da Cidade**  
Georg Heym...23

*Notas...26*  
*Biografia...26*

**As Massas e o Homem**  
Ernst Toller...27

*Notas...63*

**Os Maquinoclastas**  
Ernst Toller...65

*Notas... 125*  
*Biografia... 126*

**Os Cidadãos de Calais**  
Georg Kaiser... 129

*Notas... 175*  
*Biografia... 175*  
*Bibliografia... 177*  
*Notas Biográficas do autor... 178*

«Esta peça ... tem por objetivo mudar o mundo», afirma o escritor Walter Hasenclever num manifesto, por ocasião da primeira apresentação de sua peça teatral *Der Sohn (O filho)* — 1913-14. Teatro é, para os escritores do expressionismo, «a mais nobre das possibilidades ... deixar o mundo do espírito atuar no mundo real» (Pinthus).

Através da transformação do ser humano para melhor, o mundo, a sociedade devem, também, modificar-se para melhor. O herói da peça *Os cidadãos de Calais*, de Georg Kaiser, personifica esse «novo homem» que, com o seu comportamento ético, deverá servir de exemplo para uma nova sociedade. É precisamente esta a exigência moral e social do novo movimento literário. Seus escritores — na maioria filhos de burgueses nascidos entre 1880 e 1890 — incluem neste conceito a premência de uma radical modificação do sentido teórico e prático da arte como até então se concebia. Caracterizado pela negação das normas ditadas pela estética burguesa e, em oposição a elas, entendendo a arte como forma espontânea de expressão da alma, o expressionismo — movimento literário iniciado em 1910 — já teve precursores no período do pré-romantismo do século XVIII (*Sturm und Drang*), bem como no século XIX, através dos textos teatrais de Georg Büchner.

No âmbito das artes plásticas, seguindo a tendência de pintores do final do século XIX, como Cézanne, Gauguin, van Gogh e Matisse, a fundação, em 1905, da sociedade dos artistas Die Brücke (A Ponte), que agrupava artistas como Kirchner, Heckel, Schmidt-Rottluff, Pechstein, Nolde etc., marcou o início de uma nova forma de arte especificamente alemã, também denominada expressionista, que se diferencia do *fauvisme* francês, principalmente no que se refere à sua emoção social. Na música, o expressionismo alcançou seu primeiro apogeu com as composições de Arnold Schönberg — a partir de 1908 — e principalmente com o melodrama do *Pierrot lunaire*, de 1912.

As primeiras grandes encenações de peças expressionistas no início dos anos 20 não apenas fizeram história no teatro, com suas inovações (rompimento de categorias espaço/tempo, nova direção

de iluminação), mas também influenciaram bastante a estética no cinema (Murnau, Mayer, Veidt).

No Brasil, as influências do expressionismo são evidentes principalmente nas artes plásticas e na música. No que se refere à literatura, as influências se desdobram desde o «modernismo» até o presente.

Este livro, que integra uma vasta programação sob expressionismo realizada pelos Institutos Goethe do Brasil entre 1983-84, tem por finalidade apresentar ao leitor brasileiro aquilo que os próprios expressionistas consideram «a mais nobre das possibilidades»: o teatro.

Ainda pouco conhecido no Brasil, o teatro expressionista alemão apresenta no nítido conflito entre as exigências utópicas dos autores e a realidade política. Esse conflito aparece com grande evidência na revolução de Munique de 1919 e acaba fatalmente com a resignação de seus autores.

Desde a fracassada revolução de 1848, a burguesia alemã foi excluída da responsabilidade de atuar politicamente, permanecendo praticamente sem experiência e sem uma verdadeira formação política. Fiel às tradições do idealismo filosófico (foi somente Karl Marx quem colocou Hegel «de cabeça para baixo»), a juventude burguesa da Europa Central, da qual se poderia ter recrutado uma elite política, ocupou-se com «o belo, o verdadeiro, o bom» da literatura clássica, enquanto o nacionalismo bitolado e a megalomania da sociedade alemã do começo do século contribuíam para que o mundo tropeçasse na guerra.

Não é, portanto, de se estranhar que a revolta dos jovens burgueses (nascidos entre 1880-90) contra seus pais se refletisse, em primeiro lugar, no campo estético. Essa juventude acreditava que a modificação da sociedade devia começar pela transformação moral, pelo «novo homem».

O desenvolvimento do expressionismo literário compreende desde o pressentimento visionário de futuras catástrofes (*O deus da Cidade*, 1910, Georg Heym), passando pela mais pura manifestação teatral da utopia do «novo homem» em *Os cidadãos de Calais* (1912-13, de Georg Kaiser) e pela resignação da revolucionária no final da peça *Massa-Homem* (1919) de Ernst Toller, até o reconhecimento, na peça *Os maquinoclastas* (1920-21), de que a destruição irracional da técnica não pode ser a solução dos problemas sociais.

Devido à experiência da guerra (muitos escritores jovens mor-

reram em 1914-15), o conteúdo literário torna-se mais concreto. A expectativa do «novo homem» é ocasionalmente sobreposta de conteúdos socialistas e acrescida de tendências pacifistas. Tudo isso finalmente conduz, quase no final e após o término da guerra em 1918, no concreto engajamento político de alguns escritores, destacando-se principalmente Ernst Toller.

1919. Em Munique, parece que por 100 dias a utopia dos autores expressionistas se torna uma realidade política: os filósofos e escritores como Gustav Landauer e Ernst Toller assumem uma grande parte da responsabilidade política, ao participarem da República dos Poetas. No final desse período já começa a se configurar a predominância dos interesses do partido comunista dentro da República dos Conselhos que, logo depois, é definitivamente destruída pelo exército do Ministro Social Democrático Noske, restituindo à burguesia seus antigos direitos.

A República dos Poetas acaba em sangue, prisão e assassinato. Com o fracasso das esperanças utópicas morre o movimento literário expressionista. O que sobra do ímpeto revolucionário vai desembocar no *l'art pour l'art* do dadaísmo.

Um escritor alemão contemporâneo, Tankred Dorst, escreveu, entre 1962 e 1968, uma peça de teatro intitulada *Toller*, mais tarde adaptada para a televisão sob o título *Rotmord* (*Assassinato vermelho*), que foi apresentada, após 1968, em vários palcos europeus. Provavelmente, a histórica figura de Ernst Toller e sua biografia significaram, para Dorst, um exemplo da problemática do intelectual de hoje, colocado entre a utopia e a realidade, entre a poesia e a política.

O artigo «A polêmica do expressionismo», escrito por Peter Naumann e incluído neste livro, é uma contribuição analítica sobre o debate travado, principalmente depois do fim do movimento literário, entre críticos marxistas (Georg Lukács) e seus antagonistas burgueses.

Rio de Janeiro, agosto de 1983  
Ulrich Merkel

Tabela Sinótica  
da Época do Expressionismo  
(1910-1924)

	LITERATURA	HISTÓRIA	ARTES E CIÊNCIAS
1910	- P. Heyse recebe o Prêmio Nobel de Literatura - R. M. Rilke, <i>Os cadernos de Malte Laurids Brigge</i> ( <i>Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge</i> ) (romance) - Manifesto Futurista	- Paris: Acordo internacional para a censura de quadros e escritos obscenos	- W. Kandinsky: Primeira pintura abstrata - Strawinsky: <i>O Pássaro de Fogo</i>
1911	- G. Hauptmann, <i>Os Ratos</i> ( <i>Die Ratten</i> ) (drama) - Início da poesia expressionista com <i>Der ewige Tag</i> ( <i>O dia eterno</i> ) (poesia) de Georg Heym e <i>Die jüdische Witwe</i> ( <i>A viúva judia</i> ) (drama) de Georg Kaiser - <i>Die Aktion</i> ( <i>A ação</i> ), a revista mais importante dos expressionistas	- Segunda crise marroquina - Gustav Landauer, Proclamação do Socialismo - Karl Liebknecht, Militarismo e Antimilitarismo - Revolução na China: Sun Yat-sen	- Início da pintura e música expressionista com A. Schönberg, ensino de Harmonia, e quadros de F. L. Kirchner e F. Marc ( <i>Rote Pferde – Cavalos vermelhos</i> )
1912-13	- Primeiro clímax do expressionismo literário (entre outros: G. Carl Einstein, W. Hasenclever, G. Trakl)		- Pintura: <i>Der blaue Reiter</i> ( <i>O cavaleiro azul</i> ); quadros de A. Macke, E. Munch
1912	- Georg Kaiser escreve as peças <i>Von Morgens bis Mitternachts</i> ( <i>Da manhã até a meia-noite</i> ) e <i>Die Bürger von Calais</i> ( <i>Os cidadãos de Calais</i> ) (primeiro texto) - G. Hauptmann recebe o Prêmio Nobel de Literatura	- O partido social-democrata é o mais forte do Parlamento em Berlim (Reichstag)	- Composições de A. Schönberg - I. Strawinsky, <i>Le sacre du printemps</i> - Karl Jaspers, <i>Psicopatologia geral</i>
1913	- Thomas Mann, <i>A Morte em Veneza</i> ( <i>Der Tod in Venedig</i> ) - F. Kafka, <i>Betrachtungen</i> ( <i>Reflexões</i> ) (contos)	- W. Wilson, Presidente dos Estados Unidos - Introdução da linha de montagem na Ford	
1914	- Georg Kaiser <i>Os cidadãos de Calais</i> (publicado) e outras poesias de Y. Goll, <i>Der Panamakanal</i> ( <i>O canal de Panamá</i> ); W. Hasenclever, E. Staudler, G. Trakl, A. Wolfenstein, A. Stramm	- Conflagração da Primeira Guerra Mundial - Abertura do canal de Panamá	- Quadros de M. Chagall; F. Marc, <i>Turm der blauen Pferde</i> ( <i>Torre dos cavalos azuis</i> )
1915-16	- Poesias expressionistas de K. Edschmid, Y. Goll, A. Stramm, O. Koschka	- Batalha de Verdun	- F. Busoni, estudo de uma nova estética da arte da música - M. Scheler, o formalismo na ética e o valor ético-material
1916	- Georg Kaiser, <i>Da manhã até a meia-noite</i> (publicado) - Franz Kafka, <i>A sentença</i> ( <i>Das Urteil</i> ) e <i>A Metamorfose</i> ( <i>Die Verwandlung</i> )		
1917	- Poesias expressionistas de G. Benn; Th. Däubler, R. Goehring, W. Hasenclever, entre outros; - Georg Kaiser escreve a peça <i>Gas</i> (1917-18) e publica a revista <i>Die Koralle</i> - Ernst Toller escreve <i>Die Wandlung</i> ( <i>A transformação</i> )	- Declaração de guerra pelos Estados Unidos - Abdicação do czar	- Freud, preleções para a introdução à psicanálise

1918	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Poesias expressionistas de E. Barlach, <i>Der arme Vetter (O primo pobre)</i> (drama) L. Frank <i>Der Mensch ist gut (O homem é bom)</i> (novela) e Y. Goll, C. Einstein entre outros</li> <li>- H. Mann, <i>O súdito (Der Untertan)</i></li> <li>- T. Mann, <i>Betrachtungen eines Unpolitischen (Reflexões de um apolítico)</i></li> <li>- R. Huelsenbeck leva o Dada para Berlim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fim da guerra, abdicação de Guilherme II; fim da monarquia austríaca</li> <li>- Revolução em Berlim e Munique (até maio de 1919)</li> <li>- Introdução, por lei, da jornada de trabalho de 8 horas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- I. Strawinsky, <i>A história do soldado</i></li> <li>- B. Russel, <i>Misticismo e Lógica</i></li> <li>- E. Bloch, <i>Espírito da Utopia</i> (escrito em 1915-17)</li> <li>- K. Schmidt-Rottluff, <i>Christus Mappe</i> (álbum com trabalhos cujo tema é Cristo)</li> </ul>
1919	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Georg Kaiser escreve <i>Gas</i>, segunda Parte (1918-19)</li> <li>- Ernst Toller, <i>Die Wandlung (A Transformação)</i> é publicada</li> <li>- Outras poesias expressionistas de J. R. Becker, O. Kokoschka, A. Stramm, A. Wolfenstein, entre outros</li> <li>- F. Kafka, <i>Ein Landarzt (Um médico de Província)</i></li> <li>- Dada: K. Schwitters, <i>Anna Blume</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assassinato de Rosa Luxemburg, Karl Liebknecht, Kurt Eisner, Gustav Landauer</li> <li>- Tratado de Versalhes</li> <li>- Fundação do partido operário alemão (mais tarde NSDAP)</li> <li>- B. Mussolini, primeira federação fascista de luta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fundação da Bauhaus estadual em Weimar por W. Gropius, L. Feininger, J. Itten, G. Marcks</li> <li>- Morte de A. Renoir</li> <li>- Karl Jaspers, <i>Psicologia das concepções do universo</i></li> </ul>
1920	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Literatura expressionista de E. Barlach, J. R. Becker, A. Bronnen, entre outros. K. Pinthus (ed.) <i>Menscheitdämmerung (Crepúsculo da humanidade)</i>, antologia da poesia expressionista.</li> <li>- Georg Kaiser, <i>Gas</i>, segunda parte, é publicada.</li> <li>- Dada: Hans Arp, <i>Der Vogel selbdritt (O pássaro a três)</i>, <i>Die Wolkenpumpe (A bomba das nuvens)</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Revolta conservadora (Golpe de Kapp) em Berlim.</li> <li>- Hitler: o programa de 25 tópicos é divulgado em Munique.</li> <li>- Agitações comunistas na Região do Ruhr (Ruhrgebiet)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadros de Kollwitz</li> <li>- Jazz dos Estados Unidos chega à Alemanha</li> <li>- G. Sombart, <i>O capitalismo moderno</i></li> </ul>
1921	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ernst Toller <i>Masse Mensch (Massa-Homem)</i> (publicação, montagem teatral de Jürgen Fehling em Berlim)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assassinato do ex-ministro M. Erzberger; primeira entrada em cena da SA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- G. Braque, <i>Natureza Morta com Violão</i> (pintura) C. G. Jung, <i>Tipos psicológicos</i></li> </ul>
1922	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bert Brecht, <i>Baal, Tambores na noite (Trommeln in der Nacht)</i></li> <li>- Ernst Toller, <i>Maschinenstürmer (Demolidores das máquinas)</i> é publicado.</li> <li>- Poesias expressionistas de Y. Goll, E. Barlach, entre outros.</li> <li>- J. Joyce, <i>Ulisses</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecimento da URSS pela Alemanha</li> <li>- Assassinato do ministro do Exterior Rathenau</li> <li>- B. Mussolini, presidente italiano</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- M. Beckmann, <i>Antes do baile das máscaras</i> (pintura)</li> <li>- A. Schönberg, música dodecafônica.</li> <li>- O. Spengler, <i>Decadência do oriente</i></li> <li>- L. Wittgenstein, <i>Tractatus logicophilosophicus</i></li> </ul>
1923	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ernst Toller, <i>Hinkemann</i> (drama) + poesias</li> <li>- R. M. Rilke, <i>Sonetos a Orfeu (Sonette an Orpheus)</i>; <i>Elegias a Duino (Duineser Elegien)</i></li> <li>- Fim do movimento dadaísta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Golpe de Hitler em Munique</li> <li>- Apogeu da inflação na Alemanha</li> <li>- G. Stresemann é o ministro do Exterior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Plástica e pintura expressionista de E. Barlach, M. Beckmann, E. Heckel</li> <li>- S. Freud, <i>O eu e o id (Das Ich und das Es)</i></li> </ul>
1924	<ul style="list-style-type: none"> <li>- F. Kafka falece</li> <li>- T. Mann, <i>A montanha mágica (Der Zauberberg)</i></li> <li>- Marinetti, futurismo e fascismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Morte de Lênin</li> <li>- Trotski é banido</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupo de artistas expressionistas Die blauen Vier (Os quatro azuis): Feininger, Jawlenski, Kandinsky e Klee</li> </ul>
1925	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A. Breton, <i>Manifesto surrealista</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Hitler publica <i>Mein Kampf (Minha luta)</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A. Berg, <i>Wozzeck</i> (ópera)</li> </ul>

## PEQUENA NOTÍCIA DE UMA GRANDE POLÊMICA:

O «debate sobre o Expressionismo» de 1937/38

dedicado a Kurt Scharf

O «debate sobre o Expressionismo» dos anos 1937/38 é, sem sombra de dúvida, um dos pontos culminantes da jovem teoria estética de inspiração marxista. Já na segunda metade da década de 30, o historiador Max Raphael — resgatado há poucos anos do esquecimento, que atingiu muitos intelectuais alemães exilados depois de 1933 — formulou uma crítica radical da teoria marxista da arte: «nos 100 anos de sua existência, o marxismo fez pouco para o desenvolvimento de uma ciência da arte.» Passado quase meio século, a afirmação continua atual. Podemos até avançar um pouco além, pois não existe ainda uma teoria marxista da cultura, que possa concorrer com o nível de elaboração já atingido pela teoria econômica e pela teoria política do marxismo. Prova desta inexistência é, para citar apenas um exemplo muito eloqüente, a pesquisa realizada recentemente por operários de Turim/Itália sob a coordenação de Giulio Girardi (*Coscienza operata oggi*. Bari, De Donato, 1980.- A quarta parte aborda *Gli operai e la cultura*). Esta pesquisa procura preencher uma lacuna sensível na teoria, partindo das formas atuais da luta de classes e visando a melhor compreensão e orientação desta luta.

As razões da defasagem e das contradições do que se apresenta como teoria marxista da arte e da cultura são múltiplas e não podem ser abordadas neste breve ensaio, que pretende tão-somente expor algumas linhas mestras da polêmica em torno do Expressionismo ao público brasileiro, admitindo o pressuposto de que o conhecimento desta polêmica pode ser ainda hoje de grande utilidade para uma análise verdadeiramente histórica da arte e do seu papel social.

Em 1937 o escritor e político Alfred Kurella publicou na revista *Das Wort (A Palavra)* um artigo contra o poeta Gottfried Benn. Benn aderira inicialmente ao nazismo, distanciando-se posteriormente através da «emigração interna». *Das Wort* (Moscou, 1936-39) foi a revista mais importante dos intelectuais alemães exilados. Congregava intelectuais de diversas tendências políticas, unidos na Frente Popular antifascista. Já a composição do conselho editorial revelava a diversidade ideológica: Lion Feuchtwanger, escritor burguês; Bertolt Brecht, escritor marxista sem filiação parti-

dária; e Willi Bredel, escritor filiado ao Partido Comunista da Alemanha.

Já na primeira página, Kurella sustentou que Expressionismo — corrente, à qual Benn pertencia — e fascismo eram co-naturais. Como escola, o Expressionismo já estava morto. Importava, contudo, diagnosticar e combater energeticamente o clima espiritual, ainda vivo, para aumentar a eficácia da literatura alemã de tendência antifascista.

No mesmo fascículo saiu um ensaio de Klaus Mann, igualmente empenhado em compreender as razões que tinham levado Benn à adesão temporária ao nazismo. Klaus Mann invocava contra Benn, significativamente apostrofado como «intelectual, que testemunha contra o espírito (*Geist*)», valores consabidos da tradição burguesa do seu país, como «humanismo», «civilização» («vontade para o progresso social») e «espírito».

Três anos antes, o filósofo húngaro Georg Lukács já tinha publicado seu conhecido ensaio sobre «Grandeza e decadência do Expressionismo»: um verdadeiro prolongamento da origem do Expressionismo no imperialismo e na miséria secular da sociedade alemã, insistindo, além disso, na vinculação do movimento à ideologia do Partido Socialdemocrata Independente. Lukács apontara também como traços característicos do Expressionismo, reveladores do seu caráter reacionário, o pacifismo abstrato, a oposição romântica e puramente 'espiritual' ao capitalismo e ao imperialismo, a concepção idealista de revolução (própria da sociedade alemã, que não experimentara uma revolução burguesa vitoriosa), a concepção meta-histórica e supraclassista do homem e da violência, a vinculação ao anarquismo boêmio etc. (algumas destas características valem para os dois dramas de Ernst Toller, publicados neste volume). Lukács concluiu: «Assim também o Expressionismo pertence ao «legado de novembro» do nacionalsocialismo, pois ele não aponta para além do horizonte da 'Weimar' de 1918, apesar de todos os gestos pomposos. Assim como o fascismo é a consequência necessária da traição de novembro do Partido Socialdemocrata e do Partido Socialdemocrata Independente, ele está também capacitado para assumir a 'herança de novembro' na literatura.»

A publicação do ensaio de Kurella provocou sem demora anti-críticas da parte de escritores, críticos e artistas. Nos primeiros meses de 1938 a revista publicou artigos de treze autores. Muitos procuraram desacreditar ou ao menos relativizar a tese provocadora de



Kurella e as análises de Lukács. Não raras vezes o clima da discussão aproximou-se da exacerbação própria do Expressionismo. Vários participantes do debate tinham fortes raízes no movimento expressionista e cultivavam ainda valores e atitudes do Expressionismo, sem que houvesse incompatibilidade com a militância política no exílio.

Aqui se torna necessário um breve parêntesis. Sabemos que a polêmica em torno do Expressionismo não visava apenas o estabelecimento da justiça histórica para um movimento artístico, cuja hora já tinha soado anos antes. O debate nunca foi museológico. Bem pelo contrário, a avaliação do passado expressionista obedecia às diferentes diretrizes para uma política literária antifascista, elaboradas na Frente Popular. Assim a polêmica teve dois temas de fundo. Um deles foi *alternativa entre realismo e formalismo*, que dominou a estética marxista sobretudo nas décadas de 30 e 40 e que repercutiu pela primeira vez amplamente no Primeiro Congresso de Escritores Soviéticos, realizado em agosto de 1934 em Moscou. Qualquer exame mais acurado da polêmica em torno do Expressionismo deverá levar em conta a relação entre o debate dos exilados alemães e a discussão na União Soviética.

O segundo tema de fundo foi a questão espinhosa do *legado cultural*: como um marxista se posicionaria diante do legado cultural da burguesia? Que partes deste legado poderiam ser aproveitadas, que partes deveriam ser modificadas ou eliminadas?

Apesar dos muitos matizes individuais, podemos divisar três posições básicas no debate:

(1) a insistência na continuidade da tradição clássica e no caráter modelar dos romancistas realistas do séc. XIX. Esta posição implicava a condenação do Expressionismo. Seu maior representante foi Lukács;

(2) a defesa do Expressionismo, posição representada sobretudo por Ernst Bloch;

(3) a concepção dialética de tradição e inovação, representada sobretudo por Brecht.

Durante o debate, Lukács e Bloch apareciam como os contendores mais importantes.

Bloch procurou invalidar as teses de Lukács (e Kurella), problematizando as premissas subjacentes. Assim ele apontou logo para uma das maiores fraquezas da estética lukácsiana: a correlação de decadência da burguesia e uma suposta baixa qualidade da sua

arte. Bloch notou que esta tese impossibilitava a Lukács a compreensão de muitos escritores contemporâneos. Bloch questionou também o conceito de realidade usado por seu contendor: na sua opinião, Lukács concebia a realidade como totalidade infinitamente mediada, quando esta poderia ser também descontínua e fragmentária. À parte esta crítica dos fundamentos teóricos, Bloch lembrou que Lukács não tinha tratado da pintura e da música do Expressionismo, que teriam modificado seu juízo unilateralmente negativo. Para uma apreciação mais justa do movimento e dos seus integrantes, Bloch exigiu a análise de obras representativas, ao invés da análise de obras marginais e de programas e declarações de tendências.

Lukács respondeu com «O realismo está em jogo», reorientando já no título a discussão para a oposição *realismo x formalismo*. Sua argumentação em favor da concepção da literatura como «reflexo da realidade objetiva» parte neste ensaio da dialética de essência e aparência. Na literatura de tendência realista, esta dialética é garantida e se expressa na «imediatidade figuradamente mediada» (*gestaltet vermittelte Unmittelbarkeit*), conforme a célebre formulação de Lukács: «uma superfície figurada da vida, que aparece como imediatidade, como superfície da vida, embora deixe *transparecer* a cada momento e claramente a essência (o que não acontece na imediatidade da própria vida).» Para Lukács, a realização histórica mais próxima desta imediatidade figuradamente mediada é a literatura clássica (por ex.: Goethe) e o assim chamado romance realista do séc. XIX (modelo insuperado de Lukács: Balzac). Não é difícil reconhecer nesta norma o limite histórico da tradição cultural burguesa, cuja validade Lukács nunca colocou em xeque. Embora marxista, ele não chegou a historicizar completamente os conceitos de arte e cultura. Estava por demais preso à cultura burguesa do séc. XIX.

O pensador mais radical nesta polêmica foi Bertolt Brecht. Ele chegou a redigir vários textos menores contra Lukács. Suspeitava que Lukács era o verdadeiro formalista, já que isolava determinadas formas literárias da sua função social, historicamente variável. Contrariando tal posição, Brecht argumentava que as transformações da própria realidade exigiam novas técnicas de representação. Como vemos, realidade significava para Brecht antes tendência do que estado. A realidade estava em constante revolução.

É importante assinalar que os textos de Brecht só foram desco-

bertos após a sua morte, sendo publicados na década de 60. O motivo da retenção é muito simples: Brecht receava enfraquecer a unidade da Frente Popular antifascista com uma polémica contra Lukács. Pode-se afirmar, portanto, que o debate entre Brecht e Lukács não se efetivou plenamente.

Não posso comentar aqui as implicações históricas deste debate. Passados quase 50 anos, elas ainda não foram integralmente explicitadas e assimiladas, salvo poucas exceções. Da mesma maneira as idéias de Brecht ainda não foram esgotadas por muitos escritores, teóricos e historiadores. A maior implicação está contida provavelmente na previsão do fim da arte enquanto produto da cultura burguesa do Ocidente, indissolivelmente ligado à dominação burguesa. Esta previsão não aparece tão claramente na polémica em torno do Expressionismo, mas pode ser detectada em algumas passagens. Brecht chegou a formulá-la mais explicitamente no *Diário de trabalho*, paralelamente ao debate. Suas obras revelam também esta tendência à abolição do caráter artístico. O mesmo vale para algumas composições e para muitas reflexões teóricas de Hanns Eisler e para as fotomontagens de John Heartfield. Vista nesta perspectiva, a polémica em torno do Expressionismo, do realismo, da vanguarda e das 'vanguardas' burguesas, do legado cultural etc. assume uma importância histórica, que não pode ser subestimada. Sua tradução para o português significaria certamente um impulso poderoso para a reflexão de algumas questões cruciais do presente.

#### OBSERVAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A inexistência de meios bibliográficos me impediu de arrolar aqui eventuais traduções da polémica ou de textos avulsos para o inglês, o francês, o italiano ou o espanhol. O leitor interessado, que não dominar a língua alemã, poderá obter algumas informações mais detalhadas no artigo de Fred Fischbach: *Lukács, Bloch, Eisler. Contribution à l'histoire d'une controverse*, publicado primeiramente na revista *Europe* LVII (abril 1979), nº 600 e logo depois em separata de 58 pp.: Paris; Lille, Europe; Université de Lille III, 1979.- O mérito de Fischbach reside na sua honestidade: informa com proficiência razoável sobre os eventos e alguns argumentos centrais do debate. Seu defeito, em limitar-se quase que exclusivamente à citação e à paráfrase. Raras vezes percebe o alcance das idéias novas de Bloch e Eisler. Também não fica claro porque este ensaio foi escrito

e qual a relação entre o esforço investido na pesquisa bibliográfica (184 notas para um artigo de 45 pp.!) e o resultado relativamente magro. Neste sentido, o ensaio se insere na tradição involutiva da universidade burguesa contemporânea, onde o pesquisador escreve menos para dizer alguma coisa importante e mais para publicar.-

A edição alemã mais acessível de todos os ensaios relacionados com a polémica em torno do Expressionismo foi feita por Hans-Jürgen Schmitt: *Die Expressionismusdebatte. Materialien zu einer marxistischen Realismuskonzeption*. Frankfurt/Main, Suhrkamp, 3 1978. Esta edição contém uma introdução informativa do editor, uma bibliografia suplementar e os dados bibliográficos dos participantes da polémica.

*O DEUS DA CIDADE*

GEORG HEYM

*(Dezembro de 1910)*

## DER GOTT DER STADT

*Auf einem Häuserblocke sitzt er breit.  
Die Winde lagern schwarz um seine Stirn.  
Er schaut voll Wut, wo fern in Einsamkeit  
Die letzten Häuser in das Land verirrn.*

*Vom Abend glänzt der rote Bauch dem Baal,  
De großen Städte knien um ihn her.  
Der Kirchenglocken ungeheure Zahl  
Wogt auf zu ihm aus schwarzer Türme Meer.*

*Wie Korybanten-Tanz dröhnt die Musik  
Der Millionen durch die Straßen laut.  
Der Schlote Rauch, die Wolken der Fabrik  
Ziehn auf zu ihm, wie Duft von Weibrauch blaut.*

*Das Wetter schwelt in seinen Augenbrauen.  
Der dunkle Abend wird in Nacht betäubt.  
Die Stürme flattern, die wie Geier schauen  
Von seinem Haupthaar, das im Zorne sträubt.*

*Er streckt ins Dunkel seine Fleischerfaust.  
Er schüttelt sie. Ein Meer von Feuer jagt  
Durch eine Straße. Und der Glutqualm braust  
Und frißt sie auf, bis spät der Morgen tagt.*

## O DEUS DA CIDADE

Escarrapachado sobre um quarteirão,  
À sua volta acampam negros ventos.  
Ele olha irado, ao longe, a solidão  
De últimas casas em campos nevoentos.

Baal ao pôr-do-sol, pança luzindo,  
À volta ajoelham as grandes cidades.  
De um mar de negras torres vem subindo  
O eco monstruoso das trindades.

Na rua, a multidão música entoa,  
Em dança coribântica exaltada.  
Das chaminés fabris o incenso escoa  
E sobe até ele, sem fragrância azulada.

No seu sobrolho crepitam temporais.  
Narcotiza-se em noite o escuro dia.  
Como os abutres, esvoaçam vendavais  
Em cabeleira irada, que arrepia.

Estende no escuro a mão de carnicheiro.  
Um mar de fogo varre, num estremecer,  
Toda uma rua, que acaba num braseiro,  
Até que o dia tarde a amanhecer.

## Notas

Georg Heym, *Der Gott der Stadt (O deus da cidade)*.

Poesia, escrita em 1910; primeira publicação em: *Der ewige Tag (O dia eterno)*, poesias, 1911. Em: Georg Heym, *Dichtungen und Schriften (Poesias e estudos)*, edição crítica por Karl Ludwig Schneider, Munique/Hamburgo 1964, p. 192. Tradução em português publicada em *Expressionismo alemão*, antologia poética; seleção, tradução, introdução e notas de João Barrento, Lisboa 1976; p. 136s.

Da crítica da época:

«Heym é um sacerdote dos horrores. Um visionário dos terrores e do grotesco. Um irmão de Poe e Baudelaire (com este também é aparentado na disciplina de seus ritmos e da forma métrica)...»

De: Ernst Stadler, *Cahiers Alsaciens 1* (1912), citado segundo João Barrento, p. 292.

## Biografia

Georg Heym, 30-10-1887: Nascimento em Hirschberg (Baixa Silésia), filho de um advogado militar num ambiente familiar burguês e intelectualmente pouco aberto, o que cedo o levou a tensões e desentendimentos com os pais.

1904: Início de um diário que prova a existência de antigos pensamentos suicidas. Juventude e escola em Berlim.

1908-11: Estudo de Direito em Würzburg, Berlim, Jena.

1910-12: Ocupação literária intensa.

1911: *Der ewige Tag (O dia eterno)*, poesias.

1912: *Umbra Vitae*, poesias póstumas.

16-1-1912: Morte por afogamento enquanto praticava patinação no gelo, junto com um amigo.

## AS MASSAS E O HOMEM

*Uma peça da Revolução Social do Século XX*

ERNST TOLLER

Adaptação livre de CORA RÓNAI

A versão inicial desta peça foi escrita em 1919, primeiro ano da revolução alemã, quando o autor estava preso na Fortaleza de Niederschönenfeld.

## CARTA A UM DIRETOR CRIATIVO

(Prefácio para a segunda edição da peça.)

Alguns críticos censuraram os rostos oníricos que o senhor apresentou nos «quadros reais», paralelamente aos rostos das imagens de sonho, confundindo, assim, as fronteiras entre o real e o imaginário. Pois gostaria de dizer-lhe que, ao fazer isso, agiu exatamente dentro da minha proposta básica. Os «quadros reais» não são, em absoluto, ambientes realistas, e os personagens (à exceção de Sonia) não se destacam individualmente. Afinal, o que poderia ser realista numa peça como «As Massas e o Homem»? Apenas o sopro da alma, a brisa do espírito.

Como político, sou obrigado a agir como se os homens (seja na qualidade de indivíduos, ou grupos, ou trabalhadores, ou representantes do poder ou do poder econômico) e quaisquer circunstâncias fossem, de fato, realidades absolutas. Como artista, porém, observo essas «realidades absolutas» em toda a sua ambivalência (para não falar na maior de todas as dúvidas: será que existimos como indivíduos?).

No pátio de uma prisão, por exemplo, vejo um grupo de condenados cortando lenha, ininterruptamente. Comovido, penso que são seres humanos, e penso no que eram antes: um podia ser operário, o outro camponês, o terceiro escriturário... Vejo o cômodo em que vivia o operário e suas pequenas características individuais, os gestos só seus como que joga fora um palito de fósforo, abraça a mulher, atravessa o portão da fábrica, de noite. Vejo de forma igualmente clara o camponês de costas largas, e o escriturário tísico. E aí, subitamente... eles não são mais apenas X, Y e Z, mas terríveis marionetes movidas com a força da fatalidade predestinada.

Uma vez, duas mulheres passaram em frente à janela da minha cela; eu estava pendurado em suas barras de ferro. Acho que deviam ser duas solteironas: as duas de cabelos brancos bem curtos, as duas com vestidos do mesmo feitio, da mesma cor, do mesmo corte, as duas carregando sombrinhas cinzas com bolinhas brancas, as duas meneando a cabeça. Não consegui vê-las, por um segundo sequer, como «pessoas de verdade», passeando naquela ruazinha estreita do tribunal, a Neuburg Real. O que eu via era a dança macabra de duas solteironas, ou a dança de uma velha solteirona com o reflexo da sua própria morte.

Como um todo, a peça «As Massas e o Homem» é um espetáculo imaginário, que brotou dentro de mim já pronto em dois dias e meio,

fruto das duas noites que passei numa cela escura. Essas noites foram pesadelos torturantes: a cada instante, eu era agredido por multidões de rostos, rostos diabólicos, rostos e mais rostos, que giravam sobre si mesmos, em cambalhotas grotescas. De manhã, tremendo de uma febre que só existia na minha imaginação, sentei-me à mesa e comecei a escrever, parando apenas quando meus dedos, duros e trêmulos, se recusaram a continuar me servindo. Ninguém podia entrar na minha cela, não aceitei nem a limpeza e voltava-me, enfurecido, contra os companheiros que queriam me ajudar ou me perguntar alguma coisa. O trabalho exaustivo e gratificante de reformulação e aperfeiçoamento da peça durou um ano.

Atualmente vejo «As Massas e o Homem» de uma forma crítica. Reconheço que a sua estrutura vem (apesar de tudo!) de uma certa inibição que tínhamos naquela época, de uma espécie de vergonha que fazia com que eu me esquivasse de formular artisticamente uma experiência pessoal, fazendo uma confissão nua e crua. Entretanto, ao mesmo tempo, eu não conseguia ter força de vontade suficiente para a concretização de um projeto apenas artístico. Todo o horror daqueles dias de revolução não se havia transformado, ainda, em imagem ou simples lembrança dos dias de revolução; ele era, de certa forma, uma ferida interna dolorosa, uma terrível marca na alma, ainda não cicatrizada.

A falta de compreensão da crítica, porém, me surpreende. A causa disso talvez seja (e provavelmente é) um problema de interpretação. Mas também pode ser que, para o crítico ligado à burguesia, que não conhece os proletários como nós, que conhecemos seu mundo intelectual e espiritual, e que *criamos* a partir deste mundo intelectual e espiritual, a formulação das lutas ideológicas mais significativas e revolucionárias, que mexem com os homens dos pés à cabeça, pareça apenas uma simples figura de retórica ou uma frase de editorial.

Pois de uma coisa não há dúvida: o que, tanto na arte quanto na «vida real» soa a burguês como uma discussão tola em torno de palavras sem maior significado, para o proletário é a expressão mais pura da sua tragédia e da sua aflição. Por outro lado, o que o burguês interpreta como um pensamento altamente profundo e filosófico, a própria essência da efervescência intelectual, para o proletário não diz rigorosamente nada.

Acho desnecessário acrescentar que, apesar disso, a arte proletária acaba fatalmente convergindo para o ser humano, uma vez que precisa, do mesmo modo, ser abrangente no mais profundo dos seus aspectos — assim como a vida, assim como a morte. Só haverá de fato uma arte prole-

tária na medida em que, para seus criadores, os vários aspectos da vida espiritual proletária sejam a matéria-prima da formação de um sentimento humano, eterno.

ERNST TOLLER


Fortaleza de Niederschönenfeld

Outubro de 1921.

*Ernst Toller, escritor e político, com o escritor Walter Hasenclever, escrevendo sua nova peça em Berlim, 1928.*

*As Massas e o Homem. Encenação em 1921 no Teatro Municipal de Nuremberg. Cena da massa do 3º Quadro: Margarete Hannen — «Eu grito: GREVE!!!»*





*Revolução Mundial:  
Gerando novas vibrações,  
Gerando uma vida nova.  
O Século brilha, iluminado em vermelho.  
A culpa se transforma em sangue,  
A terra é crucificada.*

*Aos proletários.*



## PEÇA EM SETE QUADROS

### Personagens

Operários

Operárias

O Anônimo

Oficial

Sacerdote

Homem (o funcionário)

Sonja Irene L., Uma Mulher

### Imagens de Sonho

Sonja Irene L., Uma Mulher

O Acompanhante

Banqueiros

O Funcionário

Guardas

Prisioneiros

Sombras

Os quadros dividem-se em quadros «reais» e «visões de sonho»; estes últimos devem desenrolar-se em clima onírico e irreal.

## PRIMEIRO QUADRO

(O cenário é apenas esboçado: os fundos de um bar proletário. Ao centro, uma mesa rústica em torno da qual estão reunidos uma *mulher* e alguns *operários*.)

**1º OPERÁRIO** — Os panfletos já foram distribuídos, a reunião será realizada amanhã no salão. As fábricas vão fechar mais cedo, a multidão está indócil: amanhã é o dia da decisão. Está pronta, camarada?

**MULHER** — Se estou! Consigo sentir minha força crescendo a cada instante, eu estava esperando há tanto tempo por este momento! O momento em que o sangue vira palavra e a palavra ação... Tive medo sim, muitas vezes, e esse medo me cerrava os punhos de raiva, vergonha, impotência. Via os jornais burgueses iludindo o povo, apregoando a Vitória de uma guerra já perdida; e aí era como se milhões de braços me agarrassem e como se de todos os lados viesse o mesmo grito: Você é culpada pela nossa morte! Nos olhos melancólicos de cada cavalo na rua eu via a acusação muda, nas folhas de cada árvore... Mas amanhã, amanhã *eu* farei ressoar as trombetas do Juízo Final, amanhã eu anunciarei a greve, amanhã a minha consciência se elevará no salão, acima de tudo e de mim mesma. Já não tenho medo, já sei tantas coisas! E agora é como se a própria natureza bradasse pela greve na voz dos homens... E é como se eu já visse as massas ressuscitando, livres das armadilhas da burocracia e de seus rotundos zeladores, como se eu já visse os impetuosos exércitos da humanidade transformando nossa causa numa catedral invisível, o templo da paz... É como se eu já visse a bandeira vermelha tremulando, a bandeira do despertar... Quem a levará à frente?

**2º OPERÁRIO** — Você! E todos a seguirão!

(Há um silêncio amedrontado.)

**MULHER** — Temos que impedir qualquer negociação! Você acha que a polícia não está sabendo de nada, ainda? E se eles cercarem o salão...?

**1º OPERÁRIO** — A polícia não sabe de nada. Aliás, mesmo que saiba de alguma coisa, desconhece nossos verdadeiros objetivos. E o fato é que, uma vez reunidas as massas no salão, não haverá polícia capaz de enfrentá-las! Elas se transformarão assim... numa torrente poderosa, é, isso! uma torrente que polícia alguma poderá conter e canalizar para obediências chafarizes de praça pública. A polícia não vai se arriscar a entrar em ação, nós seremos então mais poderosos do que eles. Os próprios soldados ficarão do nosso lado. Eles também estão se organizando. Amanhã é o dia da decisão.

(Ouvem-se batidas na porta.)

**1º OPERÁRIO** — Fomos traídos!

**2º OPERÁRIO** — Você não pode ser presa!

1º OPERÁRIO — É, mas só há uma porta...

2º OPERÁRIO — E à janela?

1º OPERÁRIO — Dá num poço de ventilação.

MULHER — Logo agora... tão próximos da luta...

(As batidas se intensificam. A porta se abre, entra o *homem* de sobretudo, com a gola levantada. Depois de olhar rapidamente em torno, tira o chapéu de feltro pesado.)

MULHER (Aliviada) — É... um amigo. Não há o que temer. Como é que você me encontrou aqui?

HOMEM — Boa noite, senhores. (Baixo, para ela.) Por favor, não me apresente a eles. Posso falar com você?

MULHER — Camaradas...

OPERÁRIOS — Até amanhã, então. Boa noite.

MULHER — Boa noite. Até amanhã. (Retiram-se.)

HOMEM — Olha, antes de mais nada: não vim para ajudar.

MULHER — Imagina... Mas pelo menos você desculpa o fato de so-nharmos?

HOMEM — Só vim porque senti minha honra ameaçada.

MULHER (Sarcástica) — Não diga: e eu sou o motivo? Que coisa curiosa... Mas — que honra é essa? A da classe burguesa, é? Por acaso estão ameaçando excluí-lo das suas cômodas fileiras?!

HOMEM — Isso não é hora para piadinhas. A consideração pelas pessoas, pelos seus sentimentos, que para você não valem nada, para mim são lei. Para mim existe essa coisa que você despreza: um código de honra.

MULHER — Que só faz transformar vocês todos em autômatos.

HOMEM — Há outras coisas também, como a submissão, a auto-disciplina... Quer fazer o favor de prestar atenção ao que estou dizendo?

MULHER — Estou vendo os teus olhos.

HOMEM — Assim você me confunde...

MULHER — Você...

HOMEM — Em resumo: você não deveria estar fazendo isso.

MULHER — Você...

HOMEM — Quero dizer que a vontade de trabalhar por causas sociais também pode encontrar satisfação no nosso meio, sem que seja necessário se chegar aos extremos a que você está indo. Você faz pouco da cultura, mas ela é testemunha de que o melhor campo de trabalho ainda são as idéias. Por exemplo: organizar e cuidar de casas para crianças ilegítimas, que tal? Mesmo os teus assim chamados «camaradas operários» desprezam mães solteiras...

MULHER — Interessante. Continua...

HOMEM — Você não tem a liberdade de fazer o que bem entende!

MULHER — Ah, tenho sim! Como não?

HOMEM — Bom, mas a alguma coisa você ainda deve dar valor... se não

à sua compreensão pelo menos à sua sensibilidade...

MULHER — Só dou valor à causa, e só sirvo a ela, entende? Tenho que servir.

HOMEM — Espera aí, vamos ver se eu compreendo, se eu consigo analisar os teus motivos: você está com vontade de trabalhar, de se empenhar por alguma causa, é isso? E essa vontade vem de diversas razões e desejos... longe de mim supor que eles sejam de caráter indigno...

MULHER — Não, você não entende nada, e me machuca com as suas palavras. Você já viu os quadros de madonas nas casas camponesas? São de cortar o coração, essas estampas feias, tão comoventemente piedosas... Tão simples e, ao mesmo tempo, tão grandes. Você falou em razões e desejos... mas não é nada disso! Há mesmo um abismo entre nós, sabe? O que mudou o meu destino não foram desejos ou razões, mas a miséria, a miséria da condição humana. A miséria na sua mais profunda plenitude. A miséria é capaz de provocar mudanças, sabia? A miséria modifica muitas coisas. E não os caprichos de uma pessoa entediada, como você imagina.

HOMEM — Miséria? E posso saber qual é o direito que você tem em falar em miséria?

MULHER — Vai, vai embora... Eu te faço um carinho, eu te beijo os olhos, mas vai... Não diz mais nada.

HOMEM — Eu não tenho a menor intenção de magoar você! (Olha em torno) Esse lugar... nós podemos falar sem sermos ouvidos?

MULHER — Qual é a diferença que isso faz? Mesmo que algum camarada nos ouça, eles também têm sensibilidade, mesmo sem ter os teus «códigos de honra»... Se você conseguisse entendê-los, se conseguisse sentir ao menos um sopro da sua miséria... Uma miséria que é nossa também tem que ser! Porque vocês os rebaixaram, e, rebaixando-os, desonraram-se a si próprios! Vocês tornaram-se os seus próprio carrascos... E não precisa me olhar assim, com este ar de pena! Eu não estou maluca e nem emprenhada por um sentimentalismo barato. E, justamente por causa disso, pertenco a eles. Não há nada mais lastimável do que as horinhas pré-determinadas das madames para o cumprimento das suas «obrigações sociais», das suas «benemerências»... No fundo, «boas ações» nascidas da vaidade e da fraqueza. Há camaradas que sentem vergonha por vocês, sabia? Quando não acham graça, e riem, desbragadamente... como eu estou rindo agora.

HOMEM — Melhor assim, porque fica mais fácil te contar a verdade. Já se sabe... as autoridades, quero dizer... elas já sabem a teu respeito. Eu prestei juramento ao Estado... O Departamento de Pessoal está informado, subir na profissão estaria fora de cogitação.

MULHER — E...?

HOMEM — De modo que te digo, francamente, que não vou ter con-

templação ou medir conseqüências de atos que, pode ter certeza, atingiriam os meus sentimentos... Pois o fato é que, além da profissão do teu marido, você está prejudicando também o bem-estar do Estado. Você está dando apoio ao inimigo interno, será que não percebe? E basta isso para dar justa causa a um pedido de divórcio.

**MULHER** — Então é isso... Mas está certo, está bem, se eu estou te prejudicando e atrapalhando a tua carreira...

**HOMEM** — Ainda haveria tempo para você mudar de idéia.

**MULHER** — Não, não há. Eu estou disposta a assumir minha... culpa. O processo não vai te prejudicar, você não precisa ficar com medo. Embora... vê, os meus braços se estendem na sua direção, eu preciso de você, até o sangue corre nas minhas veias por tua causa. Eu serei uma folha murcha sem você, o orvalho que me dá vida e me dá ânimo, a tempestade que me dá força... Você se lembra? Houve noites... e os nossos gritos jovens, ressoando através dos anos até a nossa maturidade... Vai, me leva embora novamente, para bem longe, para um bosque escondido, um parque, uma rua quase deserta... Tenho tanta vontade de te abraçar, de te beijar. E tenho também a impressão de que, sem você, serei fraca de novo, para todo o sempre... (Um silêncio. Depois, noutro tom.) Desculpa. Só fui fraca agora, um pouquinho. A situação é muito clara, e eu acho justificado o teu modo de agir, apesar de não concordar com as tuas opiniões. Porque amanhã estarei diante das massas, amanhã falarei a elas... E amanhã arrancarei do Estado, este Estado ao qual você prestou juramento, a máscara dissimulada do assassino. Amanhã é o dia da decisão.

**HOMEM** — Você está traindo o Estado! Um crime de alta traição!

**MULHER** — O teu Estado faz guerra, o teu Estado trai o povo! É ele o traidor, não eu: é ele quem explora, oprime e deprime, e quem tira os direitos do povo!

**HOMEM** — O Estado é sagrado! A guerra é a sua segurança, é o que lhe garante a vida... A paz não passa de uma fantasia dos covardes; pois a guerra não passa da trégua interrompida, na qual vive o Estado constantemente, ameaçado pelo inimigo externo, pelo inimigo interno...

**MULHER** — Você disse «vive»? Mas como é que pode viver um organismo inteiramente devorado pela peste e pelo fogo? Você já viu o Estado nu, sem os seus galões? Você já viu os vermes que estão roendo as suas carnes? Você já viu. Eu sei, eu sei... você prestou juramento ao Estado, está cumprindo o seu dever e mantendo a sua consciência tranquila.

**HOMEM** — Quer dizer que você não volta atrás? É a sua última palavra?

**MULHER** — É, é a minha última palavra.

**HOMEM** — Boa noite, então.

**MULHER** — Boa noite... (Um tempo. Depois, correndo atrás do homem que se afasta). Posso ir com você? Pela última vez, só hoje...? Ou estarei

sendo despudorada? Despudorada... mas o sangue não tem pudor... (Ela o segue. Blecaute.)

## SEGUNDO QUADRO (Sonho)

(Como no primeiro, este cenário também é apenas esboçado. Representa a sala de operações de uma Bolsa de Valores. Há uma plataforma sobre a qual se instala o *escriturário* e, à sua volta, *banqueiros* e *corretores*. O *escriturário* tem o mesmo rosto do *homem* do quadro anterior.)

**ESCRITURÁRIO** — Pronto, senhores. Estou anotando.

1º **BANQUEIRO** — Pela fábrica de armas, 350.

2º **BANQUEIRO** — Dou mais 400.

3º **BANQUEIRO** — 400? Vendido!

(O 4º *Banqueiro* puxa o 3º *Banqueiro* para a boca da cena, onde os dois conversam em tom confidencial. Ao fundo, os murmúrios habituais de compra e venda.)

4º **BANQUEIRO** — Você já soube? A Grande Ofensiva vai falhar, a retirada é inevitável.

3º **BANQUEIRO** — Faltam reservas, ou o quê?

4º **BANQUEIRO** — O material humano. Está ficando muito ruim.

3º **BANQUEIRO** — Falta alimentação?

4º **BANQUEIRO** — Entre outras coisas... Apesar do Professor Ude achar que centeio moído e fermentado a 95 graus é manjar suficiente.

3º **BANQUEIRO** — E a direção?

4º **BANQUEIRO** — Não podia estar melhor.

3º **BANQUEIRO** — Então... Não há álcool suficiente...?

4º **BANQUEIRO** — Ora, se não há! As destilarias de aguardente estão funcionando a pleno vapor!

3º **BANQUEIRO** — Mas o que é que está faltando, então?

4º **BANQUEIRO** — Bom, o general convocou 93 professores ao Quartel-General. Para não falar no Conselheiro Gluber, uma grande autoridade. E parece que já chegaram a alguns resultados...

3º **BANQUEIRO** — E que resultados são esses?

4º **BANQUEIRO** — Ah, chegamos a uma questão delicada... Não são resultados que possam ser revelados às famílias burguesas.

3º **BANQUEIRO** — Não vá me dizer que o... o amor entre os homens... enfraquece os soldados?!

4º **BANQUEIRO** — Por incrível que pareça, não. Aliás, a maioria dos homens odeia homens. Falta outra coisa.

3º **BANQUEIRO** — E o quê, posso saber?

4º **BANQUEIRO** — Prazer. De repente, revelou-se toda a mecânica da vida: as massas precisam de prazer.

3º **BANQUEIRO** — Como é que é?!

4º **BANQUEIRO** — Quatro simples letrinhas: A-M-O-R. Amor.

3º **BANQUEIRO** — Mas era só o que faltava! Isso lá é modo de se perder uma guerra, me diga? Um instrumento poderoso como a guerra, que faz tremer reis e Estados, ministros, parlamentares... que mobiliza a Imprensa e a Igreja... que se faz sentir sobre os mares, sobre todo o globo terrestre... Perdida dessa maneira?! O resultado é este mesmo, as suas fontes são seguras?

4º **BANQUEIRO** — Calma, você está calculando mal... A fonte do erro já é conhecida e será devidamente corrigida.

3º **BANQUEIRO** — Como?

4º **BANQUEIRO** — Por via internacional.

3º **BANQUEIRO** — E o pessoal está sabendo disso?

4º **BANQUEIRO** — Não, pelo contrário! O assunto é altamente sigiloso, e será patrioticamente camuflado. E o que é melhor: livre de taxas de câmbio.

3º **BANQUEIRO** — Escuta, e isso está bem... seguro?

4º **BANQUEIRO** — E como... O empreendimento está sendo dirigido por uma rede de bancos poderosíssimos.

3º **BANQUEIRO** — E os lucros? E os dividendos? Como é que ficam?

4º **BANQUEIRO** — Serão distribuídos regularmente.

3º **BANQUEIRO** — Bem, a forma do empreendimento me parece boa. Mas e o conteúdo?

4º **BANQUEIRO** — Como fachada, uma instituição chamada «Lar de Repouso»: para fortalecer os desejos de vitória... Como conteúdo — um bordel estatal.

3º **BANQUEIRO** — Fantástico! Podem contar comigo, subscrevo 100 mil. Só mais uma pergunta: quem está por trás da organização e execução?

4º **BANQUEIRO** — Os generais mais experientes. Além do que todos os regulamentos já foram checados por especialistas de primeira, e os planos já estão basicamente delineados. Haverá três preços, três categorias: bordel para oficiais, pernoite; bordel para sub-oficiais, uma hora; bordel para a soldadesca, 15 minutos.

3º **BANQUEIRO** — Muito obrigado pela informação. Quando será aberto o mercado?

4º **BANQUEIRO** — A qualquer momento...

(Os murmúrios de compra e venda continuam; os dois dirigem-se novamente para o grupo que cerca o *escriturário*.)

**ESCRITURÁRIO** — Há aqui uma nova admissão: a Ação Nacional Lar

de Repouso de Guerra, S.A. Algum interessado?

**UM CORRETOR** — Não tenho nenhum pedido.

1º **BANQUEIRO** — Os dividendos não me atraem.

3º **BANQUEIRO** — Subscrevo 100 mil. Valor nominal.

**ESCRITURÁRIO** — Está anotado.

4º **BANQUEIRO** — A mesma coisa para mim.

1º **BANQUEIRO** (Dirigindo-se ao 2º *Banqueiro*) — O Kuhle subscreve... o que é que você acha...?

2º **BANQUEIRO** — Acabei de receber um telegrama: a batalha no Oeste foi perdida!

1º **BANQUEIRO** — Cavalheiros, sua atenção, por favor! A Batalha no Oeste está perdida!

(Cria-se um clima de tumulto, há cochichos entremeados com gritos, um tom de urgência nas vozes, gritaria geral.)

**VOZES** — Perdida!

**VOZ** — Fábrica de armas, ofereço por 150!

**VOZ** — Truste Lança-Chamas, a bom preço!

**VOZ** — Livro de Orações de Guerra, Ltda., a bom preço!

**VOZ** — Fábrica de gás venenoso, a bom preço!

**VOZ** — Bônus de Guerra, a bom preço!

3º **BANQUEIRO** — Subscrevo novamente: 100 mil.

**VOZ** — Mas... com esta baixa...?!

**VOZ** — Quem falou em batalha perdida?

**VOZ** — Não será só boato, um golpe da Bolsa? Afinal, o Kuhle subscreveu 100 mil duas vezes...

2º **BANQUEIRO** — É trapaça! Eu compro, dou 150.

**VOZ** — Eu dou 200.

**VOZ** — Compro por 300.

**VOZ** — Ofereço 400.

**ESCRITURÁRIO** — Calma... estou anotando.

4º **BANQUEIRO** (Dirigindo-se ao 3º *Banqueiro*) — A raposa adivinha...

3º **BANQUEIRO** — Desculpe a pergunta, mas... nosso instrumento mais poderoso foi salvo?

4º **BANQUEIRO** — Que dúvida! A mecânica da vida é tão simples, meu amigo. Havia um furo, estava descoberto... *Estava*. E foi rapidamente tapado. Uma baixa ou uma alta eventuais são secundárias: o importante é a estabilidade a longo prazo. E, como consequência, a salvação do sistema...

**ESCRITURÁRIO** — Continuo anotando.

(Entra o *acompanhante*. No seu rosto, um amálgama dos traços da morte e de uma vida tensa. Conduz a *mulher*.)

**O ACOMPANHANTE** — Cavalheiros, cavalheiros... Os senhores estão fazendo anotações de forma muito precipitada, estão misturando in-

gredientes muito explosivos... Sangue e sistema! Ser humano e sistema! Cuidado, senhores... O seu brinquedo é muito frágil, pode quebrar-se ao menor esbarrão. Muito cuidado! (Para a *mulher*) Fala!

*MULHER* (Em tom baixo) — Cavalheiros, eu lhes peço... Há seres humanos, eu repito, seres humanos...

(A luz se apaga sobre o *acompanhante* e a *mulher*. Faz-se um silêncio súbito, que é cortado pelo 3º *Banqueiro*.)

3º *BANQUEIRO* — Vocês ouviram? Deve ter sido algum acidente numa mina qualquer. Há seres humanos passando por necessidades.

4º *BANQUEIRO* — Ora, isso não é nada, podemos tomar providências imediatas. Sugiro, por exemplo, uma festa beneficente... um baile aqui mesmo, que tal? Na sala de operações da Bolsa de Valores... Em torno da plataforma... Um baile contra a miséria, com a renda revertendo em benefício dos necessitados! Se estiverem de acordo, eu doo, desde já, uma ação do Lar de Repouso de Guerra S.A.

*VOZ* — Mas... e as moças para o baile?

4º *BANQUEIRO* — Ora, isso é o que há de mais fácil. Podem ter tantas quanto quiserem. Chamem o porteiro, ou transmitam-lhe a ordem: quinhentas lindas e refinadas moças para cá! Imediatamente! E, enquanto isso...

*BANQUEIROS & CORRETORES* — Doamos! Dançamos! Com renda para os necessitados! (Música marcada com o som de moedas retinindo. Os *banqueiros*, de cartola, dançam um fox-trote animado em torno da plataforma do *escriturário*, enquanto a luz desce, em resistência, sobre a *mulher* e o *acompanhante*. Blecaute.)

### TERCEIRO QUADRO

(Este quadro começa com o palco ainda escuro. O *Coro das Massas* vem de longe, quase um eco.)

*CORO DAS MASSAS* — Nossa prisão é perpétua: para sempre estaremos confinados em espaços estreitos, entre as quatro paredes de nossas casas humildes, na engrenagem de um sistema que, vivendo de nós, nos ignora; não somos ninguém e somos todo mundo. Não temos rosto, mas nossas noites são cheias de lágrimas; nascemos, estamos aqui — mas onde nossas mães? Nosso grito nasce das profundezas das fábricas: quando teremos direito ao amor? Quando poderemos defender a nossa causa? Quando vamos nos salvar?

(O palco se ilumina. Como os outros, este também é um cenário esboça-

do: o salão, em que se destaca uma mesa comprida. Sentada, ao centro, a *mulher*; dos lados e na platéia, *operários* e *operárias*.)

*OPERÁRIAS* — Cada batalha gera uma nova batalha. Não podemos demonstrar insegurança com os patrões, não, de jeito nenhum! É fundamental que não haja hesitação, nem qualquer acordo. Já pedimos a um grupo de camaradas que ponham dinamite nas máquinas — e aí, amanhã, as fábricas vão se desintegrar no ar! Odiamos as máquinas! Elas nos comprimem como se fôssemos gado num matadouro; elas nos prendem, nossas vidas se desenrolam nos tornos; elas martelam os nossos corpos e a pressão é diária, é contínua... Até que nós, também, acabamos virando rebites e parafusos... muitos parafusos, de três, de cinco milímetros... parafusos, todas nós! As máquinas secam os nossos olhos e o nosso coração, apodrecem nossas mãos na flor da idade... Abaixo as máquinas! Abaixo as fábricas!

*GRITOS* — Abaixo as fábricas! Abaixo as máquinas!

*MULHER* (Erguendo-se) — Esperem, camaradas! Um dia, e também já disse iso, eu também dei esse mesmo grito — Abaixo as fábricas! Eu estava tão desesperada quanto vocês estão, eu me sentia vítima da sofreguidão implacável das máquinas — e ainda não tinha a minha consciência de hoje. Porque hoje sei que este grito não passa de um sonho, como o sonho das crianças que, por terem medo do escuro, não têm coragem de se aventurar na noite. E esse sonho impede que vocês se dêem conta de uma realidade incontestável: nós vivemos no Século Vinte, camaradas, e já não há como destruir as máquinas. Mesmo que conseguíssemos juntar toda a dinamite da terra e que, numa noite de ação, mandássemos pelos ares todas as fábricas, na primavera seguinte elas já teriam mais uma vez brotado, e com ímpeto renovado para recuperar o tempo perdido — cada vez mais violentas, cada vez mais ferozes. Não, camaradas, o importante não é destruir as fábricas, e sim domá-las; é fazer com que trabalhem a favor do homem, ajudando-o a levar uma vida mais digna. O importante, repito, é que a alma do homem subjogue a máquina!

*GRUPO DE JOVENS OPERÁRIOS* — É impossível, nós não temos nem tempo nem outra saída! Temos que destruí-las! Enquanto discutimos e desgastamos o nosso desejo de vingança com palavras, eles constroem palácios; enquanto nossos irmãos apodrecem nas trincheiras, eles dançam e se divertem com jogos coloridos. À noite, quando lemos os jornais, choramos; e pensamos em como poderiam ser as nossas vidas num mundo diferente. Eles ficaram com tudo, eles nos sugaram até a última gota de sangue e de esperança — e isso dói. De vez em quando, no teatro, essa nova outra vida toma corpo e os nossos sonhos se realizam... Como é bonito! E como é triste, porque é só de vez em quando, e é só no teatro. A realidade do nosso dia-a-dia é bem diferente. Nossa juventude foi destruída na escola deles, a mesma escola que despedaçou nossas al-

mas. Não estamos reivindicando palácios ou bailes de sonho. Tudo o que pedimos é uma miséria um pouco menos... miserável...! Uma miséria menos fedorenta do que a de hoje, erguida sobre os vapores venenosos das máquinas. Afinal, quem somos hoje? Não, não queremos mais esperar!

**UM GRUPO DE LAVRADORES** — Nós fomos expulsos de nossas terras, que para nós era o que havia de mais sagrado, a fonte de toda a vida, como mães... Os ricos compraram nossas terras como se fossem prostitutas baratas, divertem-se nelas para matar o tédio. Nós fomos enviados a fábricas de armas, onde nossos braços, acostumados a vibrar enxadas, se gastam nos tornos e nas linhas de montagem. Arrancados ao nosso chão, estamos desfinhando: essas cidades cinzentas e melancólicas destroem o que ainda resta de força em nós. Queremos terra. E terra para todos!

**CORO** — Terra para todos!

**MULHER** — Um dia estava andando pelos alojamentos populares que os patrões mandaram erguer. A chuva pingava pelos tetos de ripas, as paredes estavam todas mofadas; e num desses casebres encontrei um inválido, sentado a um canto, que sorrindo envergonhado comentou comigo: «Até que era capaz de ser melhor lá fora, com chuva e tudo. Para viver numa pocilga dessas...» Eu me senti tão envergonhada quanto ele. Mas há uma saída, camaradas, há uma saída para nós, que somos fracos e odiamos canhões: a greve! Que nem um dedo se mexa mais; a paralisia geral é a nossa ação mais forte. Parados, seremos indestrutíveis, e romperemos as correntes sem qualquer violência. Ainda não foi inventada a arma que possa nos vencer numa greve. Formemos nossos batalhões silenciosos de paz! Eu grito: GREVE! Vocês entendem, camaradas? Eu grito: GREVE! Há seis anos nossos corpos são devorados pela guerra, há mulheres grávidas que desmaiam na rua, porque a fome impede que aguentem o peso dos filhos que carregam no ventre! Em casa, em vez de aconchego, encontram a epidemia e a loucura à espreita, e a fome, sempre a fome, desesperadora. E, lá fora... vocês vêem, há bacanais e o dinheiro rola, supostas vitórias são comemoradas com champanha e dança, há uma espumante sensualidade em torno de altares de ouro. Lá fora... Mas vocês já viram o corpo lívido dos seus irmãos, sentiram a sua úmida rigidez sob a geada noturna. Vocês já sentiram o hálito de putrefação. E agora, ouvem os gritos? Chegou a sua vez! Nós, que estamos acorrentados aos canhões, impotentes, nós gritamos e o nosso grito é um pedido: «Ajudem-nos! Sejam a ponte!» Vocês entendem! Eu grito GREVE! Ouçam bem o que vou dizer: quem continua a alimentar as fábricas de armas, está traindo o seu irmão. Pior: Está matando o seu irmão! Quanto a vocês, mulheres, pensem nos seus homens lá fora, nos campos de batalha... Lembrem-se da lenda daquelas mulheres que ficaram estéreis para sempre, porque ajudaram na fabricação das armas que mataram os ho-

mens. Lembrem-se dos que estão lá, nas máquinas... É por isso que eu grito: GREVE!

**CORO** — GREVE! Queremos greve!

(De repente, do meio da massa sai um homem, que vai até a tribuna e se coloca ao lado direito da mulher. É o anônimo.)

**O ANÔNIMO** — Quem quer construir uma ponte sólida, deve pensar primeiro nos pilares. A greve, hoje, é a ponte — mas é uma ponte sem pilares! Nós precisamos de mais do que uma simples greve! Através da greve, vocês eventualmente conseguirão forçar a paz. Uma paz, quer dizer, apenas mais uma trégua. Só isso. Mas a guerra tem que acabar para todo o sempre, mesmo que, antes disso, seja necessária uma última batalha, a mais feroz de todas, sem qualquer contemplação. Acabarem com a guerra agora não vai adiantar nada. A eventual paz que vocês conseguirem não vai alterar em nada o seu destino. A greve é a máscara da paz, que esconde a rotina de sempre e o eterno destino das massas; a luta representa um novo destino. Não sejam idiotas, arranquem os alicerces deste sintoma apodrecido de uma vez por todas! E aí o dilúvio poderá arrastar toda essa estrutura fedorenta, resguardada da destruição, até agora, por correntes douradas. Vamos construir um novo sistema, um sistema justo, em que cada um tenha os mesmos direitos. As máquinas pertencem aos operários, e não aos patrões. Já passou o tempo em que eles podiam partir impunemente, apoiados nas nossas costas encarquilhadas, à cata de tesouros mirabolantes, escravizando povos estrangeiros e usando a guerra, como um meio como outro qualquer, para acumular mais e mais riquezas. Eles mandavam os jornais, todos mentirosos, gritarem «Pela Pátria!», «Pela Pátria!» — mas o que devia ser lido mesmo, nessas manchetes, era «Por mim!», «Por mim!» Esse tempo passou, eu lhes digo, camaradas. Hoje, no mundo inteiro, as massas gritam, com a mesma voz, que as máquinas pertencem aos operários! Que as fábricas pertencem aos operários! Que o poder pertence aos operários! Todos... por todos! Nós precisamos mais do que a greve! o meu brado é de guerra: vamos à luta! Vamos à Revolução! Não se iludam, o inimigo, lá em cima, não se interessa a mínima por palavras de efeito: temos que falar-lhe na linguagem que conhece. O poder contra o poder! A violência contra a violência!

**UMA VOZ** — Às armas!

**O ANÔNIMO** — Isso mesmo! Vocês só precisam de armas. Basta encontrá-las: assaltem a prefeitura, os quartéis... E o brado de guerra será VITÓRIA!

**MULHER** — Camaradas! Escutem...

**O ANÔNIMO** — Cale-se, camarada! Não é com apertos de mão, orações e pedidos fervorosos que se geram crianças; nem é com sopas aguadas que se curam tuberculosos. Para derrubar árvores é preciso usar machados.

**MULHER** — Camaradas, por favor! Vamos evitar novos assassinatos!  
**O ANÔNIMO** — Ora, camarada, cale-se! O que é que você sabe da nossa vida! Você consegue sentir a nossa miséria, admito; mas por acaso já passou dez horas no fundo de uma mina? Já viu as crianças pálidas, sem lar, que se refugiam em barracões caindo aos pedaços durante à noite? É, é assim: dez horas no fundo das minas e, à noite, aqueles barracões infectos... É assim o cotidiano das massas, assim é a sua sorte. Você não é massa, camarada; eu sou. E massa é destino!

**CORO** — É destino!

**MULHER** — Mas pense bem, camarada: a massa é fraca, é impotente...

**O ANÔNIMO** — Você não podia estar mais enganada! A massa é força e liderança.

**CORO** — A massa é força! A massa é liderança!

**MULHER** — Os meus sentimentos me unem a vocês, a minha consciência grita mais alto: **NÃO!**

**O ANÔNIMO** — Pelo bem da causa, camarada, cale-se! Para que serve o indivíduo, os seus sentimentos, a sua consciência? O que conta é a massa. Pense bem: uma única luta sangrenta a mais, e depois... a paz eterna. Chega de subterfúgios, chega daquela paz de outrora em que, por baixo da máscara, a guerra se agitava sem cessar! Era a guerra dos fortes contra os fracos, a guerra da exploração, a guerra da avidez! Pense bem, camarada: estou propondo o fim da miséria! Estou propondo um futuro em que os crimes não passarão de lembranças semi-esquecidas. Em cada alvorada, brilhará a liberdade! Para todos os povos da terra! Não estou falando sem pensar: a guerra é absolutamente necessária à causa. As coisas que você diz só fazem dividir as opiniões; portanto, pelo bem de todos nós, cale-se!

**MULHER** (Vacilante) — Você é massa... Você deve estar certo...

**O ANÔNIMO** — Que sejam, então erguidos os pilares da ponte, camaradas! Ai de quem se puser no nosso caminho! Será esmagado — massa é ação!

**CORO** (Aos gritos, a multidão vai saindo do salão, intempestivamente) — Queremos ação! **AÇÃO!!!**

(Blecaute.)

#### **QUARTO QUADRO (Sonho)**

(Este também é um cenário esboçado: um pátio cercado de muros muito altos. É noite e no centro do palco um lampião de querosene ilumina mal e mal a cena. Do fundo, de direções diferentes, surgem três guardas, de aspecto proletário. Cantam.)

**1º GUARDA** — A mim me intimaram: prisão ou... caserna! (Canta um refrão sem palavras, seguindo a linha melódica inicial: lá lá lá, ô, ô, ô, algo assim.)

**2º GUARDA** — Meu pai, num puta porre, me esqueceu na taberna... (Junta-se ao 1º Guarda no refrão.)

**3º GUARDA** — E minha mãe? Me pariu numa caverna...

(Os três entoam juntos o refrão. Enquanto isso, vindo muito devagar, como se surgisse do nada, aparece o Anônimo, que pára ao lado do lampião e contempla a cena.)

**3º GUARDA** — Meu pai deu no pé, «abandono do lar»!

**TODOS** (Cantam o refrão.)

**2º GUARDA** — Minha mãe fez michê, pra me sustentar!

**TODOS** (Cantam o refrão.)

**1º GUARDA** — Eu era o tarado do Grupo Escolar!

**TODOS** (Cantam o refrão.)

**O ANÔNIMO** — Isso! Dancem também! Eu toco para vocês!

**GUARDAS** (Assustados mas, agora, falando normalmente) — Alto! Quem é você?

**O ANÔNIMO** — Por acaso eu perguntei o nome de vocês, anônimos?

**GUARDAS** — A senha...?

**O ANÔNIMO** — A massa é anônima.

**GUARDAS** — É anônima! Ele é um dos nossos!

**O ANÔNIMO** — Sou. Escutem a minha música: eu sou o mensageiro da decisão!

(Começa a tocar uma gaita: a música é excitante, às vezes tem um balanço sensual, às vezes um ritmo quase agressivo. Atraído pelo som, surge o condenado, com uma corda no pescoço. Ele pode cantar, acompanhando a música que o anônimo toca, ou simplesmente dizer sua fala, sobre os sons da gaita.)

**CONDENADO** — Em meu nome, em nome de todos os condenados à morte, peço uma última graça — a dança! A dança é essência de tudo, a essência da vida, e a vida, nascida da dança, nos impele... à dança! À dança do prazer e à dança da dor, à dança mortal do tempo...

**GUARDAS** (Perfilados, falando em tom solene) — O último desejo dos condenados é sagrado. Que entrem os convidados!

**CONDENADO** (Gritando, para o escuro) — Vocês, hóspedes secretos da morte, venham todos! É a nossa última dança, esqueçam os caixões que já os esperam enfileirados na carpintaria!

(Aos poucos, os condenados, todos com cordas no pescoço, vêm surgindo do escuro, acompanhados por prostitutas, e comçam a dançar com os guardas em torno do anônimo, ainda tocando a sua gaita. Em meio à dança ouvem-se, a intervalos, as frases dos guardas.)

**1º GUARDA** — Vim parar na caserna...

2º *GUARDA* — Me esqueceram na taberna...

3º *GUARDA* — Nasci numa caverna...

(A dança continua até que o *anônimo*, bruscamente, pára de tocar. Os condenados e as prostitutas desaparecem no escuro, os *guardas* põe-se a postos. Há um silêncio que se interrompe com os passos do *acompanhante*, que vem com a *mulher*, apertada contra si.)

*O ACOMPANHANTE* — A caminhada até aqui foi cansativa, eu sei, mas vale a pena. Olha só: o drama já vai começar. E se as sensações te atraírem, você sempre pode entrar no jogo também...

(Entra o *guarda* com o *prisioneiro*, que tem o rosto do *homem*. Leva-o até o *anônimo*.)

*O ANÔNIMO* — Foi condenado pelo tribunal?

*GUARDA* — Foi. Atirou contra nós — assinou com isso a sentença de sua própria morte.

*PRISIONEIRO* — M... Morte...?!

*O ANÔNIMO* — Como, está com medo? Mas você é um homem responsável por suas ações, não é não? Qualquer um sabe disso. Veja: (dirigindo-se ao *guarda*) Vamos, guarda, responda: quem deu o exemplo das sentenças de morte? Quem forneceu armas? Quem elegeu «heróis», quem distribuiu condecorações, quem os congratulou pelos seus «grandes feitos»? Quem glorificou a violência?

*GUARDA* — As escolas, os quartéis, a guerra... o sistema, como sempre.

*O ANÔNIMO* (Para o *prisioneiro*) — Viu? Ah, violência... violência... Por que atirou?

*PRISIONEIRO* — Porque eu prestei juramento ao Estado.

*O ANÔNIMO* — Não há do que se queixar, então. Morres pela tua causa!

*GUARDAS* — Ao paredão!

*O ANÔNIMO* — As espingardas estão carregadas?

*GUARDAS* — Estão.

*PRISIONEIRO* (No paredão) — Não, por favor! Eu quero viver! Eu quero viver!

(A *mulher* solta-se do *acompanhante*.)

*MULHER* — Não, não atirem! Este é meu marido! Perdoem-no, como eu mesma já o perdoei! Afinal, o perdão é um sentimento mais forte do que qualquer outro, está acima da própria luta... Por favor!

*O ANÔNIMO* — E eles... eles nos perdoam?

*MULHER* — Não, eu sei. Mas eles lutam pelo povo? Eles lutam pela humanidade?

*O ANÔNIMO* — Você sabe que não é o indivíduo que conta, e sim a massa.

*GUARDAS* — Ao paredão!

1º *GUARDA* — O perdão não passa de covardia. E contra os da laia desse aí, é mais, é um crime contra nós mesmos. Ontem mesmo escapei dos inimigos lá do outro lado. Estava no paredão, o corpo coberto de marcas feitas pelas botas, pelos punhos, pelos chicotes. Ao meu lado, estava o meu carrasco. Tive que cavar a cova com minhas próprias mãos, essas mãos aqui, nuas... À nossa frente, o fotógrafo oficial esperava ansioso o momento de gravar minha more na chapa de sua máquina, mais um curioso documento «humano» para apreciação das classes burguesas. Sabem por quê? Estou cagando até para a Revolução e para o perdão, seja lá de quem for! São muito engraçadinhos os assassinos deles, e nós estamos nos transformando na piada favorita deles!

*GUARDAS* — Ao paredão!

(Neste instante, o rosto do *prisioneiro* transforma-se no rosto de um *guarda*.)

*MULHER* (Para o 1º *guarda*) — Ontem, você estava contra o paredão... hoje, novamente... Mas você é um homem! Você... você tem que se reconhecer a si mesmo!!

1º *GUARDA* — O que conta é a massa!

*MULHER* — O que conta é o homem!

*GUARDAS* — O que conta é a massa!

*MULHER* — Está... bem... Eu me entrego. Eu me entrego a todos. (Risinhos maliciosos dos *guardas*; inesperadamente, a *mulher* corre e se põe ao lado do *homem*, contra o paredão.)

*MULHER* — Então, aproveitem! Atirem! Eu renuncio à causa... (Blecaute.)

## QUINTO QUADRO

(O cenário é o mesmo do terceiro quadro: o salão de reuniões. O dia começa a clarear e a luz que se filtra pelas janelas ilumina de forma baça a tribuna, onde a *mulher* e o *anônimo* continuam sentados na mesma disposição anterior, ela à esquerda, ele à direita. Há operários e operárias espalhados pelo ambiente e, junto às portas, alguns deles montam guarda.)

*MULHER* — Há novas notícias? Acho que cochilei... desculpe, camarada.

*O ANÔNIMO* — Elas não param de chegar: guerra é guerra, um jogo sangrento de forças que é preciso avaliar fria e constantemente. Antes da meia-noite, ocupamos a Estação Ferroviária. À uma da manhã, porém, estava perdida. Em compensação, a sede dos Correios está em nossas mãos. No momento, estamos reunindo novos batalhões para fortalecer



os ataques e acabamos de despachar telegramas comunicando a todos os povos o nosso feito.

**MULHER** — «O nosso feito!» Que belas palavras!

**O ANÔNIMO** — *Santas* palavras, camaradas. Mas essa santidade só se consegue através de armaduras impenetráveis, não com falas de um coração ardente. Essa santidade, exige uma batalha sem trégua ou contemplação.

(Há um silêncio pesado no ar.)

**MULHER** — Desculpe, camarada, mas no fundo, eu não posso aceitar este tipo de batalha! A luta armada é a violentação do homem!

**O ANÔNIMO** — Ora, a batalha que se trava com as armas do espírito também não deixa de ser uma violentação. Todo discurso é violentação! E não há motivo para que fique tão deprimida, só porque lhe digo a verdade. Se eu pensasse como você, estaria há anos num daqueles mosteiros em que o voto de silêncio é perpétuo.

**1º OPERÁRIO** (Entra correndo) — Trago notícias! Atacamos a Estação Ferroviária três vezes em seguida, e nas três ela resistiu. O lugar está assim de mortos... Os deles que ainda estão lá, porém, estão bem entrincheirados, e equipados com lança-chamas, granadas e bombas de gases venenosos.

**O ANÔNIMO** — Atacaram três vezes... E a quarta, por que não atacaram quatro vezes?

**1º OPERÁRIO** — Não pudemos. Os de lá nos atacaram antes.

**O ANÔNIMO** — Bem, pelo menos vocês resistiram. Estão precisando de reforços?

**1º OPERÁRIO** — Estamos. Fomos praticamente liquidados.

**O ANÔNIMO** — Numa luta como a nossa, um revés destes é de se prever. Olha aqui — Corre até o 13º Distrito. É lá que estão reunidas as nossas reservas. Vai! Rápido, homem!

(O operário sai correndo.)

**MULHER** — Você ouviu, camarada? Ele falou em mortes! Centenas de mortos... Ainda ontem, falei contra a guerra... e agora, estamos permitindo que irmãos nossos morram como moscas!

**O ANÔNIMO** — Você não percebe a diferença? Ontem, nós estávamos em guerra, é verdade, mas éramos escravos.

**MULHER** — E agora?

**O ANÔNIMO** — Continuamos em guerra. Mas somos homens livres. (Faz-se um silêncio constrangedor.)

**MULHER** (Aturdida) — Mas a guerra é igual à outra... O preço é igual... Sangue, sempre sangue...

**2º OPERÁRIO** (Entra correndo) — Perdemos os Correios! Nosso pessoal está em retirada, o inimigo é implacável: os que caem presos são sumariamente abatidos!

**1º OPERÁRIO** (Entra, resfolegante) — Acabo de vir do 13º Distrito! Todas as saídas, todas as ruas estão bloqueadas... O Distrito rendeu-se, e está depondo as armas!

**3º OPERÁRIO** — Está tudo perdido, fracassamos!

**MULHER** — Eu sabia... Tinha que fracassar...

**O ANÔNIMO** — Cale-se, camarada. Nós não fracassamos. É possível que hoje nossas forças tenham sido poucas, mas amanhã teremos batalhões redobrados!

**4º OPERÁRIO** (Do lado de fora da sala, gritando por uma janela) — Eles estão atacando! É uma carnificina... Meu pai foi fuzilado, minha mulher fuzilada também...

**O ANÔNIMO** — Morreram pela massa, seu sacrifício não será em vão. Ainda podemos nos defender. Levantem barricadas! Nosso sangue ainda anseia pela luta: que venha o inimigo, estamos preparados!

(Vários operários irrompem sala adentro: a próxima fala pode ser dita por apenas um deles, ou por todos, alternando-se as frases.)

**OPERÁRIOS** — É um massacre, estão matando quem encontram pela frente: homens, mulheres, crianças... Não podemos nos entregar, seremos mortos como bois num matadouro: eles estão trucidando todo mundo. Nossa única saída é a defesa, nossa única salvação... Protegidos por suas próprias leis, eles estão nos matando como se fôssemos animais em fuga; nossas cabeças foram postas a prêmio! Ainda temos armas nas mãos e temos prisioneiros: fuzilamos a metade, os demais serão fuzilados se o pelotão nos atacar!

**O ANÔNIMO** — Fizeram bem: vocês vingaram seus irmãos. A massa também é a vingança de uma injustiça secular. A massa é vingança!

**CORO** — Vingança!

**MULHER** (Desesperada) — Parem, camaradas, por favor! Vocês enlouqueceram com a luta... Não posso concordar com isso, a massa deveria ser o povo unido em amor e não em armas; a massa deve ser uma comunidade. E uma comunidade não se faz de vingança! Uma comunidade destrói de forma pacífica os alicerces da injustiça, uma comunidade planta com trabalho nas árvores da justiça! O homem cuja maior ambição é a vingança está envenenando o próprio coração! Imaginem... a metade fuzilada! E para quê? Por quê? Isso não foi um ato de legítima defesa, foi um impulso cego de ódio! O ódio não é um serviço prestado à causa, camaradas! Vocês estão agindo exatamente como eles. Estão matando tanto quanto eles — mas, matando-os, acham que estão matando o espírito do Estado que pretendem combater? É claro que não! Pensem nesses homens que vocês estão matando: eu penso. E sofro por eles. Minha consciência chegou a ficar anestesiada pelo bem da massa, mas isso é demais! Está certo que o sistema seja destruído... Eu mesma quero a destruição do sistema! Mas você (dirigindo-se ao anônimo), você quer a destruição

das pessoas! E isso eu não posso aceitar! Como nós, como vocês, eles também são gente... também foram gerados pelo sangue de suas mães que, agora, choram por eles... São nossos irmãos!

**O ANÔNIMO** — Pela última vez, camarada: faça o favor de calar a boca! Você fala de violência... mas eles não poupam sequer nossas carcaças! Uma luta dura como a nossa não pode ser travada com olhares piegas. Mães que choram... isso não passa de uma futrica de comadres! Não dêem ouvidos a essa mulher!

**MULHER** — Camaradas, escutem, por favor... Eu lhes peço, parem! Você... mas quem é você! E o que é que te move, a volúpia do poder, solta de repente depois de séculos de confinamento? É isso? Quem... quem é você? Um mensageiro do extermínio, ou da salvação? Vamos, mostre seu rosto, diga-me quem você é...

**O ANÔNIMO** — Eu sou massa.

**MULHER** — Massa... você! Você é um ser nojento, uma criatura insuportável, que me dá engulhos. Camaradas, pensem nos homens que estão matando! Durante muitos anos vivi com eles, nasci em seu meio... Fui criada em ambientes limpos e arejados, nunca passei fome, nunca ouvi a gargalhada histérica da madeira dos barracões rangendo ao vento... Eu sei que vocês sofreram mais do que eu, e sinto o que vocês sentem. Eu os conheço, camaradas, e me alieei a vocês por conhecê-los. Agora venho como uma criança humilde pedir-lhes que, por favor, escutem o que tenho a dizer: destruam os alicerces da injustiça, rompam os grilhões da sua escravidão dissimulada, acabem com as armas de um tempo morto e apodrecido. Acabem com o ódio! Acabem com a vingança! A vingança não traduz nenhum desejo de mundança, não é o espelho de uma revolução; a vingança é justamente a pedra que estilhaça este espelho, o machado que divide a vontade ardente, cristalina e férrea de levar a revolução a cabo!

**O ANÔNIMO** — Como é que você tem coragem de envenenar a hora de nossa decisão, mulher?! Eu sei o que está atrás das tuas palavras e a razão dos teus argumentos: no fundo, você está defendendo a sua classe, a classe dos nossos inimigos, a que você pertence e nunca deixou de pertencer! Você é a traição!

**CORO** (Em tom ameaçador) — Traição!

**UMA VOZ** — A grande intelectual...

**OUTRA VOZ** — Ao paredão com ela!

**O ANÔNIMO** — Ao tentar proteger nossos inimigos, você está nos traindo. O momento requer ação — ação imediata, sem contemplação. É simples: quem não está conosco, está contra nós. A massa é o que importa.

**CORO** — A massa é o que importa!

**O ANÔNIMO** — Você está presa!

**MULHER** — Eu? Protegendo os da minha classe! Nunca! Eu estou ten-

tando proteger vocês, não percebem? Vocês é que estão contra o paredão e não se dão conta disso. Eu estou tentando proteger as nossas almas, estou tentando proteger a humanidade, que é única e eterna... (Para o *anônimo*) Você está inteiramente louco! Interpreta as minhas palavras como se elas fossem ditadas pelo medo... mas eu nunca desceria tão baixo! A minha força é maior do que a tua, porque a minha posição partiu de uma opção, ao contrário da tua...

(Um operário entra na sala.)

**OPERÁRIO** — Um dos prisioneiros está miando sem parar, lá fora! Diz que quer ver a líder...

**O ANÔNIMO** — Então prova o que você disse!

**MULHER** — Ora, você vive mentindo! (Para o *operário*) Quer falar comigo? Quem? Talvez... talvez seja ele. Mas agora, depois disso tudo, eu não o trairia mais; a traição aqui já foi cometida, e não por mim. Vocês se traíram a vocês mesmos... E eu... ai, eu já não sei de mais nada!

(Enquanto ela fala, o *anônimo* deixa a tribuna e desaparece entre as pessoas. Do lado de fora, chegam mais operários.)

**OPERÁRIOS** — Estamos perdidos!

**VOZES** — Vamos fugir! Vamos lutar!

(Ouvem-se tiros do lado de fora. Há um corre-corre, os operários tentam escapar pelas portas e janelas.)

**VOZES** — Não adianta, as portas estão trancadas! Estamos todos encurralados aqui dentro!

(Há um silêncio pesado, vindo da expectativa da morte.)

**UMA VOZ** — É o nosso fim, camaradas. (Começa a cantar a *Internacional*; aos poucos, os outros se juntam a ele, num coro imponente. No final, a canção é interrompida por rajadas de metralhadora: as portas são arrombadas por soldados empunhando fuzis engatilhados.)

**OFICIAL** — Qualquer resistência é inútil! Todos de mãos ao alto! Mãos ao alto, eu já disse! E onde está a tal líder? Por que não está de mãos ao alto, como todo mundo? (Para um soldado) Algemem-a!

(A mulher é algemada.)

(Blecaute.)

## SEXTO QUADRO (Sonho)

(O espaço do palco, inteiro, sem limitações. No centro, uma jaula, iluminada por um único foco de luz que balança acima dela. Dentro, de joelhos, a mulher, *algemada*. Do lado de fora, o acompanhante como *guarda* que a observa, vestido num jaleco de enfermeiro.)

ALGEMADA (Como quem acorda) — Onde estou?  
 GUARDA — No necrotério dos vivos.  
 ALGEMADA — Essas sombras... manda essas sombras embora!  
 GUARDA — Você vai ter que se livrar delas sozinha.  
 (Surge, de algum lugar, *uma sombra* escura, sem cabeça)  
 1ª SOMBRA — Você não me reconhece? Fui fuzilado. Assassina!  
 ALGEMADA — Não, não... eu não matei ninguém!  
 (Misteriosamente, como a anterior, surge *uma segunda sombra*.)  
 2ª SOMBRA — Eu também morri, e a culpa é sua. Assassina!  
 ALGEMADA — É mentira, é mentira!  
 (Aos poucos, vão surgindo outras *sombras*.)  
 3ª SOMBRA — Assassina!  
 4ª SOMBRA — Assassina!  
 5ª SOMBRA — Assassina!  
 6ª SOMBRA — Assassina!  
 ALGEMADA (Desesperada) — Guarda! Guarda! Me ajude!  
 (Indiferente, o *guarda* solta uma gargalhada.)  
 ALGEMADA — Mas eu nunca quis sangue...!  
 1ª SOMBRA — Mas você se calou!  
 2ª SOMBRA — Se calou quando investimos contra o arsenal...  
 3ª SOMBRA — Se calou quando as armas foram roubadas...  
 4ª SOMBRA — Se calou quando começou a batalha...  
 5ª SOMBRA — E mais uma vez se calou quando novos batalhões se juntaram à luta.  
 6ª SOMBRA — Quem cala consente — você é culpada.  
 SOMBRAS — Você é culpada!  
 ALGEMADA — Não, não... eu só quis evitar mais fuzilamentos...  
 1ª SOMBRA — Não adianta você se enganar a si mesma. Antes disso, já havíamos sido mortos.  
 SOMBRAS — E foi você quem nos matou!  
 ALGEMADA — Fui...?  
 SOMBRAS — Foi! Você é culpada, três vezes culpada!  
 ALGEMADA (Aturdida) — Eu... culpada...  
 (As *sombras* desaparecem. De algum lugar, surgem *banqueiros* de cartola.)  
 1º BANQUEIRO — Vendo uma ação de culpa, pelo valor nominal...  
 2º BANQUEIRO — E daí? As ações de culpa foram retiradas do mercado!  
 3º BANQUEIRO — Não valem mais nada, não passam de pedaços de papel sem qualquer serventia.  
 BANQUEIROS — É, precisamos contabilizar as ações de culpa como prejuízo!  
 ALGEMADA (Erguendo-se) — Eu sou... culpada!  
 (Luz desce em resistência sobre os banqueiros.)  
 GUARDA — Você é mesmo uma idiota, com este seu sentimentalismo!

Se estivessem vivos, estariam dançando em torno do altar de ouro, ao qual milhares de pessoas foram sacrificadas. Inclusive você!  
 ALGEMADA — Mas eu, como ser humano, sou culpada!  
 GUARDA — Ora, a massa é que é culpada!  
 ALGEMADA — O que só me torna duplamente culpada!  
 GUARDA — Que bobagem! A vida é culpada.  
 ALGEMADA — E será por isso, então, que eu me tornei culpada também?  
 GUARDA — Cada qual sabe de si; cada qual vive sua vida, cada qual morre sua morte. O homem é como uma árvore, uma forma predestinada, presa à sorte. Ao evoluir, vai se desdobrando, como se lhe nascessem galhos; e nessa mesma evolução se destrói. Você tem que encontrar a sua própria resposta, mas uma coisa eu posso te dizer: o importante é viver! (Enquanto ele fala, os *banqueiros* desaparecem e, sem que se saiba exatamente de onde, surgem *prisioneiros* uniformizados. Trazem a cabeça coberta com capuzes com fendas para os olhos e, sobre o peito, números grandes. Andam de forma compassada e monótona e ficam circulando em torno da jaula, silenciosos.)  
 ALGEMADA — Quem são vocês? O que significam esses números? E por que vocês não têm rosto? Respondam, por favor, quem são vocês, massa sem rosto?  
 ECO (Vindo de longe, abafado) — A massa...  
 ALGEMADA — Meu Deus!!!  
 ECO (Quase sumindo) — A... massa...  
 (Há um silêncio pesado — os *prisioneiros* continuam caminhando, mas os seus passos não devem ser ouvidos.)  
 ALGEMADA (Num grito) — Mas a massa não é culpada! É levada pela fatalidade!  
 GUARDA — O homem também não é culpado.  
 ALGEMADA — Quem é culpado, então? Deus?!  
 ECO (Ao longe) — Deus... é... culpado... culpado... culpado...  
 GUARDA — Mas Deus está em você, como em todos os homens.  
 ALGEMADA — Se isso é verdade, eu sou mais do que Deus!  
 GUARDA — Você?! Você é uma ameba, um protozoário, isso que você é! Profanando o nome de Deus!  
 ALGEMADA — Será? Será mesmo que eu profanei Deus? Ou não terá sido Deus quem profanou o homem? Hem? Criando essa noção absurda e monstruosa de culpa em que, pela fatalidade, os homens acabam se entre-devorando? Pois eu ponho Deus perante um tribunal, e o acuso!  
 ECO (Ao longe) — Perante... um... tribunal...  
 (Os *prisioneiros* param de andar e erguem os braços, punhos cerrados.)  
 PRISIONEIROS — Nós acusamos! (Desaparecem.)  
 GUARDA — Você está curada. Pode sair.

ALGEMADA (Gaguejando) — Eu... eu estou... livre?!

GUARDA — Livre? Não. Você está livre.

(Blecaute.)

### SÉTIMO QUADRO

(O cenário é a cela de uma prisão. Há uma mesa, uma cadeira, uma cama de ferro embutida na parede. Por uma janela gradeada, entra a luz, difusa por causa do vidro fosco. Sentada à mesa, a *mulher*.)

MULHER — Um caminho cortando um trigal maduro numa tarde de verão... Um passeio gelado de manhã, bem cedinho, nas montanhas cobertas de neve... E aquele besourinho colorido que eu encontrei um dia, no sol?! Que lindo, o mundo... (Cala-se, pensativa) E um filho? Será que algum dia eu tive vontade de ter um filho? Nem me lembro mais... (Cala-se novamente) A vida podia ser tão boa, tão bonita, se apenas seguisse o seu curso natural. Mas assim, deformada pelo homem, é inteiramente absurda! Sempre feita em função de suas causas e de seus inimigos... Especialmente em função dos inimigos... Então, em função de mim mesma, também. Pois que venha ele, logo, quero tirar isso a limpo!

(A porta da cela se abre; entra o *homem*.)

HOMEM — Você me chamou, eu vim.

MULHER — Você...! Você?

HOMEM — Olha, tenho boas notícias para você. Essa corja imunda não vai poder mais ficar arrastando o teu... o meu... nome pela sarjeta, impunemente. O inquérito contra aqueles bandidos já acabou, e ficou provado que você não teve culpa alguma pelos assassinatos. Embora você tenha cometido um crime de alta traição ao Estado, a sua pena de morte ainda não foi confirmada: não se deixe abater, seja corajosa! Um juiz correto saberá avaliar os seus motivos, no fundo nobres e honrados...

MULHER (Chorando baixinho) — Eu tenho culpa, mas não sou culpada...

HOMEM — Claro que não. Você não é culpada, e, como eu te disse, para um homem de bem, isso será evidente.

MULHER — Um homem de bem... Ai, estou tão magoada! Você nem imagina. Mas ao mesmo tempo estou feliz por você, por teu nome não ter ficado manchado...

HOMEM — Eu nunca duvidei da tua inocência.

MULHER — Eu sei... Você sempre respeitou meus motivos, você é tão corajoso... Eu te vejo tão bem agora, sabe? Eu te entendo tão bem! E, apesar disso, você também é culpado pela chacina...

HOMEM — Éi, o que é isso agora? Você me chamou, eu vim... Mas agora você está falando como se me odiasse!

MULHER — Odiá-lo, eu? Nunca! Pois se eu te amo, te amo com todo o meu ser...

HOMEM — Bem que eu te avisei, cuidado com a massa! Agitar a massa é agitar o inferno!

MULHER — Talvez... mas pensa: quem criou esse inferno? Quem é que descobriu a tortura incessante dos moinhos de ouro, moendo, moendo... moendo lucros dia após dia, ano após ano? Quem é que construiu a penitenciárias? Quem é que apoiou a guerra, quem é que sacrificou milhares de corpos humanos? Quem é que empurrou as massas para o fundo das minas infectas, quem é que tirou de nossos irmãos qualquer aparência humana, qualquer resquício de humanidade? Quem é que os enclausurou nas fábricas, transformando-os em simples peças de maquinaria? O Estado a que você prestou juramento! Em última análise, você!

HOMEM — Você sabe que, durante toda a vida, só fiz cumprir o meu dever...

MULHER (amarga) — Sim, eu sei, o dever... O dever para com o Estado. Porque você é um homem correto, como eu já disse... Um homem tão correto, que agora, eu entendo tão bem... Vai, e diz às pessoas que pensam em termos de leis, diz aos homens de bem, que enquanto pensarem assim, jamais chegarão à verdade: pois a verdade é que a culpa está em todos nós. Eles são culpados, você é culpado... Eu — é, eu também — eu sou culpada, culpada perante mim mesma e culpada perante a humanidade. E nada me salvará desta culpa.

HOMEM (Irritado) — Escuta, eu vim para cá com toda a boa vontade, porque você me chamou... Mas qual é a idéia, afinal? Transformar isso aqui num tribunal?!

MULHER — Pode ser. Pode ser que aqui, agora, esteja surgindo um tribunal. E nesse tribunal eu sou ao mesmo tempo ré e juiz; como juiz, acuso e condeno e... absolvo. Pois você percebe, não percebe, de quem é a culpa final, a máxima culpa...? Não é dos homens — eles precisam de uma causa, mas do seu empenho não brota nada, a não ser o sangue de seus irmãos... Eles querem viver, mas essa vida naufraga em sinistros oceanos vermelhos. Você percebe, não percebe, de quem é a máxima culpa...? Vem, meu amor. Me dá a mão, eu já consegui me superar... eu já consegui nos superar a ambos! (O *homem* esboça um gesto de mão estendida; subitamente, pára, ao perceber o significado do que disse a *mulher*. Olha para ela, horrorizado, e vai saindo de costas, cambaleante.)

MULHER — Vem, me dá a mão! Não me abandone, me dê a mão... irmão! Você também é meu irmão! Vem... (Depois de uma pausa) É, você também me abandonou... mas eu sabia, sabia que tinha que ser assim... Você teve que ir, para você não havia mesmo outra saída. E a última ca-

minhada é assim mesmo — os últimos passos levam a campos de neve desertos, os últimos passos não têm acompanhantes, os últimos passos não têm mãe, a não ser a solidão — grande mãe de todos nós...

(A porta se abre novamente. Desta vez, entra o *anônimo*.)

*O ANÔNIMO* — Como é, já está curada da loucura? Nossas lindas ilusões já se tornaram pó? O teu coração, tão sensível, já não se machuca mais com o punhal afiado da compreensão? Os juizes por acaso falaram em «seres humanos» e em «perdão»? Não, não é mesmo? Mas acho que você aprendeu alguma coisa com tudo isso. Parabéns pela conversão: agora, você é novamente uma das nossas!

*MULHER* — Você aqui?! Quem o enviou?

*O ANÔNIMO* — A massa, quem mais?

*MULHER* (Com novo alento) — Quer dizer que não me esqueceram? E qual é a mensagem?

*O ANÔNIMO* — Não há mensagem alguma. Minha missão é livrá-la daqui.

*MULHER* — Livrar-me daqui? Fugir...? Viver novamente, que bom, mal posso esperar! Está tudo arranjado?

*O ANÔNIMO* — Tudo: dois dos guardas foram subornados. O terceiro, que fica no portão, eu mato enquanto você foge. Logo sigo atrás...

*MULHER* — Você o quê?! Mata...? Por minha causa...?!

*HOMEM* — Mato *pela* causa.

*MULHER* — Não, eu não tenho esse direito! Não posso viver às custas da morte de um homem!

*O ANÔNIMO* — Mas através de você, as massas têm esse direito.

*MULHER* — E quanto aos direitos do guarda? Ele também é gente, é como nós!

*O ANÔNIMO* — «Gente», «o homem»... Isso ainda não existe! No momento, há apenas duas coisas a considerar: a massa, de um lado, e os poderosos, do outro.

*MULHER* — Mas o homem é tão solitário, tão frágil!

*O ANÔNIMO* — A massa é sagrada!

*MULHER* — Não, não é. A massa é sagrada, porque foi gerada pela violência. Ela é fruto de má distribuição da renda e das propriedades, e age instintivamente guiada pela necessidade. A massa é a credulidade humilde, a vingança mais cruel, a escravidão mais cega e a mais piedosa vontade; a massa é a lavoura destruída e o povo soterrado...

*O ANÔNIMO* — E não é ação, também?

*MULHER* — Claro que é, e até mais do que isso! Mas ação também pode significar a libertação do homem dentro da massa e o trabalho em comunidade.

*O ANÔNIMO* — Muito bem, chega de discussão. Vamos rápido. O vento gelado lá de fora cura você num minuto.

*MULHER* — Você não é um mensageiro de liberdade ou de redenção! Conheço bem os da sua espécie! Você mata agora e matará sempre, você é um filho bastardo da guerra, um pobre marechal proletário que só conhece duas palavras de comando: «Matem!» e «Exterminem!» Por baixo das suas belas palavras, você é exatamente igual a eles!

*O ANÔNIMO* — Eu?! Você sabe muito bem que esses generais assassinos que estão por aí sempre lutaram pelo Estado!

*MULHER* — Eu sei. Lutaram e mataram muita gente, mas nunca por prazer. Como você, eles também têm a desculpa de acreditar na sua missão!

*O ANÔNIMO* — E você não vê a diferença, não? Eles lutam pelo Estado opressor, enquanto nós lutamos por toda a humanidade.

*MULHER* — Sinto muito, mas para mim não há a mínima diferença entre as duas coisas. Vocês não hesitaram em matar outros tantos milhares em nome do Estado. Aliás, eu até acredito que alguns deles, lá no fundo, acreditam mesmo que, através da sua «Pátria», podem libertar a terra... Uns matam por um país, outros por todos os países; uns matam por alguns milhares de pessoas, outros por alguns milhões. Esses que matam pelo Estado vocês odeiam e chamam de verdugos, ao passo que aclamam como santos e heróis os que fazem a mesma coisa, alegando apenas um outro motivo. Você não vê que são exatamente iguais? Que estão tentando destruir um sistema justamente com o que nele mais desprezam?!

*O ANÔNIMO* — Não é a nós que você tem que acusar, e sim a eles, à vida! Por acaso posso ficar de braços cruzados enquanto milhões de camaradas continuam sendo subjugados, apenas porque, como você diz, os seus opressores acreditam piamente no que estão fazendo?! E por acaso você se julga menos culpada ao se calar?

*MULHER* — Não. Mas não há de ser o facho da violência desenfreada que iluminará o caminho para uma vida melhor. O novo mundo que você antevê é mais um reflexo da secular servitude humana. E tem mais: se existe um destino, e se este destino trouxe você até aqui, prometendo-lhe o poder de violentar exatamente aqueles que o esperam, ansiosos, como um novo Messias... bom, então uma coisa eu sei: este destino odeia o homem.

*O ANÔNIMO* — Eu já disse mil vezes que o que importa é a massa, e não o homem; mas você não entende. Paciência. Como uma doença hereditária, você traz em si as marcas da burguesia, que vive iludindo-se a si mesma e é muito fraca.

*MULHER* — Em compensação, você não tem um pingão de amor pela humanidade!

*O ANÔNIMO* — Para mim, a doutrina está acima de tudo. Eu amo o futuro.

*MULHER* — E é aí que você está mais enganado: o homem está acima de

tudo. Por causa de uma doutrina e de um futuro duvidoso, você não hesita em sacrificar seus contemporâneos.

**O ANÔNIMO** — É preciso que alguém seja sacrificado para que a doutrina possa vingar! É uma necessidade — não uma traição, como a que você comete quando, vacilando, protege os opressores que nos humilham e nos fazem passar fome. Hoje, mais do que nunca, é preciso saber decidir; e quem vacila não decide. Com isso você trai a massa, você trai a causa — e transforma-se em nossa inimiga.

**MULHER** — Você acha que não sei decidir — mas eu sei sim. E a minha decisão é simples: eu estaria traíndo as massas se, por elas, exigisse a vida de um único homem. Nós só temos o direito de nos sacrificar a nós mesmos — nunca aos outros! Nenhum homem tem o direito de matar outros homens pelo bem de uma causa, seja ela qual for: a morte profana qualquer causa, por justa que seja. E quem exige sangue pelo bem da sua causa encarna, como os ídolos do Velho Testamento que exigiam sangue em seu sacrifício, uma nova imagem do Mal: Deus é este Mal, o Estado é este Mal, a Massa é este Mal.

**O ANÔNIMO** — Quem encarnaria o Bem, para você? Não há nada sagrado?

**MULHER** — Ainda não. Mas talvez, um dia, quem sabe... uma comunidade, o povo livre... trabalhando para si mesmo, em sua própria terra... A humanidade livre construindo um mundo de paz... O povo, a liberdade... Quem sabe?

**O ANÔNIMO** — O problema com você é que você não tem coragem para assumir a luta armada. Ela — e só ela — poderá libertar o povo. O mal que nos foi feito será extirpado com a morte de nossos opressores, não há dúvida. Quem sabe, a tua própria morte nos acabe sendo útil também...

**MULHER** — Eu vou viver para sempre.

**O ANÔNIMO** — Você? Você está vivendo num tempo errado: veio cedo demais.

(O anônimo deixa a cela.)

**MULHER** — Você pode ter vivido o ontem, pode estar vivendo o hoje — mas você não verá o amanhã! Eu serei eterna, me perpetuando a cada rotação da Terra, de círculo em círculo. E, um dia, serei a humanidade inteira, mais pura e mais inocente.

(A porta da cela se abre para o sacerdote.)

**SACERDOTE** — Vim prestar-lhe um último conforto: a proteção da Igreja não se nega a ninguém, nem aos criminosos.

**MULHER** — Quem o mandou aqui?

**SACERDOTE** — As autoridades.

**MULHER** — E onde estava o senhor no dia do meu julgamento? Vá-se embora!

**SACERDOTE** — Deus é bondoso, há de perdoá-la: tive informações a

seu respeito, sei que você imaginava que o homem era bom e que, nas asas deste sonho, você semeou os piores sacrilégios contra o Estado e a Ordem, essas sagradas instituições. O homem, minha filha, é mau desde o princípio.

**MULHER** — Ah, mas ele quer ser bom!

**SACERDOTE** — Não é verdade. Isso é invenção desses nossos tempos decadentes, fruto da corrupção, do desespero, da má consciência e, não nego, da falta de fé. Acredite, filha: ele não tem a menor vontade de ser bom.

**MULHER** — Tem sim. A tal ponto que, até quando sabe que está cometendo algo errado, sente necessidade da máscara da «boa ação».

**SACERDOTE** — Os povos crescem e desaparecem num ciclo contínuo, e apesar disso a terra nunca foi um paraíso...

**MULHER** — Eu acredito que tempos melhores virão!

**SACERDOTE** — Não se iluda, minha filha. O jogo deste mundo se rege pelas regras do poder e do prazer.

**MULHER** — Mas eu acredito!

**SACERDOTE** — Na terra, não há mais do que uma mudança de formas, do que alternância de um poder por outro... Não há salvação para a humanidade, minha filha. A redenção está em Deus!

**MULHER** — Eu acredito na humanidade! Acredito!! Acredito!!! (Noutro tom) Agora vá embora. Estou com frio... vá embora!

(O sacerdote sai; entra o oficial.)

**OFICIAL** — Aqui está a sentença: as circunstâncias atenuantes foram reconhecidas, mas os crimes políticos não são perdoados.

**MULHER** — Isso significa que serei... fuzilada?

**OFICIAL** — Ordens são ordens, e meu dever é obedecê-las. Os interesses do Estado exigem que a hierarquia e a Ordem sejam mantidas: eu sou um oficial...

**MULHER** — E o ser humano, onde está?

**OFICIAL** — Tenho ordens de não responder a perguntas, nem entabular conversas. Ordens são ordens.

**MULHER** — Pois bem. Estou pronta.

(A mulher sai, seguida pelo oficial. Durante alguns segundos a cela fica vazia. Logo, porém, duas presidiárias entram furtivamente, espiam, ficam paradas na porta.)

**1ª PRESIDÁRIA** — Você viu o oficial, que homem bonito? Com aquele uniforme todo dourado...

**2ª PRESIDÁRIA** — Eu viu foi o caixão, lá na lavanderia. Dos mais vagabundos, umas tábuas de pinho...

(A 1ª presidiária vê um pedaço de pão sobre a mesa, atira-se em sua direção.)

**1ª PRESIDÁRIA** — Olha, um pedaço de pão! Que fome!!!

2ª PRESIDÁRIA — Me dá um pouquinho? Eu estou com tanta fome também?

1ª PRESIDÁRIA — Tem mais coisas, olha: um espelho, que lindo. Vou esconder, de noite a gente pode se olhar nele, quando ninguém estiver reparando... Na cela.

2ª PRESIDÁRIA — E olha só o que é que eu achei: um lenço de seda! Ai, como deve ser boa a sensação de um lenço de seda na pele... Vou esconder, de noite a gente pode brincar com ele, quando ninguém estiver reparando... Na cela.

(De repente ouve-se, vindo do lado de fora, o som de uma salva de tiros. As *presidiárias* sobressaltam-se, assustadíssimas: a *primeira* tira o espelho dentre as saias, onde estava escondido, e o recoloca correndo na mesa; cai de joelhos, em prantos.)

1ª PRESIDÁRIA (em grande desamparo) — Como é que nós íamos fazendo uma coisa dessas, irmã?

(A *segunda* tira do decote o lenço de seda que joga sobre a cama.)

2ª PRESIDÁRIA — Como é que nós íamos fazendo uma coisas dessas! (Vira-se de costas escondendo a cabeça entre as mãos.)

## Notas

Ernst Toller, *Masse Mensch (A Massa e o Homem)*. Uma peça da revolução social do século XX.

Primeira publicação: Potsdam, 1921. À segunda edição, pouco modificada, foi anteposta como «prefácio à segunda edição» a «carta de um mediador criativo» (Brief an einen schöpferischen Mittler). O destinatário é Jürgen Fehling, diretor da famosa estréia berlinense da peça em 29 de setembro de 1921.

Base para tradução e comentário é a edição Ernst Toller, *Gesammelte Werke (Obras reunidas)*, 6 volumes, publicada por John M. Spalek e Wolfgang Frühwald, Carl Hanser Verlag, Munique - Viena, 1978; *copyright* by Sidney Kaufman.

Estréia: 15-11-1920 no Teatro Municipal de Nuremberga, apresentação fechada, promovida pelos sindicatos. De um relatório de polícia do Norte da Baviera do dia 27-11-1920: «O proletariado de Nuremberga teve aqui oportunidade de, na poesia de Toller, convencer-se da sua predisposição psicopata.» Citado segundo *Der Fall Toller (O caso Toller)*. Kommentar und Materialien; Werke, volume 6, p. 110.

A encenação berlinense de 20-9-1921 por Jürgen Fehling foi um sucesso sem precedentes; pode-se dizer que foi nessa data que nasceu o expressionismo no palco e a direção de iluminação.

Da crítica da época: «Até agora foi Toller o único expressionista dramático, do qual se pode dizer: Ele é uma capacidade. E ainda o é hoje, Todavia o concreto aqui atrofia-se chegando bem perto da pura alegoria... De qualquer modo, não se pode esquecer: minutos no teatro como estes raros — quando de centenas de pobres soa o grito pela terra;... quando a Internacional, a *marseillaise* dos operários, instigada pelo derramamento de sangue, ansiosa, cheia de esperanças no futuro soa das gargantas dos momentaneamente vencidos para o céu, não, para os homens. Isto já nem é mais teatro. Poesia... estranho sentimento, quando se compara o valor do poeta com o valor de seus beaguins... E ele prega a mansidão.» Da crítica de Alfred Kerr no jornal *Berliner Tageblatt*. Abendausgabe (*Diário Berlimense*, Edição noturna) de 30-9-1921; citado segundo Werke, vol. 6, p. 120s.

# OS MAQUINOCLASTAS

ERNST TOLLER

Um drama da época do movimento ludista,  
na Inglaterra, em cinco atos e um prólogo, traduzido  
por Tania M. Bernkopf e Birgit Braatz.

Revisão de Cora Rónai

*Escrito na prisão da Fortaleza de  
Niederschönenfeld, inverno de 1920/21.*



*Aos camaradas ingleses, em geral;  
em particular a Marthe Hartley,  
irmã e tecelã em Lancashire, e Wil-  
fred Wellock, combatente e irmão.*

**PERSONAGENS DO PRÓLOGO:** O Lorde-Chanceler  
 Lorde Castlereagh  
 Lorde Byron  
 Outros Lordes

**PERSONAGENS DO DRAMA:** Ned Lud, um tecelão  
 Margret, sua mulher, também tecelã  
 Seus filhos — entre eles, o jovem Lud  
 John Wible, um tecelão  
 Mary, sua mulher, também tecelã  
 Teddy, seu filho  
 O velho Reaper, pai de Mary  
 Jimmy Cobbett  
 Seu irmão Henry Cobbett, gerente de Ure  
 A mãe de Jimmy e Henry  
 Georges  
 William  
 Bob  
 Albert  
 Arthur  
 Charles  
 Edward  
 Jack  
 Tom  
 1ª mulher  
 2ª mulher  
 3ª mulher  
 4ª mulher  
 5ª mulher (meeiros, tecelões e tecelãs)  
 Filhos dos tecelões  
 Mendigo  
 Dois bêbados  
 Louis, o da carreta  
 Ure, o industrial  
 Sua filha, uma menina pequena  
 Seu hóspede, um representante do Governo  
 Engenheiro  
 Capataz  
 Porta-voz  
 Povo  
 Soldados

**LOCAL:** Nottingham, Inglaterra  
**ÉPOCA:** Por volta de 1815

(No Palácio de Westminster, uma sessão da Câmara dos Lordes. Este prólogo pode ser representado de forma simples, em frente ao pano fechado; no meio, uma tribuna onde está o *Lorde-Chanceler* e, à direita e à esquerda, cadeiras para *Lorde Byron* e *Lorde Castlereagh*. Na primeira fila da platéia, podem estar os *outros lordes*. O papel de *Lorde Byron* poderá ser representado pelo ator que fizer *Jimmy*; o de *Lorde Castlereagh*, pelo que fizer *Ure*.)

**LORDE-CHANCELER** — Está em discussão o projeto de lei do governo que condena à morte qualquer pessoa que participe da destruição de máquinas. Na primeira sessão, foi aceito com grande maioria. Está aberta a segunda sessão: com a palavra, Lorde Byron.

**LORDE BYRON** — Todos nós conhecemos os atos de destruição, meus nobres colegas: os operários têm se unido, têm usado violência e provocado rebeliões. Mas eu lhes pergunto: com quem aprenderam isso? Quem desestabilizou o país? A política dos grão-senhores, a política das guerras sanguinárias, a política dos «grandes heróis» — de que, aliás, seus livros dão testemunho, caros colegas! A política se tornou uma maldição para a nossa geração! Nos tempos que correm, em que a fraude, o roubo, a usura e a cobiça afetam como um mofo asqueroso as classes mais elevadas, como é que os senhores podem culpar um povo trabalhador que mergulhado na miséria mais profunda, se esquece do dever cívico e passa a tomar atitudes drásticas que o torna criminoso perante a lei? O crime e a culpa do povo, nobres colegas, não é menor do que o crime e a culpa que os deputados vão acumulando no Parlamento, dia após dia. Há, porém, uma diferença: enquanto delinquentes de categoria conhecem os meios para escapar das malhas da Justiça, os operários, ignorantes, acabam pagando por delitos cometidos por fome. *Fome*, nobres colegas. Há tempos as máquinas vêm lhes roubando o trabalho; elas os estão levando à miséria, fazendo com que gritem com toda a força de seus corações: a Natureza quer que todos vivam! Ela não quer que, enquanto uns poucos se tornam cada vez mais ricos, a maioria mal tenha o que comer! O operário, senhores, estava disposto a cultivar terras — mas sequer as enxadas lhes pertenciam! Depois andou mendigando pelo país — mas voz alguma se ergueu para sugerir algum remédio para a sua aflição. Pressionado pelo desespero, acabou caindo no abismo dos desatinos. Os senhores, nobres colegas, chamam a essas pessoas de «gentinha» e pretendem cortar todas as cabeças do «monstro» enforcando seus líderes; quer dizer, onde mais se faz necessária a clemência, mais o Estado pede sangue! Mas a espada sempre foi o meio menos inteligente... Olhem bem para a «gentinha», caros colegas: é ela quem cultiva os seus campos, é ela quem serve em

suas cozinhas, ela é quem fornece os soldados para o exército e os marinheiros para os navios! É o braço forte que lhes proporciona, a todos, as condições de enfrentar um mundo cheio de inimigos; mas tomem cuidado, pois é ela, também, quem lhes resistirá, quando se sentir acuada no beco sem saída do desespero. Só mais uma coisa, cavalheiros. Os senhores jamais hesitaram em lançar mão de seu dinheiro para patrocinar guerras. Ainda há pouco, *muito humanitariamente*, emprestaram imensas quantias a Portugal, que se achava em «apuros bélicos»... Pois uma pequena parte do que tão diligentemente doaram a um país estrangeiro teria sido suficiente para aliviar a nossa própria miséria, para livrar nosso povo da misericórdia das forcas. Andei muito por este mundo, senhores, mas em parte alguma vi tamanha miséria quanto nessa Inglaterra que se autodenomina cristã. Para esse mal, o remédio que inventaram chama-se «pena capital»... a panacéia universal de todos os charlatões que remexem nas entranhas das nações! Será que já não há bastante sangue manchando nossas leis? Será que os senhores pretendem que seja derramado tanto sangue até que a cólera dos Céus se abata sobre nós? Será que a pena de morte é mesmo um bom remédio para a fome e para o desespero? Suponhamos que votem a favor do projeto, nobres colegas: quem será o homem que este projeto entregará à força? Consumido pela fome, apático em seu desespero, ele já despreza a vida há muito tempo — uma vida que, aliás, de acordo com a avaliação dos nobres colegas, vale menos do que uma máquina de fiar! Olhem bem para este homem, arrancado do convívio da mulher e dos filhos, para os quais tentou, em vão, conseguir comida — perante um tribunal, quem poderá pronunciar a sua sentença de morte?! Doze homens de bem? Jamais! Ponham doze carneiros no júri, cavalheiros, e um carrasco como Juiz. Será mais digno.

(Durante o discurso, ouviram-se, aqui e ali, risadinhas irônicas dos Lordes. Agora, há algumas vaias.)

**LORDE-CHANCELER** — Por favor, cavalheiros... Passo a palavra ao Lorde Castlereagh.

**LORDE CASTLEREAGH** (erguendo-se) — Os senhores acabaram de ouvir o discurso do nosso nobre colega; contudo, ele falou como poeta e não como estadista. Os poetas podem escrever os dramas mais eloquentes e compor os versos mais sonoros. A política, entretanto, se faz de material e de homens mais duros. Uma intervenção em favor da ralé pode ser aceita, digamos, como um... capricho poético. Nunca como uma medida política: um estadista de verdade só pode aceitar princípios econômicos. Não adianta: a pobreza é uma lei natural, divina e eterna. Qualquer sentimento de compaixão neste sentido está inteiramente deslocado no Parlamento. Ainda há pouco o pastor Malthus nos provou que há, na Inglaterra, centenas de milhares de pessoas a mais do que há alguns anos. A natureza nega alimento a essas centenas de milhares de pessoas... Não

estamos cegos a isso, mas estas são as armas de Deus, e perante elas, só nos resta inclinarmo-nos, mudos e respeitosos. Periodicamente, ano a ano, as guerras, os vícios e as desgraças se encarregam de dizimar o excedente populacional. Quem somos nós para combater as leis divinas da Natureza?! Isso seria, se me permitem, agir contra a moral! Devemos obedecer às leis e ajudá-las na medida de nossas possibilidades. A meu ver, ajudar os pobres é alertá-los para essas leis, explicando-lhes que a população destituída não pode, não deve aumentar em hipótese alguma! Qualquer caminho que sirva a este fim é digno e bom, desde que se enquadre nos princípios da moral e esteja de acordo com os mandamentos da Igreja.

**LORDE BYRON** (aparte) — Deixar as crianças morrerem de fome...!!!

**LORDE CASTLEREAGH** (Para Lorde Byron) — Eu respeito a nobreza do seu gesto, caro colega. Mas como estadista, devo encarar os fatos com isenção: quanto mais crianças morrerem de fome agora, maior será a felicidade das gerações vindouras. Temos um excesso de população, meu caro poeta, e não há sentimento, por mais nobre que seja, que possa alterar essa verdade incontestável. (Para os outros Lordes) Aos meus nobres colegas, peço que se lembrem especialmente de um pormenor fundamental: o que está em jogo é o bem-estar do Reino! Nosso projeto é um tributo à Justiça — à Justiça dos homens, e à Justiça de Deus. Há uma conspiração contra a Ordem e a Paz — e se ao poeta é dado sonhar, aos estadistas se pede que façam uso da lógica e do cálculo, sem sentimentalismos piegas!

(Os demais Lordes aplaudem.)

**LORDE-CHANCELER** — Pelo que vejo, acabou-se a lista dos oradores inscritos. Estão encerrados os debates. Passemos à votação do Projeto: os que o apóiam queiram, por favor, levantar-se.

(Todos os Lordes se levantam, com exceção de Lorde Byron.)

**LORDE-CHANCELER** — Há alguém contra?

(Lorde Byron se levanta. Risos.)

**LORDE-CHANCELER** — Ah, um voto... o Projeto está aprovado por maioria. A sessão ordinária fica adiada para amanhã.

(Blecaute)

## PRIMEIRO ATO

(Praça em frente à Igreja do bairro operário de Nottingham. No meio da praça, sentadas em volta de estruturas semelhantes a forcas, há várias crianças maltrapilhas, o rosto encovado e envelhecido. Apesar de ser um dia de sol, estão paradas, impassíveis, mal esboçando, de vez em

quando, um lento movimento. De uma rua lateral, surge *Jimmy Cobbett*, num uniforme de operário. Pára e observa as crianças por um tempo, calado.)

*JIMMY* — O que é que há, gente, não estão trabalhando? É dia de festa?

1ª *MENINA* — Sim senhor. Eles vão enforçar três bonecos aí.

*JIMMY* — Três bonecos?

1ª *MENINA* — É. Estão escondidos lá na casa de John, o tecelão.

2ª *MENINO* — Eu vi eles...

*JIMMY* — Vocês todos trabalham?

1ª *MENINO* — Sim senhor. E tem outro jeito? Lá em casa é assim, cada um tem que se virar como puder. Meu irmão de quatro anos já está no tear.

1ª *MENINA* — É, é sim: ele ainda nem sabe andar direito, o Teddy, mas já ganha três pennies por dia — três pennies de verdade!

(A 2ª *menina* começa a chorar.)

*JIMMY* (Aproximando-se dela) — O que que há? Por que é que você está chorando, hem?

(Ela continua a chorar, não responde.)

*JIMMY* — Vamos, conta para mim, conta. Eu prometo que não conto para mais ninguém. Por que é que você está chorando, meu bem?

2ª *MENINA* (entre lágrimas, gaguejando) — Não sei não senhor... Foi só assim, de repente... Esse calorzinho do sol... Sei não...

(*Jimmy* fica calado; os raios de sol brilham mais intensamente nos rostos das *crianças*.)

*JIMMY* (subitamente) — Por que é que vocês não brincam um pouquinho...?

1ª *MENINA* — A gente está com tanta fome...

(Faz-se silêncio. Mais uma vez *Jimmy* tenta animar as *crianças*.)

*JIMMY* — Tive uma idéia: vocês não gostam de ouvir contos de fadas?

2ª *MENINO* — Contos de fadas? O que é isso?

*JIMMY* — Ora, são... histórias! Histórias bonitas, que falam de terras longínquas e cheias de maravilhas, onde há campos cheios de flores e onde as crianças ficam brincando sem parar...

2ª *MENINA* (Maravilhada) — Brincam sem parar?! Puxa... Por favor, senhor, conte uma dessas histórias para a gente!

*JIMMY* (Sentando-se junto às *crianças*) — Bom... Era uma vez um homem rico, muito rico, que se chamava Barriga-de-Ouro. Ele tinha muitos e muitos castelos, cada qual mais lindo... Uns castelos assim como os do Dr. Ure. Barriga-de-Ouro tinha um filho único, chamado Despreocupado, que usava roupas de ouro e passava os dias brincando com brinquedos de ouro num jardim todo dourado...

1ª *MENINO* — Brinquedos de ouro?!

1ª *MENINA* — Nunca precisava trabalhar no tear...?!

*JIMMY* — Nunca! Pois eu não disse para vocês que o homem era muito, muito rico? E que o menino se chamava Despreocupado? Pois então? Bem, mas acontece que logo ali, ao lado do castelo, morava um tecelão, que também tinha um filho único. Esse, coitado, se chamava Preocupação-em-Pessoa: um nome bem grande, não é? Mas ele era um menino bem pequenininho, só pele e osso... não era muito diferente de vocês, não... Mas enfim, um dia nosso amigo Preocupação-em-Pessoa foi fazer uma entrega de tecidos na casa do Barriga-de-Ouro. Mal agüentava o peso do pacote e ia cambaleando pelo caminho, quando viu os brinquedos de ouro no jardim dourado...

(Nisso, um dos *meninos*, que estava afastado do grupo, procurando alguma coisa no chão, dá um grito de alegria.)

3ª *MENINO* — Oba! Achei um pedaço de pão!!!

1ª *MENINA* — Deixa eu dar uma dentadinha? Uma só...?

1ª *MENINO* — Trapaceiro! A gente fica aqui escutando e você, enquanto isso, fica aí procurando comida... Isso não se faz! Vamos dividir essa porcaria aí!

(As *crianças* começam a brigar pelo pedaço de pão.)

3ª *MENINO* — Não divido coisa nenhuma! Quem achou fui eu! Ai, pára com isso, você está me machucando!

2ª *MENINO* — Para você aprender a não passar os outros para trás... (A briga continua, até que o 3ª *menino* consegue se safar dos demais e sair correndo; os outros vão em sua perseguição.)

*JIMMY* (erguendo-se, pensativo) — Ele se chamava Despreocupado... Ele e chamava Preocupação-em-Pessoa...

(Nisso, de uma das ruas aparece um grupo de *operários* e *operárias*, todos muito mal vestidos, apesar de obviamente estarem em roupas dominigueiras: as mulheres de vestidos de chita barata, remendados em muitos lugares, os homens com velhos ternos, já várias vezes reformados e remendados. Muitos, em vez de boinas, usam chapéus achatados, como bonés, de papelão. À sua frente, carregam três bonecos de pano, «Judas», representando furadores de greve. A multidão surge aos gritos; o barulho só se acalma quando *John Wible* sobe num caixote em frente às forcas.)

*JOHN WIBLE* (para os bonecos) — Seus traidores! Filhos da mãe! Pelegos! Furadores de greve de merda... levando vantagem da fome dos outros! (para a multidão) A decisão foi unânime: ninguém mexeria um dedo, ninguém chegaria perto das máquinas... E esses bundas-moles aí foram lá falar com o chefe, todos humildes, implorando como se estivessem falando com a Virgem Maria em carne e osso: «A gente trabalha... arranjem um empreguinho para nós e nós trabalhamos...» Grandes filhos... Que o Diabo os carregue e os asse em forno bem lento. Sem es-

quecer de dar umas boas espetadas para ver se estão no ponto! (risos; *John* volta a dirigir-se aos bonecos) Que vocês não tenham uma noite de sono, seus canalhas! Que passem a vida atormentados por pesadelos, e que esses pesadelos se tornem realidade quando estrangularem as suas goelas de merda com fios de arame farpado, quando vocês ficarem acorrentados, morrendo de sede, em frente de galões e galões de uísque... e que quando vocês consigam se livrar das correntes e chegar perto dos galões, apareça um bando de bruxas velhas e mije neles antes que vocês consigam beber um gole!

(A multidão uiva, aplaude e suspende os bonecos, enforcando-os. Dois *operários* se postam à esquerda e à direita do cadafalso, entoando a sua sentença num tom monocórdio e monótono, como uma ladainha.)

1º *OPERÁRIO* — Traíram os irmãos, servindo ao patrão...

2º *OPERÁRIO* — Para gente assim, não há perdão...

*MULTIDÃO* (dançando e gritando em torno do cadafalso) — Não tem não, não tem não! Ladrão de irmão não tem perdão!

1º *OPERÁRIO* — Diz aí, poltrão: o fruto da traição...?

2º *OPERÁRIO* — Pouco. Mas vai dar para o pão.

*MULTIDÃO* (dançando e gritando em torno do cadafalso) — Não vai dar não, não vai dar não! Atrás de um ladrão vem sempre outro ladrão!

2º *OPERÁRIO* — Três sacas de lã, para divisão: para nós três um montão, outro para o capitão; a maior vai para o patrão.

1º *OPERÁRIO* (Mudando de tom) — Ai de nós! A marcha fúnebre da Inglaterra já se faz ouvir de todos os lados: ela vem dos pântanos, dos estábulos, dos becos em que a peste se alojou e prospera a mortes vistas, do fundo das minas, do barulho das máquinas. E o que ela diz é simples: trabalho ou morte. Se é que não diz: trabalho até à morte!

2º *OPERÁRIO* — Fora, parasitas! Fora, opressores! Fora, vagabundos! O país não precisa de uma classe ociosa que se envergonha de trabalhar; mas se envergonha ao ver seus trabalhadores construindo, na miséria, a riqueza de uma classe cada vez mais rica e entediada. Não temos dinheiro, não temos exércitos; mas a justiça é a nossa arma.

(Os *operários* arrancam do chão as varas em que estão enforcados os bonecos e vão se afastando lentamente. A multidão os acompanha, cantando)

*CANÇÃO* — Vamos lá, meu camarada, vamos à luta, irmão!

Há vidas que já perdemos, há um tempo que já passou...

Mas dessa vez, companheiro, chegou a vez do patrão!

Se guerra se faz com guerra, a dele já está perdida:

Pois se há justiça no mundo, já temos o mundo na mão!

(*Ned Lud* e *Charles* ficam para trás.)

*NED LUD* — Sou até capaz de apostar... não há dez entre eles que tenham uma camisa para pôr por baixo daqueles casacos...

(Um *vendedor ambulante* cruza a praça.)

*VENDEDOR* — Olhai, pessoal! Pílulas de Vida do Dr. Parr! Pílulas de Vida do Dr. Parr! Basta um vidrinho... e ninguém precisa passar fome de novo! Uma pílula de manhã, e todo mundo vai ficar tão gordinho e rosado quanto a Rainha Vitória! Sem bifés, sem doces, sem nada! Basta uma pílula, senhoras e senhores, uma só! As milagrosas Pílulas de Vida do Dr. Parr!

(Do outro lado, vem um velho *mendigo*, encurvado, vasculhando o chão com atenção.)

*MENDIGO* — Já vi tudo... mais um dia perdido! Porcaria de crianças... cataram tudo o que havia de bom... bando de exploradores, raça ruim... não deixam nada, são umas pragas... (Vê *Jimmy*, aproxima-se dele) Um auxílio, senhor, por tudo o que é sagrado!

*JIMMY* — Está batendo na porta errada, amigo. Estou desempregado... pobre feito Jó, no mesmo barco em que você.

*MENDIGO* — Pois então você é a pessoa certa. Imagina se eu ia pedir alguma coisa a um cara cheio da nota... Se só existisse rico na terra, rapaz, mendigo já tinha morrido de fome há muito tempo... Quem ainda dá algum para a gente são os pobres; em compensação, também entram direto no Paraíso...

*JIMMY* — Como é que você sabe?

*MENDIGO* — Ora essa, vai me dizer que não conhece as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo? «É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus». Os ricos, rapaz, só fazem juntar, não dão nada a ninguém. Desconfio, aliás, que é por isso que estão ricos... E tão barrigudos e bem nutridos. Ora, acontece que o tal Portão do Paraíso, que falando assim parece uma coisa enorme, não passa de uma portinhola das mais estreitinhas, por onde só passam mesmo esses pobres diabos tuberculosos que a gente vê por aí. Aliás, é muito baixa também, essa portinhola: um sujeito alto como você, sei não... Até o boné atrapalha! Estou falando pelo seu bem, sabe? É a sua salvação que está em jogo!

*JIMMY* (bem-humorado) — Acho que você errou de profissão: teria dado um ótimo padre. Ou feito uma carreira sensacional na Câmara dos Comuns. (Dá ao *mendigo* o seu boné.)

*MENDIGO* — Bom, mas eu não sou um mendigo qualquer, não senhor. Sou um mendigo ambicioso, à procura de um benfeitor que me deixe de herança um belo condado com uma magnífica renda anual... Quando eu era moço, uma vez, vi Westminster do lado de fora: gostaria muito de ver aquilo lá por dentro. Vou chegando, amigo. O Sol adora as pessoas jovens como você. Não calcula o serviço que lhe prestou deixando que ele aprecie essa sua bela cabeleira. E na vida, isso é o que importa: apreciar as coisas certas.

*JIMMY* — Tem certeza que você não aprecia uma boa cachaça, hem? E

que o dono do botequim lá adiante não vai apreciar o meu boné em troca de uma birita?

**MENDIGO** — Vem cá: você é irlandês, não é não? Logo vi. Vocês comem batata demais lá na Irlanda, e isso faz um mal desgraçado, embaralha muito as idéias... Quer um conselho? Larga mão das batatas, compra um porco... mas muito cuidado, hem, rapaz? Veja lá o que faz com ele! Eu ouvi dizer que o pessoal lá na Irlanda é tão chegado a um porco que... bem, não digo nada, mas dizem por aí que chegam até a... bom, não digo nada, mas a dormir na mesma cama, ou no mesmo chiqueiro, quando é o caso... Veja lá, hem? Isso é mais perigoso do que comer batata! Acaba dando um monte de cabeça de porco — e você já viu que o que este país menos precisa é de cabeça-de-porco. (Vai se afastando, depois se vira) E de lição de moral!

(Dois bêbados, que vêm abraçados, cambaleando, começam a cantar.)

**1º BÊBADO** — Afiem as foices, afiem as foices, ó lavradores!

A colheita está farta, o trigo maduro!

O chão foi bem adubado, com o sangue dos trabalhadores;

O grão bem regado, as crianças chorando no escuro...

Afiem as foices, afiem as foices, ó lavradores!

É preciso cuidar do pão dos senhores...

**2º BÊBADO** — «Benditos os pobres de espírito», disse o Senhor... «Eles herdarão a terra...» Herdarão... lá na frente... acho que não é mais conosco não, né? De quem ele gosta mesmo... aí... nada de herança, é no ato mesmo... No ato, no fato, no mato, no gato que comeu o rato e ficou com medo do sapo, que tava de papo com o pato-tô-tô... tô tão infeliz! Você ainda tem algum?

**1º BÊBADO** (resmungando) — Eu? Logo eu? Isso é coisa de Rei, que atapeta palácio com libra esterlina, pra rimar com latrina... Agora na barriga, cara, eu devo ter um dinheirão... só o que já bebi... a patroa também, só vendo... e isso para não falar nos meninos, que bebem melhor do que você. Tem que ter alguma coisa de dentro... já que de fora só tem farrapo... só trapo... sem trato... nada no prato-tô-tô... tô tão infeliz!

**JUNTOS** — Tô-tô-tô... tô tão in... fe... liz...

(Afastam-se. Jimmy se aproxima de Ned Lud.)

**JIMMY** — Você não é Ned Lud?

**NED LUD** — Sou. E você, quem é?

**JIMMY** — Um operário. Como você.

**NED LUD** — De Nottingham?

**JIMMY** — Nasci em Nottingham, mas hoje é a primeira vez que volto à terra em muitos anos. Passei esse tempo vagando por aí, pela Inglaterra, pelo continente...

**NED LUD** — Pois seja bem-vindo de volta à terra.

**JIMMY** — Obrigado... Vocês estão em greve?

**CHARLES** — É que a máquina já está na cidade.

**NED LUD** — Querem nos forçar a uma servidão ainda pior do que a atual...

**JIMMY** — Ah... Por isso a luta?

**NED LUD** — Exato. Eles querem nos algemar, nos prender a uma monstruosidade, um moinho a vapor que agarra o homem e o tritura até a última gota de vida e sangue! É terrível! Olhe, eu acho que nessa terra de Deus, cada qual tem, por natureza, o direito e o dever de viver do trabalho das suas próprias mãos, por penoso que ele seja. Todos nasceram livres, todos têm direito a um ofício — um direito inviolável e sagrado. Quem quer que tire este direito a um homem é um traidor. E os chefes que trouxeram essas máquinas são todos traidores: o trabalho das nossas mãos não vale mais nada!

**JIMMY** — Mas vocês não tinham a tal da Jenny-Tece-Tece?

**CHARLES** — Que já era um atentado contra os nossos direitos...

**NED LUD** — ... movimentando com o trabalho de uma só pessoa dezoito fusos! Quer dizer, cada uma dessas Jennys rouba, por dia, o pão de cinco fiandeiros. Mas essa máquina nova, a «Mula», como a chamam, movimenta não dezoito, mas mil fusos de cada vez! Sabe lá o que isso? Um belo dia, o Ure liga esse monstro e dá a ordem: «Olha aqui, pessoal, podem bater as botas, que de hoje em diante quem trabalha aqui é a «Mula!» De modo que nós decidimos nos unir contra a máquina: ninguém põe as mãos nela! Não estamos pedindo muito — apenas queremos ter o direito de continuar a viver do trabalho de nossas mãos como antes. Somos seres humanos, precisamos trabalhar para ganhar nosso sustento. John Wible é o líder do movimento, hoje à noite nos reunimos em sua casa.

**JIMMY** — Mas vocês querem lutar contra uma máquina?!

**NED LUD** — Bem, ainda temos nossos punhos, não temos?

**JIMMY** — Olhem, eu conheço essa máquina. Essa idéia de vocês é uma loucura!

**NED LUD** — Está bem, suponhamos que seja mesmo uma loucura. Apesar disso, nós precisamos lutar, porque, como eu já disse, somos seres humanos. Se aceitarmos a máquina, estaremos reduzidos à condição de animais que se curvam sob o açoite, sem tugar nem mugir.

**JIMMY** — Mas não adianta! A máquina é o nosso destino inevitável!

**NED LUD** — Você está parecendo um profeta, mas eu não consigo decifrar essa sua profecia...

**JIMMY** — Não é uma profecia. Eu posso explicar tudo para vocês de forma muito clara. Basta que me deixem ir à casa do tecelão Wible e que me deixem falar...

**NED LUD** (Virando-se, de repente) — Olhe lá... a polícia!

(Entram *soldados*, acompanhados por uma multidão.)

**PORTA-VOZ** — Sua Majestade, o Rei, faz saber a todos... querem tirar os bonés, seus vagabundos! ... que chegou ao conhecimento das autoridades que há súditos organizando-se em sociedades secretas, com o propósito de desestabilizar a Paz e a Ordem do nosso Reino. Conseqüentemente, foi decretado que: 1) fica proibido organizar reuniões que, através da violência, tenham como objetivo o aumento dos salários justos que lhes são pagos e a diminuição da carga horária no trabalho; 2) fica proibido impedir, por qualquer meio, seja ameaça, persuasão ou pedido, que o súdito leal, honesto e trabalhador compareça ao seu local de trabalho e exerça a sua atividade; 3) fica proibido que os operários abandonem, em conjunto, um serviço já aceito; 4) fica proibido, ainda, fazer qualquer coleta de dinheiro para auxiliar os operários quando eles venham a se negar a trabalhar, ajudando dessa forma aos grevistas. Os senhores empresários, homens corretos, dignos da confiança do Rei, têm a liberdade de determinar as horas de trabalho que lhes pareçam convenientes e os salários a elas correspondentes, de acordo com seu critério. Os infratores da lei serão punidos com penas de até dez anos de detenção, considerando-se os crimes cometidos contra Deus. Por outro lado, os súditos leais que descobrirem os fundos de greve e derem parte às autoridades das sociedades secretas, receberão metade deste dinheiro criminosamente arrecadado. A outra metade irá para os cofres de Sua Majestade. (Há um rufar de tambores, e os soldados vão embora.)

**NED LUD** — Meio a meio: uma parte para o dedo-duro, uma parte para o Rei. Que dupla!

(Cai o pano.)

## SEGUNDO ATO

(*Primeira Cena*: uma sala de estar, decorada ao estilo pequeno-burguês. À mesa, *Henry Cobbett* e sua *mãe* almoçam.)

**HENRY** — Detesto este molho de alho, mãe! É uma coisa tão... vulgar!

**MÃE** (humilde) — O pai...

**HENRY** — O pai, o pai, sempre o pai! Já estou farto dessa conversa. Um jantar de casamento? Pois não, assado com molho de alho! Natal? Deviam-se: assado com molho de alho! Páscoa? Mais molho de alho... Tudo porque o pai...

**MÃE** — Mas você sabe que o salário...

**HENRY** — Isso não quer dizer rigorosamente nada! Ele começou como meeiro e como meeiro morreu; antes dos trinta anos, eu já era comercian-

te! E bem sucedido. É só uma questão de ambição, de vontade. Mas chega de falar nisso. As lembranças daqueles tempos só fazem estragar o apetite e acabar com toda e qualquer sensação de bem-estar...

(*Jimmy* entra)

**JIMMY** — Mãe!

**MÃE** — Meu filho, que bom! Que bom ver você novamente...

**JIMMY** — Olá, Henry.

**HENRY** — Você cresceu, virou homem... até que enfim! Mas, olhando assim por alto para as suas roupas, acho que muito dinheiro você não chegou a juntar, chegou?

**MÃE** — Que bom que você voltou, meu filho... Você deve estar cansado, morto de fome... Vou botar um prato para você.

(Enquanto a *mãe* busca um prato e talheres, *Jimmy* senta-se à mesa.)

**JIMMY** — Muito bonita a casa, Henry!

**HENRY** — Em que é que você está trabalhando?

**JIMMY** — Por enquanto em nada. Estou procurando emprego.

**HENRY** — Procurar emprego não é profissão...

**JIMMY** — Sou operário. Tecelão.

**HENRY** — Não é coisa da qual um homem possa se orgulhar muito...

**JIMMY** — Sinto muito. A Rainha não tinha outro tipo de orgulho para me dar.

**HENRY** — Que orgulho idiota! Ser povão...

**JIMMY** — E você não é povão? Ou está cuspidno no prato em que comeu?

**HENRY** — Não é nada disso.

**MÃE** — Henry não é mais um tecelão, meu filho. Subiu na vida: hoje é gerente do Dr. Ure!

**JIMMY** — Mas quando ele insulta os operários, está insultando a mim. Eu sou um tecelão.

**HENRY** — Bom, não tenho culpa se meu irmão anda por aí feito um qualquer, feito essa gatinha...

**JIMMY** — Mas você já parou para pensar que se pode comer bem e morar bem é porque, para isso, o que você chama de «gatinha» está se matando nas fábricas?

**HENRY** — Ora, isso não passa de uma lei da natureza: para que os mais fortes possam sobreviver, é preciso que os mais fracos sejam sacrificados. Você não vai querer agora que eu volte a me rebaixar, que abandone as coisas que conquistei com o suor do meu rosto, vai?

**MÃE** — Você vai ficar em Nottingham, Jimmy?

**JIMMY** — Acho que sim, mãe. De qualquer modo, cheguei na hora certa: os operários estão em luta.

**HENRY** — Que diabos você quer dizer com isso?

**JIMMY** — Apenas que eles estão lutando pelos seus direitos mais elementares, pelos direitos humanos.

HENRY — Chavões...

JIMMY — Por acaso miséria é chavão? Fome é chavão? Crianças que mal saíram do berço trabalhando o dia inteiro são chavões?

HENRY — Sim senhor... Quer dizer que o senhor me saiu um belo revolucionário!

JIMMY — Se lutar por justiça é fazer revolução, então sou revolucionário.

HENRY — Acho bom você não ficar em Nottingham.

JIMMY — E por que é que eu teria que ir embora?

HENRY — Porque se você andar espalhando essas tuas idéias por aí, eu acabo perdendo o meu emprego.

JIMMY — E eu com isso?

HENRY — Prepare-se, mãe. Vamos ter um hóspede e tanto!

MÃE (para Jimmy) — Meu filho, essas coisas que você falou... foi só de brincadeira, não foi?

JIMMY — Não foi não, mãe. Com a vida e com sentimentos tão profundos não se pode fazer brincadeira.

HENRY — Pois lhe recomendo, senhor revolucionário, que antes de fazer qualquer coisa, dê uma olhadela na ralé que está tão interessado em defender. O domingo é ótimo dia para isso: em vez de reverenciar o Senhor, saem rolando dos botequins, de tão bêbados... As mulheres são todas uma prostitutas, há meninas de menos de treze anos se oferecendo nas ruas... As crianças roubam o que vêem pela frente... Para não falar de coisas piores. Há algumas semanas, a polícia de Trent andou procurando uma criança desaparecida. Sabe o que encontrou? Não uma, mas sessenta crianças! Trucidadas, todas elas, pelas próprias mães.

JIMMY — E quem eram os pais, Henry, quem eram os pais? Você, os seus amigos, os seus patrões, os homens que têm dinheiro para comprar uma mulher. Você nunca parou para pensar por que essas mães deram cabo de seus filhos? Não é uma resposta difícil de encontrar, sabe: basta fazer o que você mesmo me recomendou: dar uma olhadela por aí. E vai descobrir que essas mães mataram seus filhos porque nenhum dos pais jamais as ajudou a alimentá-los; porque a Igreja de vocês as expulsa e cobre de vergonha o que, no fundo, é um milagre divino, o milagre da concepção, que deveria ser venerado por todos! Vai descobrir que os homens se embebedam nos botequins porque as suas casas não são tão bonitas como a sua, Henry, mas verdadeiros pardieiros, sujos, imundos, onde a peste os espreita de cada fresta. Os operários são gente boa, uma gente melhor do que os seus patrões. Porque a verdade é que cada pessoa que sabe que há uma criança passando fome e não faz nada para ajudá-las também é culpada; por cada ser humano que sente frio e fome, por cada ser humano que se deprava, por cada ser humano que se vende e que sacrifica a sua dignidade, por cada ser humano que sonha com liberdade e

beleza preso à miséria e à eterna melancolia, você é responsável, Henry.  
HENRY — Os operários agora decidiram lutar contra a máquina. Você pretende apoiar também este crime?

JIMMY — Os operários vão tomar as máquinas de assalto!

HENRY — Olhe, é mais do que evidente que não há nada em comum entre nós. Siga o seu caminho, eu seguirei o meu: saberei renegar você. Não temos nada em comum, nada! Não somos irmãos, não somos parentes, não somos nada; não há como habitarmos sob o mesmo teto. (Para a mãe) Mãe, a escolha é sua! (Sai da sala.)

MÃE (com um gesto cansado, depois de um silêncio constrangedor) — Entenda, meu filho... Eu não posso passar por tudo aquilo novamente, não posso! Os anos de fome, os invernos de gelo, a incerteza de não saber se haverá comida no dia seguinte... se haverá um dia seguinte! Toda aquela sujeira... e o frio... e a fome... Não, meu filho, eu não posso. Estou velha, estou doente, não posso... não posso...

JIMMY — Quer dizer que você quer que eu vá embora? É isso?

MÃE (com um soluço) — Meu filho, eu já passei dos sessenta... Outra vez... Não... (Sai.)

JIMMY — E pensar que quando eu era pequeno, cada vez que via uma imagem de Nossa Senhora rezava pela minha mãe...!

(Pela porta entreaberta vê-se o mendigo. Ele dá uma espiada no ambiente, entra.)

MENDIGO — Uma esmolinha, patrão!

JIMMY — Você de novo? Chegou na hora errada...

MENDIGO — Não há hora errada, nem hora certa: qualquer hora é hora. Você decididamente não tem o menor senso prático... Veja bem: quando a hora vai montada num cavalo de corrida, mal se nota que passou; quando está numa mula velha, anda aos solavancos e dá a impressão de que nunca mais vai passar. Já montada numa potranca novinha... bom, aí pode gerar toda uma vida... O que é que aconteceu, a namorada te deu um fora?

JIMMY — Que nada. Acabo de ser posto no olho da rua pela minha mãe e pelo meu irmão...

MENDIGO — Podia ter te acontecido coisa pior: você foi posto no olho da rua pelo passado e pelo presente, e isso não dói muito. Comigo aconteceu o contrário, fui posto no olho da rua pelo futuro. Acontece que o senhor meu filho achou por bem livrar-se de um ancião inválido, com um braço só, sem capacidade de ganhar um vintém... Achou que, uma vez que eu tive prazer antes dele nascer, era justo que ele pudesse ter prazer agora, depois de nascido; e nisso eu o atrapalharia um bocado. Pensando bem, até que não estava errado assim...

JIMMY — Quer dizer que estamos no mesmo barco... Pois podemos ser companheiros de viagem, que tal?



**MENDIGO** — Com o maior prazer. Ah, sim... aquela comida ali na mesa, era a tua parte da refeição? (*Jimmy assente*) Ótimo. Pois vou pegar e levar, como o dote da tua amizade, embora você não tivesse tido a gentileza de me convidar para o banquete. Como é, quer ser um mendigo?

**JIMMY** — Não, companheiro, vou arranjar um emprego por aí. Os operários acordaram, estão se unindo, cerrando fileiras: temos uma luta pela frente, uma grande luta.

**MENDIGO** — Quer dizer que você está a fim de entrar para o Sindicato?! Ai, ai, ai, já vi tudo! Vou ter que começar a fuçar as sarjetas em dobro, para mim e para você... Um operário de benfeitor! Era só o que me faltava! E ainda por cima um operário que acredita em operários-patrões! Santos Céus! Você ainda vai ver coisas do arco da velha, rapaz... Os patrões te põem uma sanguessuga no peito, está certo; mas você vai ver que os teus coleguinhas operários vão te pôr pelo menos umas três, no peito, nas costas, nos culhões... Enfim, cada qual se diverte como pode.

**JIMMY** — Essa arenga toda não é sede de vingança não, meu velho?

**MENDIGO** — Não, não é não. É só sede da verdade.

**JIMMY** — Só porque o teu filho te pôs porta afora você não precisa achar que todo mun...

**MENDIGO** (interrompendo-o) — Não, filhote, eu não acho nada... Mudando de assunto: se mal lhe pergunto, o prezado amigo já tem um teto para passar a noite?

**JIMMY** — Não...

**MENDIGO** — Pois então permita-me oferecer a suite de luxo do meu palacete. Pode ficar lá o tempo que quiser, como meu hóspede de estimação: há umas ratazanas muito finas que fazem o serviço de arrumadeiras, uns piolhos — verdadeiros *gentlemen!* — que cuidam da limpeza e uma pulguinhas sapecas para animar a sua noite.

**JIMMY** — Muito obrigado. Vamos ver onde fica este palacete imediatamente: eu tenho um assunto importante a tratar hoje à noite, mas depois vou para lá.

(As luzes se apagam, em resistência.)

(*Segunda Cena: A casa de John Wible. É uma choupana pequena, úmida, cuja única mobília consiste em uma mesa, duas cadeiras quebradas e dois teares. Junto à janela, de pé, está o Velho Reaper.*)

**O VELHO REAPER** — Pois está escrito, e assim disse o Senhor: Eu sou o Deus vivo. Que se dobrem todos os joelhos, e que todas as bocas louvem ao Senhor. Mas aqui há alguém que não dobra os joelhos, aqui há uma boca que não louva ao Senhor!

**TEDDY** — Vô, estou com fome!

**O VELHO REAPER** — Ele te faz passar fome?

**TEDDY** — Ora, vô! (O velho não responde) Sabe, vô, bem que eu queria correr feito os filhos do Dr. Ure, mas as minhas pernas... olha só! (O velho continua em silêncio) Às vezes eu fico pensando como seria se a gente tivesse comida de verdade, para valer... Nossa, como eu brincaria! Por que é que você não me dá comida, vô? Tou com tanta fome...

**O VELHO REAPER** (desanimado) — Porque eu não tenho comida, meu filho... Não tenho... Ele... Ele, lá em cima... Ele tem tudo, tudo do bom e do melhor... E enquanto eles se banqueteiavam, os homens de bem passam fome — miserável! Assassino! Enquanto as crianças morrem de fome... (Para o menino, noutro tom) Calma, Teddy, isso não vai ficar assim, não vai não. O dia da ação está chegando, e vai ser um dia e tanto... uma luta de vida ou morte. Onde está o meu fuzil, Teddy?

**TEDDY** — Aqui, vô. Mas é só um bastão...

**O VELHO REAPER** — Que bastão, que nada! É um fuzil, e ainda vai matar muita gente ruim. (O *Velho Reaper* pega o bastão, aponta para cima, faz como quem atira, depois o abaixa lentamente, tristonho.) O gatilho está enferrujado, não dispara mais...

**TEDDY** — Vô, você já viu a máquina? Dizem que tem para mais de cem cabeças.

**O VELHO REAPER** — Talvez seja a vontade de Deus... Onde é que está essa máquina, Teddy?

**TEDDY** — Se você quiser, eu te levo até lá... mas o pai não pode saber! Você jura que não conta para ele?

**O VELHO REAPER** — Juro: um segredo entre nós dois, só. Você me leva até lá? Me leva?

**TEDDY** — Levo sim. Amanhã de noite, quando o pai estiver dormindo. (Entra *John Wible*.)

**JOHN WIBLE** — Ôi, gente. A mãe ainda não chegou?

**TEDDY** — Ainda não, pai.

**JOHN WIBLE** — E você, velho? Polindo o seu fuzil? Com esse aí você não acerta mais nada...

**O VELHO REAPER** — Consideraram-se muito sábios, e por isso acabaram ficando muito tolos...

(*John Wible sacode a cabeça, ri.*)

**TEDDY** — Pai, eu achei um buraco de toupeira no quintal, quer ver? A gente podia caçar esse bicho...

**JOHN WIBLE** — Deixa ele em paz, Teddy. Viver não faz mal a ninguém.

**O VELHO REAPER** — É, já está todo ruim... uma porcaria imprestável... o meu lindo fuzil!

(Entra *Mary*. É uma mulher jovem e bonita.)

**MARY** — Bom dia, pessoal!

**JOHN WIBLE** — Olá. Como é, o Cobbett te pagou bem?

**MARY** (jogando o dinheiro em cima da mesa) — Tai. Cinco pennies.

**JOHN WIBLE** — O grande filho... canalha!

**MARY** — John, por favor, deixe a metade para mim. Não tem um pingo de comida em casa, na semana passada eu dei todo esse dinheiro nojento... que pelo menos ele sirva para nos alimentar!

**JOHN WIBLE** — Não dá. Estou duro.

**MARY** — Você andou jogando outra vez?!

**JOHN WIBLE** — E daí? É sempre uma chance, não é não? Se eu fosse um Grão Senhor não precisava jogar, ia ficar trepando por aí...

**MARY** — Por favor, John... Olha só para este teto, está que é uma goiteira só... Entra chuva de noite, mais esse frio... E a gente está sem um tostão! Nem adianta chamar alguém para consertar, quando eles vêm eles querem ver primeiro o dinheiro contadinho em cima da mesa... Sem dinheiro na mão, nunca vou conseguir mandar consertar o telhado...

**JOHN WIBLE** — Como é que está a conta do armazém? Estamos devendo muito?

**MARY** — Cinco xelins. Aliás, aquele é outro ladrão! Mistura açúcar com arroz amassado, farinha de trigo com gesso, pimenta com o pó de umas cascas que só Deus sabe de onde ele arranja... Quando o menino da Margareth ficou doente e ela teve que comprar chocolate em pó para que ele ficasse mais fortinho, o desgraçado cobrou um preço incrível... e depois ela ainda descobriu que a metade era terra misturada com banha de carneiro!

**JOHN WIBLE** — Já conheço essa história... O que é que tem para jantar?

**MARY** — ... umas batatas, que tal...?

**JOHN WIBLE** — Ai, não, isso não. Fica para mais tarde. Usa a cabeça, Mary — seja bouzinha, deixe que eles te beijem, faça uns carinhos... Sem a tua ajuda, eu acabo perdendo o emprego! E depois, ele te dá dinheiro! Mas olho vivo, menina, não deixa ele te passar para trás... antes dos beijos, o dinheiro ali, na bucha. E que seja bem pago! Olha, o pessoal está vindo aqui hoje à noite, você só vai atrapalhar... é uma reunião importante. Por que é que você não aproveita?

**MARY** — Ai, Deus! Está bem, está bem, eu *aproveito*... Que jeito, né? É que vidinha de merda essa da gente! (Para *Teddy*) Vamos lá, meu bem, está na hora de dormir. Prometo que amanhã, quando você acordar, vai ter um pedaço de pão bem fresquinho ao lado da cama... tá bem? Vai, vai dormir. Boa noite, pai.

**O VELHO REAPER** — Vai, minha filha, e banha em bálsamo o teu corpo. Dia virá em que você será coroada entre as filhas...

**MARY** (saindo) — Só se for com pauladas, pai...

**JOHN WIBLE** — Coragem, velho! O dia da ação está para chegar!

(Entram *Charles, Bob, William, Edward, Arthur, Georges* e outros *operários*)

**CHARLES** — Boa noite a todos. Temos novidades: ela foi instalada no galpão!

**BOB** — Parece um espantalho de mil braços, com mil goelas escancaradas!

**WILLIAM** — O Demônio em pessoa, pronto a nos agarrar e engolir!

**EDWARD** — O Demônio ao qual os patrões venderam suas almas... e as nossas, de quebra!

**GEORGES** — Mas a moeda dessa transação é o nosso sangue!

**OS OPERÁRIOS** — O nosso sangue, como sempre!

**O VELHO REAPER** — Ai dos que abandonam o caminho da virtude e caem no pecado...

**JOHN WIBLE** — Ora, cale-se, velho idiota! Isso não é hora para sermões. Vamos aos fatos, companheiros. (*O Velho Reaper sai.*) Eles estão sabendo da nossa greve... e estão fazendo pouco dela.

**CHARLES** — Nas Igrejas, os padres só fazem amaldiçoar a greve e encher a cabeça das mulheres contra nossos planos...

**BOB** — Toda e qualquer associação secreta está proibida por ordem real...

**JOHN WIBLE** — Pois que enforquem o último dos reis com as tripas do último dos padres!

**CHARLES** — Amem!

**BOB** — Está certo, mas o que é que nós podemos fazer?

**JOHN WIBLE** — Como é que anda a segurança, por lá?

**CHARLES** — Praticamente inviolável. Há guardas de plantão a cada cem metros.

**JOHN WIBLE** — É, companheiros, fomos reduzidos pelo Ure a simples mercadorias descartáveis, que são atiradas fora quando não são mais necessárias! Essa máquina representa o fim de qualquer esperança de salvação para nós: dizem que dá conta do trabalho de mil tecelões!

**CHARLES** — Quem rouba o trabalho dos homens está pecando contra a natureza!

**OS OPERÁRIOS** — É, é um pecado contra a natureza!

**JOHN WIBLE** — Os homens serão expulsos das cidades; nossos filhos serão acorrentados... Dizem que uma criança de três anos é capaz de manejar o monstro!

**ALBERT** — E se deixarem a gente chegar perto da máquina, vai ser só para reatar fios rompidos e ficar de guarda, escravos protegendo a besta fera!

**EDWARD** — Não vamos mais tecer, não vamos mais trabalhar?

**JOHN WIBLE** — Não com este monstro na cidade... O Ure vendeu nossas almas ao Diabo, estamos todos perdidos.

**ARTHUR** — O que será de nós?

**ALBERT** — Quando eu vivia em Carlton, deixei, uma vez, que me prendessem a uma máquina dessas por três dias... Vocês não conseguem imaginar! Fugiu, não aguentei... As caldeiras do Inferno não podem ser piores! Este Demônio a vapor agarra você, arranca o coração do corpo e mói, mói, mói... até que não sobre um pedaço do corpo inteiro! Você

vira uma perna: pedala e pedala, dia e noite, o ano inteiro... e nisso os braços vão se atrofiando, a vista vai de embaçando e as costas vão se encurvando... Um outro vira mão, e ata e ata, dia e noite, o ano inteiro... E os ouvidos vão ficando surdos, e o cérebro vai murchando. O sangue se coagula nas veias!

*OS OPERÁRIOS* — Mãos! Pernas! É tudo o que seremos?

*WILLIAM* — E quando a máquina estiver parada... o que é que nós vamos fazer?

*JOHN WIBLE* — Ora, o que fazem as aves de asas cortadas quando são postas para fora numa noite de inverno: morreremos de frio ou de fome, o que vier antes. Isso depois de, pouco a pouco, irmos nos degradando mais e mais!

*CHARLES* — Mas não podem fazer isso conosco! Somos seres humanos!

*JOHN WIBLE* — Éramos, meu caro. Éramos.

*CHARLES* — Mas não pode ser! Isso é pecado!

*GEORGES* — Que todas as maldições do Inferno caiam sobre este monstro...

*EDWARD* — Que a peste acabe com ele!

*WILLIAM* — Máquinas não pegam peste, Edward. Somos impotentes.

*OS OPERÁRIOS* — Impotentes!

*JOHN WIBLE* — Calma, companheiros. Há uma saída. Nós podemos combater a máquina! Um desses monstros está em Nottingham: vamos matá-lo! E rápido, enquanto é tempo; antes que se multiplique e gere outros milhares de monstros semelhantes... Vamos empenhar todo o nosso ódio, companheiros, e vamos combater o monstro!

*OS OPERÁRIOS* — Nosso ódio já está empenhado!

*JOHN WIBLE* — Quando o monstro estiver estrebuchando entre as golfinhas do seu sangue negro, o Ure não terá mais coragem de nos ameaçar com outra praga das profundezas! Que a máquina seja destruída! Que o monstro seja combatido!

*OS OPERÁRIOS* — Que a máquina seja destruída! Que o monstro seja combatido!

(Entram Jimmy e Ned Lud; os operários olham para Jimmy, assustados.)

*NED LUD* — Podem ficar tranquilos. É um companheiro de Nottingham, que andou peregrinando pelo mundo nos últimos anos.

(Jimmy cumprimenta os operários.)

*NED LUD* (Para Wible) — Como é, está tudo decidido?

*JOHN WIBLE* — Tudo.

*JIMMY* (Aproximando-se) — Vocês chegaram a alguma conclusão?

*JOHN WIBLE* — Chegamos: esta noite, destruiremos a máquina!

*JIMMY* — Vocês estão doidos!

*JOHN WIBLE* — Não vá me dizer que você está a serviço do monstro...

*JIMMY* — Não, não é nada disso. Eu só quero que me escutem!

*JOHN WIBLE* — Para que? Nós não temos tempo a perder!

*NED LUD* — Dê-lhe uma chance, Wible. Ele deve ser ouvido!

*OS OPERÁRIOS* — Vamos ouvi-lo!

*JIMMY* — Vocês estão tão assustados com o aspecto horrível dessa máquina que perderam a razão... estão dominados pelo desespero! Acham que a máquina é Deus ou o Diabo, uma criatura aterradora que domina a alma dos homens, que os escraviza, amordaça e despedaça... Que torna indigno o seu trabalho, e que os deixa tortos e encurvados...

*ALBERT* — Pois não é isso?

*JIMMY* — Não! Há inimigos mais poderosos do que essa estrutura de ferro, madeira, parafusos e arame que é a máquina!

*JOHN WIBLE* — Ele está gozando a gente!

*CHARLES* — Chega! Já ouvimos demais!

*NED LUD* — Calma! Nós permitimos que ele falasse: pois vamos ouvi-lo.

*JIMMY* — Este inimigo de que falo vive dentro de vocês! É ele quem mantém as suas almas sufocadas e que, circulando no seu sangue, os transformou em criaturas apáticas e inertes.

*JOHN WIBLE* — Santos Céus! Um padre!

*CHARLES* — Era só o que faltava! Isso aqui não é uma Igreja!

*ALBERT* — Olhe, rapaz, você está falando com homens... não com mulheres!

*NED LUD* — Mais uma vez, gente, calma: nós dissemos que ele podia falar e ele vai falar!

*JIMMY* — Olhem para dentro de vocês mesmos, companheiros! Vejam como vivem infelizes e apáticos... Será que se lembram ainda de que existem florestas, por exemplo? Florestas misteriosas, cheias de segredos, que despertam a imaginação dos homens? Florestas silenciosas, florestas alegres, toda a espécie de florestas? Vocês se lembram? O cheiro das plantas... Por outro lado, o que tem sido o trabalho de vocês? Será que acreditam que teceram como homens realmente livres? Algum de vocês jamais teve prazer ao fazer o seu trabalho? Algum de vocês jamais se sentiu realizado com a sua atividade? Não percebem que este trabalho também era uma forma de escravidão, um trabalho assalariado, um serviço de quinta categoria...? Olhem para os seus filhos, magros, doentes... aos dez anos, já são velhos acabados.

*JOHN WIBLE* — Nós não temos culpa da nossa miséria...

*JIMMY* (erguendo a voz) — Vocês têm culpa, sim! Vocês têm culpa de não terem lutado, de não terem se organizado na sociedade, de não terem formado comunidades e sindicatos para defendê-los, de não terem ajudado na construção da morada da Justiça! A morte está entre vocês, será que não percebem? Ela está neste olhar cansado que vem dos seus olhos, ela pesa nos seus passos... o riso, a alegria — bem, esses já foram mortos há tempos! Apesar disso, ainda há sonhos em vocês, os sonhos que falam

de um país das maravilhas, de um país de Justiça e Liberdade, de comunidas unidas pelo trabalho... Um país com um povo que ama o seu trabalho, um trabalho produtivo e alegre. Camaradas! Juntem suas forças! Comecem a realizar seus sonhos! Não pensem mais na palavra «Eu»; pensem em «Nós». Pensem na união de todos os trabalhadores, que vocês podem alcançar através da luta. Vocês não imaginam o poder da alma humana — uma vez ativada, ela abrirá suas asas poderosas, e a terra tornará a ser a fonte de toda a energia! Quanto ao monstro que vocês tanto temem, a máquina, vencida pelo espírito de homens livres e ativos, ela se tornará um instrumento a seu serviço!

*NED LUD* (baixinho) — Um instrumento a nosso favor...

*JIMMY* — Claro! Imaginem que vocês só produzissem o que precisam, e nada mais, sem fazer concessões ao dinheiro, um monstro mais perigoso do que a máquina; imagine se vocês trabalhassem apenas oito horas por dia, em vez de dezesseis... e que seus filhos, livres da escravidão, pudessem se criar em colégios ensolarados, correndo pelos prados e pelas montanhas... Pois a máquina pode ajudá-los a obter tudo isso, ela não precisa ser necessariamente uma inimiga... pode tornar-se ajudante! No momento, vocês estão estrangulados pela necessidade; mal conseguem respirar. Mas ainda há tempo, irmãos, ainda há tempo: animem-se! Lutem! O que estiver podre no sistema há de secar, e não deverá arder em chamas... Mas é preciso começar, irmãos. É preciso organizar a união de todos!

*JOHN WIBLE* (depois de alguns momentos de silêncio) — Bem, eu ouvi palavras, palavras e mais palavras. Como é que nós, trabalhadores, podemos nos unir? Nós estamos excluídos do Parlamento, nós não temos direito ao voto... O voto aqui é de quem tem dinheiro, e isso é o que nós menos temos.

*JIMMY* — Estou falando de algo mais poderoso do que o voto! A terra pertence aos trabalhadores, e não aos parasitas que a governam! Não há lugar para o povo na Câmara dos Lordes; entretanto, é lá que são decididas as guerras, que eles dizem ser pelo bem da Nação mas que, na verdade, só visam ao lucro e à subjugação de povos estrangeiros. Mas eu lhes pergunto: nessas guerras, quem é que derrama o seu sangue pelo país! O capital?

*OS OPERÁRIOS* — Não. Nós, sempre nós.

*JIMMY* — Acho que os trabalhadores da Inglaterra já estão prontos para a luta. Em Londres, fundamos uma associação secreta que deverá abrigar todos os trabalhadores do Reino. Em muitas cidades, o desejo de combate já corre como um rio caudaloso e incontível. Quem deve decidir o destino da Nação é a comunidade, e não os interesses econômicos de uns poucos senhores. Quem deve decidir é o homem, e não a máquina!

*ARTHUR* — O homem... decidir? E não a... máquina?

*JIMMY* — Isso mesmo! E então, como é que é? Vocês estão dispostos a ajudar os seus irmãos?

*OS OPERÁRIOS* — Estamos! Estamos!

*JIMMY* — É bom que vocês saibam que a luta é difícil e requer paciência, camaradas. Muito mais difícil do que vocês possam sequer imaginar. E ela deve começar junto à máquina... Vocês devem estar preparados para carregar o velho fardo durante uns bons tempos ainda, a ver suas mulheres e seus filhos famintos os maldizendo. Estão prontos a enfrentar isso?

*OS OPERÁRIOS* — Estamos!

*NED LUD* — Você será o nosso líder!

*JIMMY* — Não há líder! Cada um serve ao povo, cada um serve à causa, cada um é seu próprio líder.

*OS OPERÁRIOS* — Cada um serve ao povo, cada um serve à causa!

(*Os operários cercam Jimmy com exclamações de júbilo; depois saem, carregando-o nos ombros. John Wible fica para trás.*)

*JOHN WIBLE* — Pronto, já estão carregando nos ombros aquele vagabundo daquele irlandês. Não tem nem uma hora que chegou, e já assumiu o comando, já tratou de me derrubar. Que se danem, todos eles — uns idiotas que querem governar a terra e conquistar o paraíso... É preciso ser mesmo muito imbecil para acreditar que uma coisa dessas pode dar certo... Eu é que não caio nessa!

(*Caí o pano.*)

### TERCEIRO ATO

(*Uma sala na mansão do Dr. Ure.*)

*HENRY* — Mandei chamá-lo aqui para que possamos conversar à vontade. Conhece o novo agitador?

*JOHN WIBLE* — Conheço, sr. Cobbett.

*HENRY* — E sabe seu nome?

*JOHN WIBLE* — Sei sim senhor. É... Jimmy... Cob...

*HENRY* — Está bem, está bem. Ouvi dizer que vocês andaram discutindo, que têm pontos de vista diferentes... Divergências de opinião.

*JOHN WIBLE* — Não que eu saiba...

*HENRY* — Não me venha com fingimento! Sei muito bem o que você está tramando, John Wible: conheço direitinho as suas idéias. E lhe digo mais uma coisa — na verdade, nem precisava tê-lo chamado. Teria sido mais fácil que mandassem trazê-lo até aqui algemado. Ouviu bem? Algemado!

**JOHN WIBLE** — O senhor teria que ter provas antes de me prender! Eu não fiz nada!

**HENRY** — E não me venha também com protestos supérfluos. Nenhum de nós tem nada a ganhar com isso: é melhor pôr as cartas na mesa de uma vez, e pronto. O negócio é o seguinte: meu irmão precisa deixar Nottingham em vinte e quatro horas. Não dou um minuto a mais; a ação deve ser rápida, mas em compensação, a recompensa valerá a pena. Mas há um detalhe: Ure não pode saber, de jeito nenhum, quem é o agitador.

**JOHN WIBLE** — Cartas na mesa... Está feito, aceito. Mas o que é que eu faço?

**HENRY** — O problema é seu. Eu quero ele fora daqui em vinte e quatro horas.

**JOHN WIBLE** — Bom... Não, isso seria muito arriscado...

**HENRY** — Você tem algum plano?

**JOHN WIBLE** — Ter eu tenho: destruir a máquina, contra a vontade dele... fazendo com que ele saiba, sem dar muito na vista, é claro, que vamos destruí-la. Aí ele não teria outro jeito, teria de ir embora...

**HENRY** — Faça o que quiser. Eu já expus as minhas condições.

**JOHN WIBLE** — Será que eu podia falar com o Dr. Ure?

**HENRY** — É absolutamente indispensável?

**JOHN WIBLE** — É.

**HENRY** — Então espere. (Retira-se)

**JOHN WIBLE** (de si para si) — Canalha! Um gerente feito o hipócrita desse Henry até eu podia ser. Aí queria ver se aqueles imbecis iam rir de mim. O pior é que eu já tive a oportunidade, e não soube aproveitá-la... mas acho que o que sobrou ainda vai dar para um bom pé de meia, ou pelo menos para um banquete e tanto: preciso forrar a minha barriga, as minhas costas. Não falam tanto em direitos humanos? Pois acho que as minhas costas têm o direito humana da gordura... um humanismo bem gordo...

(Entra Ure.)

**URE** — Você é o tecelão John Wible?

**JOHN WIBLE** — Às suas ordens, doutor.

**URE** — O que é que você quer? Trabalho?

**JOHN WIBLE** — É... Durante doze anos eu trabalhei na sua fábrica...

**URE** — Não posso levar casos individuais em consideração. Nós estamos todos sujeitos à situação econômica do país — tanto eu quanto o senhor.

**JOHN WIBLE** — Bem, eu queria um emprego, mas não é bem isso...

**URE** — O que é, então?

**JOHN WIBLE** — Bem, é que eu não queria... não queria que as pessoas... ficassem confusas, entende? Durante tantos anos ganhei meu pão com o senhor...

**URE** — Chega de conversa fiada, homem. Diga logo a que veio.

**JOHN WIBLE** (falando muito rápido) — É que estão preparando uma rebelião... Querem destruir a máquina...

**URE** — Ora, por que não disse logo? Sente-se, homem. Quer um charuto? Não? Bem, conte-me o que sabe.

**JONH WIBLE** — É que está em Nottingham um agitador estrangeiro, vindo de Londres... Ninguém sabe o nome dele. É um comunista, perence à tal sociedade sindical secreta lá deles... E ele está convencendo os operários a destruírem as máquinas. Prometeu armas, disse que deveria correr sangue...

**URE** — Ah, então para o senhor também há um limite que não deve ser ultrapassado... Fico feliz em saber disso, Wible: está provado que o elo entre os industriais e os operários não é um mito. Eu sabia! O trabalho une!

**JOHN WIBLE** — Pois eu estou às ordens do Dr. Ure.

**URE** — Na verdade, nem sei se tenho tantas ordens assim a dar... Não temo a destruição das máquinas, pelo contrário. Numa época como a nossa, um ato de violência como a destruição das máquinas ajudaria a firmar a nossa posição perante esse governo frouxo... No fim, as eventuais perdas materiais acabariam compensadas pela perspectiva de um futuro mais disciplinado, entende? Eu apenas gostaria que o senhor me pusesse a par dos acontecimentos.

**JOHN WIBLE** — O senhor manda, Dr. Ure.

**URE** (escrevendo algumas linhas numa folha de papel) — Tome, pegue isso e passe no Caixa.

**JOHN WIBLE** — Sim senhor. Muito obrigado, senhor.

(A filhinha de Ure entra correndo na sala, faz um carinho no pai, sai correndo com a mesma rapidez com que entrou.)

**URE** — Veja só, Wible — e ainda falam no abismo que separa os industriais dos operários! Pura invencionice! Por exemplo, o amor filial — existe alguma diferença? Nenhuma! Quando nossos filhos estão doentes, a dor dói mais em nós do que neles... e isso acontece comigo, com o senhor, com todo mundo! A humanidade é uma só... Bom dia, Wible.

(Retira-se.)

**JOHN WIBLE** (de si para si) — Mas que cara da pau! Que vampiro! Alguma diferença...! Um passa fome, o outro faz passar fome. Uma criança enjoa de tantas guloseimas, para outra um pedaço de pão é quase uma miragem... Alguma diferença...! Ha! Aliás, pensando bem, ele não está tão errado assim: lá como cá, é tudo um canalha só. E se você acha que eu me deixei levar pela sua lábia, Ure, está muito enganado! Não sou o piolho rastejante que você pensa que eu sou, não sou a lesma que você imagina babando na sua pança rançosa, asquerosa... Traidor, eu? Pois sim! Ope-

rário é para ser tratado na base do chicote. Só há uma coisa para arrancá-los do seu estupor sonolento, e essa coisa se chama sangue! (Sai.)  
(Cai o pano.)

(Segunda cena: uma rua suja, coberta de detritos, em frente ao barraco de John Wible — como as demais casas da rua, uma construção caindo aos pedaços, de um andar só.)

JIMMY — Eu soube que há furadores de greve trabalhando.

JOHN WIBLE — É, eu sei.

JIMMY — Mas não podemos permitir que isso aconteça!

JOHN WIBLE — Pois a culpa é sua! Não foi você que mandou que tivessemos paciência? Não foi você quem quis que continuássemos a trabalhar nas máquinas e iniciou as negociações com Ure? Pois peça a ele que mande embora os operários que não são daqui!

JIMMY — Mas é justamente porque ainda estamos negociando que não podemos permitir que a greve seja furada! Temos que ficar de guarda nos portões da fábrica para que não possam entrar na hora do trabalho!

JOHN WIBLE — Pois acho mais prático assaltá-los dentro da fábrica e escorraçá-los de uma vez!

JIMMY — Para que? Não há necessidade de se agredir pessoas para obter algo que se pode conseguir com persuasão. Eles não passam de operários, coitados, trabalhadores ignorantes...

JOHN WIBLE — Escorraçá-los seria pelo menos algo concreto. Seria um tipo de ação!

JIMMY — Será que para você ação é uma coisa que se resume em degradação e violência? O que você está propondo não é uma ação digna, é uma coisa de covardes e de idiotas.

JOHN WIBLE — Pois acho que você está redondamente enganado. Nós precisamos de derramas e de humilhações: não há nada como a miséria mais absoluta para produzir bons rebeldes. Por outro lado, basta um pouco de comida e um bocado de aguardente para acabar com qualquer desejo de vingança — e os homens que poderiam se rebelar ficam rolando pelas mesas dos bares.

JIMMY — Você acha que a miséria produz rebeldes? Pode ser... mas espere só até que ela cresça e os esgane, um por um... espere que ela cresça ao ponto de não se ter mais um pedaço de pão, um trapo para vestir... Você acha que pessoas nessas condições ainda terão forças para a rebelião? Ou será possível exigir delas lealdade, abnegação, renúncia às menores vantagens e dedicação à causa? Não, Wible, não. Tudo o que você conseguirá delas será uma apatia mortal: cairão vítimas de qualquer charlatão que saiba usar belas palavras para descrever os seus desejos ávidos. Virarão mercenários, presa fácil para qualquer general que lhes prometa os mais reles despojos.

JOHN WIBLE — Essa gente tem que ser tratada na base do chicote, como animais selvagens — que é, aliás, o que eles são. Só há uma coisa para arrancá-las de seu estupor sonolento, e essa coisa se chama sangue!

JIMMY — É incrível o desdém com que você fala dos operários que quer libertar! Você é todo maldade e malícia, a impressão que me dá é que não pensa em libertar ninguém, mas sim se vingar do seu destino através dos outros! Mas tome cuidado, John Wible: quem desperta as forças e o ins-tinto das massas, acaba sendo arrasado pela tempestade. Hoje você atira o furacão, hoje você é um líder. Amanhã, você será esmagado por paixões cegas que desabam, amanhã você não passará de um traidor digno de todos os castigos!

JOHN WIBLE — Eu não sei ler livros como você, Jimmy Cobbett. Mas veremos quem entende melhor de operários, você com suas belas palavras, ou eu com a minha experiência. Os operários não sentem as coisas como você... Mas enfim... quer que nos reunamos no portão da fábrica, antes do trabalho?

JIMMY — Seria bom.

JOHN WIBLE — É, mas eu acho impossível convocar os companheiros a tempo.

JIMMY — Mas você não acha que...

JOHN WIBLE — É impossível. Mas para amanhã dá tempo: vou pedir ao pessoal para vir para a frente da fábrica amanhã de noite, antes do último turno. E vamos ver até quando os operários vão marchar com você! (Afasta-se.)

(Saindo de casa.)

O VELHO REAPER — Você tem um tempinho sobrando para mim, Jimmy? Já passei dos oitenta, rapaz, e lhe digo que a minha vida não foi nenhum mar de rosas, apesar de todo o esforço, de todo o trabalho... O velho Reaper não quer saber de nenhuma vida nova, ele está cansado, muito cansado... O velho Reaper só quer se transformar em terra, e que dessa boa terra inglesa brotem flores, e que haja ovelhas pastando na grama ao lado de uma fonte que murmure feliz feito um cabrito... Mas antes que baixem o velho Reaper à cova, ele tinha muita vontade de descobrir uma coisa: por que a vida, Jimmy? Para que esses anos todos tão cinzentos, tão melancólicos, tão destituídos de qualquer objetivo?!

JIMMY — Por acaso você sabe porque aquela árvore ali está crescendo? Ou por que fica pelada no inverno e cheia de folhas na primavera? Você me pergunta se há algum sentido na vida... Ser, só isso: eu sou, tu és, ele é... Qualquer outro sentido é dado à vida pelo próprio homem que a vive.

O VELHO REAPER — Você acredita no Reino de Deus? No Reino da Paz Eterna?

JIMMY — Eu luto como se acreditasse...

O VELHO REAPER — E diga-me: onde vou encontrar Deus?!

**JIMMY** — A isso não sei responder. Eu nunca vivenciei Deus; quem sabe, a sua dedicação o acabe encontrando.

**O VELHO REAPER** — Mas você luta contra Deus, não é mesmo?

**JIMMY** — Eu luto como se acreditasse em Deus.

**O VELHO REAPER** — Ih... ele está fora de si! Ficou doido de vez! Luta contra a máquina e não sabe onde está Deus... Você está com uns parafusos soltos na cabeça, Jimmy: você não vai acabar bem, não vai não...

(Jimmy sai, sorrindo. No caminho, cruza com um homem empurrando uma carreta de quatro rodas.)

**O VELHO REAPER** — Ei, você aí da carreta, me diga uma coisa: onde posso encontrar Deus? Se você me disser, eu te ajudo a empurrar esse trambolho.

**HOMEM DA CARRETA** — Em primeiro lugar, eu não sou «você aí»: sou um funcionário público e me chamo Louis. Sou lixeiro da cidade de Nottingham. Em segundo lugar, isso não é uma carreta. Uma carreta tem só duas rodas, e o que estou empurrando tem quatro. É um carro de quatro rodas, fique o senhor sabendo. Passei a vida inteira empurrando uma carreta e batalhando por um carro desses, e agora você aparece e chama ele de carreta! Ora essa!

**O VELHO REAPER** — Eu não estou preocupado com a carreta: estou preocupado com Deus!

**HOMEM DA CARRETA** — E o que é que eu tenho a ver com Deus? Dizem que basta procurá-lo para encontrá-lo. Eu estou preocupado é com o meu carro, que você fica chamando de carreta. Pois sim!

**O VELHO REAPER** — Ora, só queria ajudar a empurrá-lo!

**HOMEM DA CARRETA** — Uma bela ajuda... um invejoso, desprezando o sucesso dos outros... rebaixando o meu carro a carreta. Só faltava chamá-lo de máquina!

**O VELHO REAPER** — Mas é isso que estou procurando... a máquina! (O homem da carreta se afasta, com um gesto de impaciência, esbarrando num cego que entra guiado por um surdo-mudo, Tateando.)

**O VELHO REAPER** — Ei, você aí, meu amigo cego, me diga uma coisa: onde é que encontro Deus?

**O CEGO** — Não ouvi nada. Pergunte ao guia...

**O VELHO REAPER** — Ei, você aí de guia, me diga uma coisa: onde é que encontro Deus?

(O surdo-mudo faz gesto de quem não entendeu. O cego ri.)

**O VELHO REAPER** — E você, por que fica aí rindo feito um débil mental?

**O CEGO** — Ele é surdo-mudo: não pode ver Deus!

**O VELHO REAPER** — O cego não ouve... o surdo-mudo não vê... E eu aqui, com dois bons olhos e dois bons ouvidos, não consigo achar Deus... (Blecaute.)

(Terceira cena: um cenário apenas esboçado, representando um grupo de casas. A cena toda deve se passar num clima meio fantástico, quase um sonho.)

**JOHN WIBLE** — Daqui a duas horas... Ué, por que é que você se assustou?

**ALBERT** (estremecendo) — A máquina...

**JOHN WIBLE** — Jimmy foi comprado.

**ALBERT** — A máquina o subornou?!

**JOHN WIBLE** — Albert, e se nós fizéssemos mais do que simplesmente mandar embora os furadores de greve? Se partíssemos para a luta, se partíssemos para um corpo a corpo com o nosso inimigo... um corpo a corpo com a máquina...?

**ALBERT** — Seria a nossa salvação! Nossa redenção...

**JOHN WIBLE** — Você me ajuda?

**ALBERT** — Nossa, eu daria meu sangue para isso... Mas Jimmy seduziu todo mundo.

**JOHN WIBLE** — Bah, grandes coisas, aquele palavrório... não dá para esquentar o ânimo deles por uma noite... Já estão cheios do Ure, já estão desconfiando do Jimmy, já estão falando de armadilhas e ciladas... Basta que vejam a máquina e todas as lindas palavras de Jimmy voarão pelo vento. As mulheres farão a parte delas: você fica de olho nelas. Jimmy hoje não vai à fábrica, ele acha que só vamos nos reunir amanhã à noite...

**ALBERT** — As mulheres... antes, as primeiras, depois, as últimas... Mas você está se esquecendo de Ned Lud. Olha, eu tive um cachorro uma vez que resolveu dar uma dentada no pescoço de um cabrito: mordeu e não largou mais. Tive que matar o bicho. Pois o Ned Lud é bem assim.

**JOHN WIBLE** — Você sabe que Jimmy é irmão de Henry Cobbett?

**ALBERT** — Eu sei, você me disse. Mas eles não moram juntos.

**JOHN WIBLE** — Ora, e daí? Isso não quer dizer nada. Vamos ver se ganharmos o apoio de Ned Lud. E se Ned Lud ficar do nosso lado, o Jimmy que se cuide!

**ALBERT** — Ai, meu Deus...!

**JOHN WIBLE** — O que foi?

**ALBERT** (muito assustado) — Tem alguém bem aqui perto da gente escutando tudo. A máquina está pertinho daqui...

**JOHN WIBLE** — Credo, Albert, você me dá cada susto! Basta que você me ajude essa noite, e seremos vitoriosos! (Blecaute.)

(Quarta cena: a praça em frente à mansão de Ure. Um muro alto delimita o parque; no meio, o portão principal, imponente. Num dos cantos, um pequeno portão de fornecedores.)

1º MENINO — Eu vi!

2º MENINO — Eu também!

1ª MENINA — E eu!

1º MENINO — Só vendo como brilha, parece até ouro!

2ª MENINA — Foi Papai do Céu quem mandou?

1º MENINO — Que nada, bobalhona.

2ª MENINA — Mas o padre falou. Ele disse que foram os anjos que a trouxeram para a terra.

1º MENINO — Bom, depois que você trabalhar nela o dia inteiro e a noite inteira, sempre vai poder agradecer: Muito obrigada, Papai do Céu!

2º MENINO — É, mas o tear velho é muito feio!

1ª MENINA — Eu estou satisfeita com a máquina! Não vejo a hora...

3º MENINO — Vamos lá para o galpão? Se meu pai me vê aqui, tenho que voltar para o trabalho.

1º MENINO — Mas nós estamos em greve. Você não precisa voltar para o tear!

3º MENINO — É, seu sei... mas quer saber de uma coisa? Meu pai está lá, trabalhando...

1ª MENINA — O meu também.

1º MENINO — Que vergonha... não se uniram aos companheiros... Está bem, vamos lá para o galpão!

(As crianças saem. Do outro lado, surge um grupo de *mulheres* maltrapilhas.)

AS MULHERES — Não queremos a máquina! Não queremos a máquina! (Silêncio.)

1ª MULHER — Não adianta, são surdos feito umas portas. Se aparecesse um cão de caça ladrando aqui na porta seria ouvido com mais facilidade... mas nós... Imagina se vão nos receber! E o pior é que já não sei mais o que fazer! Tive que vender o último móvel que me restava em casa, que era a cama da gente — também, o dono do armazém não largava o meu pé, parecia uma sanguessuga. Não estava mais me vendendo fiado... E nessa cama dormíamos eu e o meu marido, o pai, o pensionista, meu filho, minha filha... Olha, não sei não, mas teve noite que eu não tenho a mais mínima idéia de quem me alisou... E esta única cama eu tive que vender.

2ª MULHER (berrando em direção à casa) — Ó de casa! Por favor, respondam! Não somos assaltantes, não viemos aqui à noite para roubar vocês... Viemos em plena luz do dia só para fazer um pedido... Ó de casa! (Depois de um intervalo, abre-se uma janela e nela aparece o gerente *Henry Cobbett*.)

AS MULHERES — Nós não queremos a máquina! Nós não queremos a máquina!

GERENTE — Não adianta, a máquina já está aqui, à disposição. Desistam dessa greve absurda e amanhã mesmo terão pão. Olhem que consigo

tantas mãos baratas quanto precisar — e não são nada ruins, fiquem sabendo!

AS MULHERES — Haverá emprego para todos?

GERENTE — Infelizmente não. Sentimos muito, mas vamos ter que demitir a maioria dos homens. Em compensação, todos os filhos de vocês serão empregados, até os de três, quatro anos. E mais as mulheres jovens, ligeiras. Sejam razoáveis, criaturas! A delicadeza do trabalho exige dedos especialmente delicados...

1ª MULHER — Senhor, caro senhor, tire essa máquina da cidade! Nós sabemos que o senhor é um homem bom, que não deixa passar fome nem os passarinhos... Nós sabemos que no inverno o senhor dá comida aos pardais, e manda fazer caixas para que os seus ninhos fiquem abrigados. Nós somos apenas seres humanos, eu sei, senhor... Mas pelo amor de Deus, tenha piedade de nós também! Se só as mulheres mais novas e as crianças puderem trabalhar, não vai dar para viver! O Diabo está querendo tentar o senhor, por isso enviou a máquina... Mas resista à tentação, senhor, por favor! Por favor, caro senhor, tire a máquina da cidade!

AS MULHERES — Por favor, caro senhor, tire a máquina da cidade!

GERENTE — Nós estamos cumprindo o nosso dever para com a Pátria! É verdade que a máquina vai tirar o emprego dos homens, mas será apenas por um tempo limitado! Vejam só: produziremos o dobro da mercadoria pela metade do custo. O resultado disso é que a mercadoria chegará às lojas pela metade do preço. Sabem o que significa isso? Vou lhes dar um exemplo: hoje vocês têm que pagar ao padre quatro xelins por um enterro, digamos. Um dia, de repente, viria essa boa nova: daquele momento em diante, em vez de quatro, um enterro custaria apenas dois xelins. Vocês não morreriam mais tranquilas sabendo que a família de vocês perderia, em vez do salário de uma semana inteira, só a metade? Hem? Pois da mesma forma como vocês correriam para dentro de uma cova muito mais barata, pulando de alegria, os fregueses vão correr para a mercadoria mais barata. E qual será o resultado disso? As vendas vão subir, a procura vai aumentar e os consumidores vão pedir mais mercadoria. As sirenes dos cargueiros vão uivar por mercadorias! Os trens vão matraquear por mercadoria! Mercadoria! Mercadoria! Mercadoria! Vai ser um grito só, vindo de todos os lados. A consequência deste grito será que as velhas fábricas não conseguirão atender à demanda; e aí as novas fábricas, com as novas máquinas, abrirão seus portões colossais aos famintos. A Inglaterra não terá famintos suficientes para alimentar essas fábricas monumentais, que engolem operários em porções fantásticas: engolem, engolem, e não se cansam de engolir! Basta que tenham paciência, mulheres! Ouçam meu conselho: quem não conseguir emprego por aqui, que volte para o interior! Não é mais fácil? Se dependesse única e exclusivamente da nossa vontade, caras senhoras... Mas no momento as



vendas do Continentes estão paradas. A Europa está atravessando uma crise financeira desde a Grande Guerra. Vocês são inglesas e patriotas, precisam entender que nosso país não pode creditar, quero dizer, *empréstar* os seus bens a devedores falidos. E a Pátria está acima de tudo! (O gerente volta para dentro, a janela se fecha e um silêncio perplexo se abate sobre as mulheres.)

AS MULHERES (chorando) — Abaixo as máquinas! (Silêncio.) Abaixo as máquinas!

(Nisso, abre-se um pequeno portão dos fornecedores e dele sai Mary, furtivamente, olhando para os lados. Ao ver as mulheres, tenta recuar, assustada, mas é rapidamente agarrada por algumas delas que a puxam para o lado de fora.)

1ª MULHER — De onde é que você está vindo?

2ª MULHER — Estava traindo os nossos homens, na cama de Cobbett!

3ª MULHER — Sortuda!

4ª MULHER — Sua puta! Fica aí se espreguiçando na cama do patrão enquanto nós temos que mendigar por um pedaço de pão!

2ª MULHER (avançando sobre Mary) — Arranquem essas coisinhas engraçadinhas do corpo dela! Vamos mostrar a ela o que é bom!

4ª MULHER — Isso! Vamos dar a ela o tratamento que as putas merecem: chicote nela!

5ª MULHER — Vamos amarrá-la a uma escada, e que as crianças cusпам na sua cara!

2ª MULHER (rindo) — Não, eu acho que ela precisa de coisa mais quente. Vamos enfiar um fuso bem quente na xoxota dela!

1ª MULHER — Um operário não servia para ela... Eles são muito ruins, não têm as mãos tão bem cuidadas...

AS MULHERES (batendo em Mary) — Sua rameira! Sua puta de merda! Alcoviteira escrota!

(Entra Ned Lud.)

NED LUD — Mas é a mulher de John Wible! O que é que há com vocês, são hienas, ou o quê? Parem com isso! O que é que aconteceu?

1ª MULHER — Salve, Lud! Essa mulher não presta, é pior do que as putas dos bordéis... Nós aqui passando fome, há sete semanas que não podemos coisa quente no bucho, você não imagina a fraqueza em que a gente está... E ainda assim viemos para cá, conseguimos arrastar os esqueletos até os portões do castelo do Ure para pedir, aos gritos, que eles nos livrem da máquina!

4ª MULHER — Se você fosse mulher, Ned Lud, saberia o que é dar à luz uma criança... para vê-la morrer de fome logo depois, sem poder fazer nada! É de cortar o coração!

5ª MULHER — Você não pode entender... os homens não sabem nada disso...

1ª MULHER — Se você soubesse do nosso sofrimento, da nossa miséria, da nossa preocupação...

3ª MULHER — Eu não sei... mas a mulher do Ure não é mãe? Ela deveria entender a nossa aflição!

2ª MULHER — Quem, a mulher do Ure?! Está brincando... Quando ela precisa, eles mandam buscar uma parteira bem experiente e pronto! Por meia libra está feito o aborto!

1ª MULHER — E o criado do Ure, o Cobbett, vem e diz para a gente que a máquina vai ficar em Nottingham, que a maioria dos homens e das mulheres velhas não têm mais serventia nenhuma... Assim, como se estivesse falando de um bicho que já deu o que tinha que dar e que vai para a rua com um pontapé na bunda... Ao mesmo tempo, trepando com essa aí... uma mulher de operário, um operário que ele está pondo no olho da rua, junto com o resto... e ela lá, nos colchões macios...

AS MULHERES (cercando Mary) — Vamos moer essa puta de pancada!

NED LUD (afastando as mulheres) — Vocês por acaso teriam coragem de bater numa criança que se atirasse sobre migalhas de pão? Vamos, Mary, diga: por que é que você estava lá?

MARY (num fio de voz) — Eu sou tão pobre quanto... elas... mas não faço por mim, não é por mim...

NED LUD — Será que vocês não conseguem pensar com a cabeça, só com a barriga?! Caindo sobre ela como um bando de gatos selvagens, quando vocês sabem muito bem que se fossem tão bonitas como ela, estariam fazendo exatamente a mesma coisa! Aliás, ou eu muito me engano, ou quando vocês eram mais novas, faziam direitinho. Vocês estão é com inveja, isso sim, com ciúmes... Venha, Mary, não vai acontecer nada. Vou levá-la para casa. (Para a 1ª mulher) Quando estiver mais calma, passe lá em casa. Quero falar com você. (Ned sai levando Mary pelo braço.)

2ª MULHER — Que o Diabo os carregue!

AS MULHERES — Morte à máquina! E morte aos donos dos armazéns! Queremos sangue ou pão! (Em cortejo, as mulheres saem cantando.)

CANÇÃO — Trabalhar, trabalhar, trabalhar

Pela noite, pelo dia — trabalhar!

Brilhe o sol ou brilhe a lua

Nossa vida continua...

Sempre a mesma, continua:

Trabalhar, trabalhar, trabalhar.

E isso nunca vai mudar!

O VELHO REAPER (que surgiu durante a canção) — Eles vão jogar sua prata nas sarjetas e ter nojo do seu ouro; pois nem toda a sua prata nem todo o seu ouro os salvarão no... no dia... no dia daqueles que nada vem ao Senhor e que foram justos e bons... Nem toda a prata do mundo,

nem todo o ouro do mundo poderão preencher o vazio das suas almas secas; e nem o vazio das suas barrigas. Fruto de más ações, a prata e o ouro se tornarão um peso insuportável... Insuportável! Ah, se eu fosse o Todo-Poderoso eu mandava chover maná... dizem que ele já fez isso uma vez. Mas ele, ó... nem te ligo. Só ouve as trombetas dos grandes senhores e cantatas de júbilo ressoam em seu louvor nos órgãos enfeitados de ouro. O problema é que os pobres não têm trombetas, não têm órgãos folheados a ouro e nem força na voz para cantar os hinos... seu lamento soa mais baixo do que o bater do coração de uma criança. É preciso ter um ótimo ouvido para escutá-lo... é preciso chegar bem perto de suas bocas sujas e fedorentas para ouvi-lo... Preciso consolar um pouco essas mulheres. (O *velho Reaper* empunha o cajado como se fosse um violino, faz o gesto de quem toca. Passam duas mulheres.)

**1ª MULHER** — Olha lá, coitado do velho... louco de pedra.  
**O VELHO REAPER** (girando em torno de si mesmo, tocando seu violino imaginário, como se falasse a muitas mulheres dançando à sua volta) — Mas o que é isso, vocês já estão parando de dançar? Mas eu nem toquei três compassos... também, vocês mal conseguem ficar de pé e querem dançar... Dá nisso, dá nisso...  
(Cai o paño.)

## QUARTO ATO

(*Primeira cena: o escritório na mansão de Ure. Henry Cobbett trabalha, numa escrivaninha, quando entra Jimmy Cobbett.*)

**HENRY** — Você aqui?! O que diabos está fazendo? Faça o favor de sair imediatamente, está me ouvindo! Imediatamente! Se não, mando chamar a segurança, que está bem armada... ou a polícia, que anda de olho em vagabundos da sua laia e que tem, para cada rebelde, uma bala na cartucheira ou na corda da mochila!

**JIMMY** — Queira fazer o favor de anunciar-me ao Dr. Ure, meu irmão!

**HENRY** — Irmão? Eu não tenho nenhum irmão.

**JIMMY** — Pois então faça o favor de me anunciar como um estranho qualquer.

**HENRY** — Não.

**JIMMY** — Você é quem sabe... Mas eu sei que qualquer pessoa que tenha algo de importante a dizer encontra atenção por parte do Dr. Ure. Com quem é que eu devo falar, então? Com a tal segurança? Com o mordomo? Ou talvez com uma camareira, com a mulher do Ure, ou o seu filho...?

**HENRY** — Por favor... se você ainda tem um restinho de apego fraterno

por mim, não faça isso! Vá se embora de Nottingham... A Inglaterra é grande, você encontrará em qualquer parte homens que o seguirão... cúmplices... Por que é que você quer se vingar de mim logo agora? Não adianta dizer nada, eu sei que tudo o que você quer é se vingar de mim... Eu sei que fui injusto com você quando éramos novos, eu sei que o chicoteei e sei que isso foi um erro, reconheço... Por favor...

**JIMMY** — Puxa, não imaginava que o seu medo de perder este cargo tão digno chegasse ao ponto de lhe trazer reminiscências de infância... Quem diria! Quer dizer então que você se lembra de como guardava sempre para si o pouco que tínhamos... e nunca me dava nada... A não ser, claro, tremendas surras quando eu ameaçava contar aos pais que não me sobrava nada para comer... Também deve lembrar-se, então, de como mentia e mentia, recendo para si com os farrapos vergonhosos da calúnia magníficos trajes de virtude, amor e temor a Deus. Você entendia muito da arte de tecer...

**HENRY** — Eu sabia! Você só voltou para se vingar de mim...

**JIMMY** — Nós nascemos de um mesmo ventre, mas estamos separados por léguas de diferenças em relação à vida... Pode acreditar em mim, Henry, Ure jamais saberá que sou seu irmão. E para que as suas noites não sejam povoadas de pesadelos que esmigalhem a sua paz como pedras rolando numa avalanche, prometo-lhe que não ficarei em Nottingham mais do que uma ou duas semanas — o tempo suficiente para que, lançada a pedra fundamental, os homens possam, depois, completar a obra e coroar a cumeeira com uma bela guirlanda de flores. Não quero ficar aqui mais do que isso. Passe bem, irmão; Dê lembranças por mim à velha senhora e diga-lhe que sei o que se passa em seu coração.

**HENRY** — Olhe, tome o meu dinheiro... (abre uma gaveta, retira um maço de notas) É tudo o que tenho aqui, meu ordenado de um mês... mas vá embora hoje mesmo, agora, não se demore nem um minuto mais na cidade...

**JIMMY** (recusando o dinheiro) — Uma mãe inglesa deu-me a luz e ensinou-me a língua dos homens ingleses, dos homens de bem. Não conheço a cartilha em que você aprendeu o seu ABC, Henry. Anuncie-me ao Dr. Ure, por favor. (Henry hesita) Como é vai querer que eu peça a outra pessoa ou que bata em sua porta sozinho?

**HENRY** — Meu Deus de Misericórdia... estou perdido... toda a minha vida arruinada! Está bem, eu vou anunciá-lo. Mas olhe aqui: se eu perder meu emprego e se a mãe morrer de fome, que caíam sobre a tua cabeça todas as pragas da hora da sua morte! (Sai.)

**JIMMY** — E dizer que somos do mesmo sangue...

(Entra Ure.)

**URE** — O senhor que falar comigo? Como se chama?

**JIMMY** — Meu nome não importa: pode chamar-me como quiser,

«Anônimo», por exemplo. Ou «Horário-Integral», que é como chama aos operários que são, durante a vida inteira, um material de trabalho muito obediente aos seus teares. Ou «Meio-turno», como chama aos que só gastam na sua fábrica a metade de suas vidas.

*URE* — Você tem a língua bem solta, rapaz... E eu tenho um tempo curto demais para gastá-lo ouvindo piadinhas de gosto duvidoso. O que deseja? Se é dinheiro, saiba que por princípio e por humanidade real, despida de hipocrisia, não dou um centavo a mendigos. Para isso, dirija-se ao Padre!

*JIMMY* — Talvez eu não lhe seja inteiramente estranho... Eu sou aquele a quem andam chamando por aí de «rebelde estrangeiro»; sou aquele que ensinou aos operários de Nottingham que os operários também são gente.

*URE* — Como se atreve...?

*JIMMY* — Atrevendo-me. Acontece, Dr. Ure, que o espírito não conhece nem servidão nem submissão, e por mais que lhe façam, não se acovarda diante dos donos da terra. O espírito, Dr. Ure, obedece às suas próprias leis, eternas, gravadas em diamante no firmamento da humanidade, como estrelas gravitando no céu. A base dessas leis é o respeito à verdade, e os que abandonam seus ideais por medo estão, no fundo, traindo-se a si próprios. Eu não falo só por mim, Dr. Ure, mas por milhares de homens que, afogados no esgoto da violência da alma, não conseguem mais encontrar as palavras certas para exprimir os sentimentos que, apesar de tudo, ainda pulsam com seu sangue. Pessoa alguma pode roubar às outras o mínimo de comida de que precisam para sobreviver, Dr. Ure. Há alguns anos, os senhores nos diziam: «Só o trabalho pode salvá-los!», hoje, os senhores mesmos demitem seus melhores operários. Há milhões de mulheres e crianças que não têm um trapo para se proteger do frio — os senhores, entretanto, mandam destruir brutalmente fardos inteiros de algodão, reduzem o trabalho e cortam os salários, já escassos e miseráveis, usando o seu poder como um chicote. Das fontes da guerra ainda corre o sangue do coração de terras européias, a miséria uiva nos calabouços do desespero. Entretanto, o que se vê? Num canto, homens passando fome e, em outro, o arroz apodrecendo nos celeiros; aqui falta carvão e sobra fio, lá amontoam-se montanhas de carvão em porções de palácios onde sobra calor. O trabalho nas minas está parado apenas por que um sistema assassino, santificado por vocês, achou por bem que assim seja. As vendas estão paradas? Mas como não estariam, se os que as massas recebem mal dá para o seu sustento? Depois, os senhores ainda ficam se lamuriando pelos cantos: «Nossas vendas estão paradas...» Como podem ser tão cegos, Dr. Ure? A situação não poderia ser mais clara, e apesar disso vocês não a enxergam... Dê trabalho a seus homens, Dr. Ure: reduza a jornada de trabalho, assim poderá dar emprego a todos e garan-

tir a milhares de pessoas o pão de cada dia. Não destrua a vida humana de forma criminosa, Dr. Ure; esses homens, assim como o senhor, têm que seguir e completar o caminho de suas existências. Ao tirar a vida de seus irmãos, o senhor está matando Deus.

*URE* — Quem é o senhor, afinal, para falar assim? Suas roupas não indicam muita intimidade com as lides do espírito. Nada une Deus aos negócios, nada! Deus é o amparo do homem solitário que o contempla, mudo e esperançoso nas suas horas de aflição. Deus é bom para as dores e a sujeira do dia-a-dia; Ele é a luz eternamente pura que brilha sobre a miséria humana, em toda a sua bondade e misericórdia. Tentar trazê-lo para o mundo do trabalho seria profaná-lo. Afinal, o que é que o senhor deseja? O senhor chega à Nottingham, uma cidade quieta e pacífica; e imediatamente começa a acender os fogos da rebelião na cabeça de homens tão insensatos e loucos quanto animais selvagens e que o Estado, a duras penas, consegue manter atrás das grades da ordem. Afinal, o que é que o senhor deseja? Destruição? O senhor e seus companheiros são os principais adversários da paz e da piedade; será que não descansam até que o sangue e o tumulto, como a lava de um vulcão incontrollável, cubra as cidades e aldeias, destruindo os fundamentos de tudo o que o homem já construiu até agora?

*JIMMY* — Não, o senhor está enganado, Dr. Ure. São vocês que atacam a luta entre os homens, ao desligá-los a tal ponto de seus próprios corpos que, abandonados e solitários, não conseguem sequer reconhecer seus irmãos, e sobre eles se atiram como se fossem os piores inimigos. Vocês estão transformando a nossa terra num campo de batalha, no qual os fortes invariavelmente subjagam os mais fracos, os pérfidos desonram os justos e os covardes contratam assassinos por um punhado de moedas. Nessa batalha, as vítimas são proclamadas loucas e os opressores, manchados de sangue, heróis da Pátria.

*URE* — Você anda tendo visões perigosas, rapaz. Está caminhando sobre essa terra como um cego: pois a verdade é que a luta só faz bem à vida. É uma lei da natureza: o mais forte suplanta o mais fraco, gerando uma raça cada vez mais nobre e poderosa. O vencedor cresce e se multiplica, e não o vencido — é assim que tem que ser. A harmonia do mundo nasce da luta inescrupulosa dos interesses: quem fica por cima, fica por cima por causa das leis da natureza, que serão sempre indecifráveis para a nossa compreensão humana. Esta é a única forma pela qual a cultura consegue se desenvolver.

*JIMMY* — Mas haverá uma diferença se, quando o inimigo ataca um fraco, seu irmão mais forte se põe a seu lado e empresta-lhe a sua força. Os senhores falam de liberdade, falam de luta dos interesses, da suas vitórias obtidas, como dizem, pelas leis naturais dos mais fortes. Fazem lindos discursos pregando liberdade para todos. Mas eu lhe pergunto:

qual é a liberdade que sobra para o operário? A liberdade de morrer! Em comparação com a vida dos nossos trabalhadores, a vida dos escravos era uma maravilha: seus senhores eram seus protetores, não os deixavam passar frio ou fome e nem lhes davam por moradia cortiços infectos. Como era invejável o destino dos membros das corporações que, juntos com o Mestre, faziam de sua obra uma obra maior... E hoje? Hoje somos homens livres, mas estamos acorrentados a uma carga de fome que nos estrangula e destrói qualquer vestígio de vida. Como homens livres, passamos a ser coisas, mercadorias. E coisas odiadas, ainda por cima, tão longe das fontes de vida quanto qualquer tear dos seus galpões. Olhe bem para a natureza, Dr. Ure. Nela o senhor não encontrará um único animal que viva só. Uma águia, circulando livremente no espaço, descobre um bicho morto — e logo trata de alertar às outras águias para que, juntas, dividam em paz a sua presa. As formigas dividem o fruto do seu trabalho entre si, os besouros convocam outros besouros para, juntos, construírem o ninho dos besourinhos ainda não nascidos. Os negros e os bárbaros, tão criticados pela nossa sociedade, vivem pacificamente com seus irmãos de uma mesma tribo. Somente os homens livres e «civilizados» da nossa cultura são surdos à benção do Senhor que fez os homens iguais e unidos uns aos outros.

URE — Não se pode dizer que você esteja convencido do que diz... Como eu lhe disse há pouco, nas nossas regiões impera, segundo as leis que mencionei, a força de uma raça de homens nobres.

JIMMY — As minhas palavras se referem às eternas leis da natureza, de que o senhor tanto gosta. Mas hoje essas leis têm um nome, se chamam *dinheiro!* quem tem dinheiro, pode gerar trabalho; e gerando trabalho, pode elevar-se acima das massas. A nobreza, no caso, não é determinada pelo espírito, mas sim pelo dinheiro! O Gengis-Khan do proletariado! Mas este também é um caminho perigoso, pois os homens que se julgam senhores do dinheiro acabam, no final, como seus servos: tornam-se impotentes, perdem a vontade própria, uma vez que todas as suas decisões passam a ser ditadas pelo dinheiro! O dinheiro indica os caminhos, ordena o trucidamento de tribos indígenas, belos filhos da terra em flor — e tudo para quê? Por mais dinheiro! O dinheiro manda que levem às terras milagrosas da Índia e da China a diabólica e cruel destruição dos homens através do ópio e da aguardente! Assim como manda que sejam queimados os frutos de terras generosas para que os juros sejam maiores. Na verdade, Dr. Ure, o que o senhor chama de virtude, de lei da natureza e de mandamentos dos mais fortes é apenas o nome da sua própria miséria, o nome da escravidão à qual o senhor se enredou de livre e espontânea vontade. É o nome do Demônio que o impele à guerra, e a outra guerra, e a mais uma! À guerra entre irmãos, à guerra entre povos, à guerra entre raças, à guerra entre continentes... Na verdade, à guerra de

todos contra todos que, basicamente, se resume à guerra contra o seu próprio ser! Contra o seu EU!

URE — E você? E seus companheiros?

JIMMY — Nos nossos corações vive, latente e frágil como um broto, cujo invólucro abriga milagres sobre milagres, uma outra palavra: NÓS. E este nós é mais forte do que a maldição bíblica do trabalho, transformado na nossa época em dor em vez de prazer, e em estigma dos proscritos. Mas que voltará, um dia, a ser de novo a-bem aventurada obra da vida.

(Silêncio.)

URE — Você é um sonhador... No entanto, gostaria que sonhasse ao meu lado... A partir deste momento, está incorporado à minha casa!

JIMMY — Não posso aceitar. O senhor vai dar trabalho aos operários, Dr. Ure?

URE (novamente assumindo o ar de homem de negócios) — Pronto: voltou aos problemas do momento. Pois aqui está a minha mensagem: as condições são conhecidas por todos. Recuso negociações sobre as decisões da fábrica, que são fruto de considerações bem pensadas e amadurecidas. No mundo dos negócios, as decisões são tomadas por conveniências, não por sentimentos!

JIMMY — Eu estou em luta contra o senhor. E, no entanto, posso lhe assegurar uma coisa: pelo senhor, pelo seu filho e pelo filho do seu filho, na minha bandeira há de tremular sempre uma luz: Justiça. O Deus que o senhor repudia será por nós reconduzido ao seu lugar, entre danças e festas, iluminado pela claridade da manhã! Adeus, Dr. Ure. (Jimmy sai.)

URE (sozinho) — Louco varrido... Mas que louco esquisito! Um louco que acredita no que diz... um louco de alta periculosidade! Um Homem! Um Homem! (Entra Henry) Nem posso acreditar! Um *homem* esteve aqui em casa, um *homem!*

HENRY (perplexo) — Perdão, Dr. Ure...?

URE (voltando a si) — Quero a mais intensa vigilância sobre este homem! Já providenciaram a turma completa para operar a máquina?

HENRY — Ainda há pouco chegou o último grupo de voluntários de Carlton.

URE — Ótimo. O senhor pode se retirar.

(Blecaute.)

(Segunda cena: quarto de Ned Lud, no porão. O mobiliário se constitui de uma mesa e alguns banquinhos; ao fundo, há montes de palhas, onde estão deitadas as crianças. Margret e Ned Lud estão sentados à mesa; ela segura o caçula no colo. Canta lentamente uma canção de ninar)

## CANÇÃO DE NINAR

(Para a música do *Acalanto* de Brahms.)

Dorme quieto, meu neném  
Que a noite já vem  
E com ela, vem também  
Deus pra te levar pro Céu!

Ele vem de mansinho  
Pegar meu neném  
Vai agora, meu bem...  
Depois eu vou também...

Vai sem medo, meu neném  
Que na tumba não é ruim;  
Logo, logo, vou também...  
E essa vida há de ter fim.

(deita o bebê na palha, ao lado dos irmãos, e volta novamente para a mesa.) Não quero saber dessa caixa aqui em casa!

**NED LUD** — Pobre de Ned Lud, que se casou com uma bruxa tão assustadora! Vamos, minha velha, não afugente o raio de sol que pisca no nosso quarto como um hóspede tímido...

**MARGRET** — Você continua o mesmo bobo de sempre! Deixe que John Wible cuide do dinheiro.

**NED LUD** — Mas por quê? Você está com medo de que a polícia revise a nossa casa?

**MARGRET** — Bom, tenho treze filhos...

**NED LUD** — Por isso não... Eu também tenho.

**MARGRET** — Não é hora de brincadeira, Ned Lud. Olhe só para eles, que tristeza... O bebê, então... Sabe, às vezes quando o deito nessa palha úmida, sinto, lá no fundo de mim, que preferia estar deitando-o na sepultura... Que Deus me livre!

**NED LUD** — Mas ele já nasceu tísico...

**MARGRET** — E como é que não ia nascer? Fiquei diante de uma máquina de fiar até a última hora... e depois de três dias o capataz mandou me chamar, para saber se eu não ia trabalhar nunca mais. Você sabe disso muito bem. No quarto dia, lá estava eu novamente, naquele ar sufocante da fábrica, tecendo fios de linho molhados, enquanto, o dia todo, ficava escorrendo leite dos meus peitos... Nossa, como doíam os meus peitos! Chegava em casa às nove com a roupa encharcada de leite, às vezes estava tão cansada que não tinha forças nem para comer um pedacinho de pão... e, antes das três da manhã, não ia para cama... Eu não tive culpa.

**NED LUD** — Mas quem está falando de culpa, criatura?

**MARGRET** — A culpa... A culpa... Acho que Cristo é crucificado de novo todos os dias, em cada homem que morre de fome. Dizem que Deus chama os assassinos ao seu tribunal, e lhes pergunta por Abel, seu irmão; mas eu queria saber quando é que ele vai chamar os patrões ao tribunal! Quando é que vai pedir que prestem contas por todos os homens que deixaram morrer... que prestem contas por todas as mulheres, por todas as crianças, sem conta, que morreram em meio à maior miséria... O pior é que enquanto nós morremos aos milhares, eles, que são autoridades e se dizem tementes a Deus, só fazem beber, comer e trepar. E nós temos que passar a vida subjugados por estes filhos da mãe!

**NED LUD** — Eu garanto, Margret: isto está para acabar!

**MARGRET** — Ora, Ned, você só sabe falar e falar...

**NED LUD** — Eu falo. Mas eu sou um operário inglês e não minto.

**MARGRET** — Operários são os que vivem de soldos, seu bobo, os guardas da prisão e os carrascos; e mãos operárias os ajudam a erguer forcas. E não adianta olhar assim, porque eu não tenho medo, Ned Lud. Como é: a caixa é ou não é a caixa da sociedade secreta?

**NED LUD** — Você não está querendo que eu abra o jogo está?

**MARGRET** — Você nunca me conta nada! Eu só sirvo para esquentar as suas noites, não é não? E depois, claro, para cuidar das crianças...

**NED LUD** (abraçando-a) — Meu Deus, vejam só que escarcéu! Mulher de operário e quer jogar o marido no fogo...

**MARGRET** (soltando-se do abraço) — Seu mulherengo! Moléque de rua! Fanfarrão!

**NED LUD** (rindo) — Língua de trapo! Comadre futriqueira!

**MARGRET** (virando-se para ele, subitamente, e saindo em seguida) — Pois ouça bem, Ned Lud: para mim, já bastam treze crianças...

(Durante alguns momentos *Ned Lud* fica sozinho, pensativo. É afastado de seus pensamentos com a entrada do *jovem Lud*, bêbado, abraçado a uma prostituta.)

**O JOVEM LUD** (cantando) — Para a cama, para a cama... nem que seja de palha, para a cama, para a cama...

**NED LUD** — O que diabos significa isso?

**O JOVEM LUD** — Que hoje vou dormir aqui com a minha noiva!

**NED LUD** — Ora, tome vergonha! Saia já daqui...

**O JOVEM LUD** — Pois não... direto para a palha!

**NED LUD** — Estou falando desta... criatura!

**O JOVEM LUD** — Está ofendendo minha noiva!

**NED LUD** — Saia já daqui ou não respondo pelos meus atos!

**O JOVEM LUD** — O que é isso, velho? Pois não estou trabalhando para vocês desde os quatro anos de idade? Alguém lá cuidou de mim — você? Ou a mãe? Não pago alojamento? E se eu não trabalhasse na fábrica vocês

já não estariam mortos de fome há muito tempo? Então, o que é que há? Tenho o dever de ajudá-los sem o direito de me divertir?

**NED LUD** — Já para fora! Você não tem vergonha de trazer uma pessoa assim para a casa da sua mãe?

**O JOVEM LUD** — Não. Por que teria? Pois ela não fazia exatamente o que a minha noiva faz quando era mais nova? Mas tudo bem: vocês não me querem aqui, eu vou embora. Nós podemos muito bem dormir no bosque. Só tem um detalhe: eu me demito. A partir de hoje, vocês não recebem mais um centavo meu. Durma bem, seu velho idiota. (Sai cantolando) Para a cama, para a cama... nem que seja de musgo, para a cama, para a cama! (Retira-se cambaleando, apoiado na prostituta. *Ned Lud* fica prostrado, enterra a cabeça nas mãos; entra *John Wible*.)

**NED LUD** — Deus o abençoe, *Wible*.

**JOHN WIBLE** — Pois sim... pelo muito que Ele está se importando com os tecelões... Olhe, eu soube que você levou... a *Mary*... hoje... lá para casa. E que o *Jimmy*... estava junto...

**NED LUD** — Esquece, *Wible*. Não sou nenhum santo; quem conhece a miséria como eu sabe muito bem o porquê de certas coisas.

**JOHN WIBLE** — Eu juro que eles vão pagar pelo prazer deles com lágrimas de sangue, se não vão!

**NED LUD** — Nossas mulheres saquearam três armazéns...

**JOHN WIBLE** — Pois fizerem muito bem. Vocês estiveram na casa do *Ure*?

**NED LUD** — Hoje cedo.

**JOHN WIBLE** — E o que ficou decidido?

**NED LUD** — Nada de bom.

**JOHN WIBLE** — Vamos ser empregados?

**NED LUD** — Em cada cem homens, setenta e cinco vão ser demitidos. As mulheres doentes não podem mais trabalhar; em compensação, todas as crianças vão ser empregadas. Aí perguntamos o que fariam os homens desempregados, sem trabalho, sem pão; e o *Dr. Ure* nos respondeu que, se o lucro for bom, eles pretendem em breve abrir novas fábricas. No ínterim, na opinião dele, os homens deveriam dedicar-se às coisas do espírito, ao seu lado imortal... E disse mais: as novas máquinas não precisam de mãos fortes, mas de mãos habilidosas. Nossas mãos são muito ossudas, pesadas e grosseiras, muito pouco apropriadas ao trabalho nas novas máquinas.

**JOHN WIBLE** — Fantástico. Quer dizer que devemos cuidar do nosso lado imortal e, enquanto isso, cuidar de nossas mãos com bons óleos e pomadas para que fiquem bem macias e suaves... Uma excelente medida! E os salários?

**NED LUD** — Cinco pennies para as crianças; oito pennies para as mulheres e um xelim para os homens.

**JOHN WIBLE** — E o resto das condições?

**NED LUD** — Pesadas, *Wible*: temos de assumir o compromisso de trabalhar direto durante um ano, e o *Ure* pode demitir qualquer empregado sem aviso prévio, caso ele trabalhe mal ou não colabore na manutenção da paz e da ordem. Se durante o trabalho qualquer peça da máquina for quebrada, elas deverão ser repostas às nossas custas. Bom, isso sem falar nas multas — são mais altas do que os salários! Quem esquecer a tesoura, paga um penny; quem abandonar seu lugar à máquina, paga três pennies; quem for ao banheiro sem permissão dos capatazes, paga cinco pennies; quem falar com algum colega, cantar ou assobiar, paga quatro pennies. Temos que continuar morando nos barracos de *Ure*, sendo que a metade do salário será paga em mercadorias do seu armazém.

**JOHN WIBLE** — Um bom sistema: só com as multas ele é capaz de ganhar mais do que paga pelos salários. E o que é que o *Jimmy* acha?

**NED LUD** — Ele acha que nós deveríamos assumir o compromisso. Diz que os dias dos patrões estão contados. Que em *Blackborn*, em *Bolton*, em *Lancashire*, em *Wigan*, em *Rachdale*, em *Leicester*, em *Derby*, em *Manchester* e em todas as outras cidades as pessoas estão se organizando. (Entra um grupo de mulheres, entre elas *Margret*. A primeira tira pão do avental e atira-o às crianças.)

**1ª MULHER** — Aqui, crianças, matem a fome. E aproveitem, por que agora vêm de novo sete anos de vacas magras...

(As crianças se atiram esfomeadas sobre os pedaços de pão.)

**NED LUD** — O pão do armazém... O pão roubado! Não posso suportá-lo!

**2ª MULHER** — Ouçam isso... ele não o suporta! Assim eu acabo tendo um ataque! Ele não suporta o pão roubado, vejam só... O grande virtuosso, essa pérola de honestidade... Os seus filhos se atiraram com tanta avidez sobre este pão, *Ned Lud*, quanto um bando de cães famintos se atiraria sobre um monte de ossos, depois de passarem dias sem comida. Tire-o deles, *Ned Lud*! Mostre sua coragem... tire-o deles! O pão do ladrão... Como é, cadê a coragem? Já está de rabo entre as pernas, não é! E... meu Deus, está chorando... O homem tem lágrimas! Quem diria que um dia eu chegaria a ver isso, o férreo *Ned Lud* em lágrimas...! (silêncio) É verdade que vocês estão querendo trabalhar nas máquinas?

**NED LUD** — É.

**1ª MULHER** — E que entraram em acordo com *Ure*?

**NED LUD** — É. Nosso objetivo é obter justiça para todos, mas só alcançaremos isso através de uma luta penosa. Não é a máquina que é nossa inimiga.

**1ª MULHER** — O que é que você quer dizer com isso?

**2ª MULHER** — Quer dizer, meu bem, que eles estão nos deixando na mão!

**JOHN WIBLE** — É assim que vocês interpretam nosso gesto? Achar que nós as estamos deixando na mão?

**1ª MULHER** — Ha, «Justiça»! Uma bela palavra: lutam por «justiça». Nós não vamos para a máquina. Nunca! Nunca!

**JOHN WIBLE** — A gente tem que se conformar... e começar a rezar um terço.

**1ª MULHER** — Hoje é o dia das surpresas... até Wible... Wible, o verdadeiro, rezando feito um padre! O que é que há com vocês? Não tem mais tutano não? Vocês são um bando de cagões — eu não passaria a noite com vocês nem que fossem os últimos homens da terra!

**NED LUD** — Por que essa raiva toda? Vocês, mulheres, vão ser empregadas. Nós, homens, é que vamos para o olho da rua.

**1ª MULHER** — Quem sabe, vocês vão varrer a casa, vão cozinhar, vão cerzir as meias...? São todas nobres funções, bem masculinas...

**NED LUD** — Se vocês não aceitarem as condições do Ure, seus filhos vão morrer de fome!

**2ª MULHER** — Pois que morram! Eu queria, de todo o coração, que eles nunca tivessem nascido! Qual é o tempo que vai nos sobrar para eles? Hoje, do jeito que as coisas estão, já mal dá para amamentá-los; daqui por diante, como é que vai ser? Vamos alugá-los, ou o quê? Família! Amor Materno! Belas coisas, de fato, para as conversas dos patrões. Mas onde há família entre nós? Eu tenho mais familiaridade com o tear do que com o meu próprio filho... Tudo o que sei a seu respeito é que existe e está com fome.

**1ª MULHER** — Olhem, consigam trabalho para os homens. Senão, nós, mulheres, vamos nos unir.

**JOHN WIBLE** — O que é que vocês estão pretendendo fazer?

**2ª MULHER** — Se vocês deixarem a máquina viver e aceitarem que ponham nossos homens na rua junto com as mulheres doentes, nós iremos até Ure e lhe apresentaremos uma nova proposta. Vamos pedir-lhe que, ao invés dos vinte e cinco homens, contrate mulheres. Que faça a experiência! Produziremos em pé de igualdade, trabalharemos vinte horas se for preciso. Pela metade do salário.

**NED LUD** — Vocês não têm vergonha? Atraiçoiariam seus irmãos? Atraiçoiariam o Sindicato?

**1ª MULHER** — Estamos pouco ligando para o Sindicato. A gente come o pão que o Diabo amassou e ainda tem que entoar loas ao Sindicato?! Tratem de achar uma saída.

**2ª MULHER** — Queremos ação. Não palavras.

**NED LUD** — Ouçam Jimmy. Ele só quer o nosso bem, ele diz o que todos nós sentimos e o que todos nós queremos... Wible, eu não sei usar palavras direito. Explique a elas o que o Jimmy disse.

**JOHN WIBLE** — Mas logo eu? Quando eu era criança, caía no sono na

Igreja assim que o padre começava o sermão! Pois ontem me aconteceu a mesma coisa e, cá entre nós, seria até ofender o nosso velho pastor comparar os seus sermões à litania de Jimmy. Me desculpe, Lud, mas eu só acordei quando vocês todos já estavam lá fora!

**1ª MULHER** — Nós não somos homens para nos deixarmos iludir pelas palavras de qualquer pregador de meia tijela que apareça por aí!

**2ª MULHER** — Fiquem sabendo, senhores: vocês têm dois dias de prazo. Seus bundas-moles! (As mulheres saem.)

**JOHN WIBLE** — Elas não podem fazer isso: Jimmy disse que nós devemos nos comprometer.

**NED LUD** — Nós não podemos nos trair uns aos outros! Os operários devem se unir: sozinho, o indivíduo é uma haste que qualquer brisa dobra. Ele só tem força como massa.

**JOHN WIBLE** — Você soube da última? Trouxeram duzentos desempregados de Carlton, que estão trabalhando aqui.

**NED LUD** — Furadores de greve!

**JOHN WIBLE** — Falei com Jimmy.

**NED LUD** — E o que é que ele recomendou?

**JOHN WIBLE** — Paciência.

**NED LUD** — Paciência?

**JOHN WIBLE** — Bem, ele não entende muito da honra do operariado. Ele não é mais um operário... Pode estar do nosso lado, mas... ele sabe ler e escrever, feito os patrões.

**NED LUD** — Temos que nos defender.

**JOHN WIBLE** — É, o resto do pessoal é da mesma opinião. Vamos nos reunir hoje à noite perto do galpão pequeno. Achamos que seria bom darmos uns conselhos a essas ovelhas negras...

**NED LUD** — Hoje à noite?

**JOHN WIBLE** — É.

**NED LUD** — Pois eu vou também.

**JOHN WIBLE** — Apesar de Jimmy?

**NED LUD** — Eu me chamo Ned Lud. Os outros foram avisados?

**JOHN WIBLE** — Só falta Bobby. Vou até lá. (Vai saindo; na porta, pára e vira-se para Lud) Um dos contadores da fábrica me disse que Jimmy entra e sai de lá o tempo todo. E que inclusive até aconselhou que esses caras fossem admitidos... Mas eu não acredito. (Sai. Ned Lud fica pensativo.)

**MARGRET** — Desde que a máquina chegou à cidade, parece que tudo está enfeitado.

**NED LUD** — Você acha, é?

**MARGRET** — Acho sim. O que as mulheres disseram estava certo.

**NED LUD** (irritado) — Até você, Margret!

**MARGRET** (também com raiva) — Vocês são mesmo uns bundas-moles! Rezam cheios de piedade quando suas mulheres e seus filhos baixam a

sepultura, e na hora de agir... O inquebrantável Ned Lud vai limpar panelas... Não há de ser nada, dou a você um avental velho, e você poderá usá-lo para secar as lágrimas quando estiver choramingando por aí... (Choro de criança; *Margret* corre para os fundos. Solta um grito e cai em pranto) Meu bebê! Meu bebê! Me acuda, minha Nossa Senhora, meu bebê está morrendo... Morto! De fome, de fome...

**NED LUD** — Nunca vamos conseguir romper o círculo vicioso das dificuldades! Ai está a máquina, e...? Tudo parecia tão claro quando Jimmy falou. Deveríamos todos voltar para o campo; o sangue das grandes cidades envenena o nosso corpo, rói o nosso organismo. Não há fé nas grandes cidades. Deveríamos ter terra, e só assim teríamos arrimo no chão da nossa Pátria... Assim como estamos somos piores do que leprosos, somos árvores cujas raízes foram cortadas e que tentam, inutilmente, se defender durante as tempestades... definhando cada vez mais. (Cai o pano.)

## QUINTO ATO

(*Primeira cena: interior de um velho depósito de batatas; o chão está forrado de palha e, sentado de pernas cruzadas, sobre a palha, Jimmy escreve. Entra o mendigo.*)

**JIMMY** — Estou sendo procurado?

**MENDIGO** — Pelo contrário, amigo.

**JIMMY** — Como assim pelo contrário?

**MENDIGO** — Os que teriam motivos para procurá-lo, estão dançando.

**JIMMY** — Ai, não me venha com charadas justo agora!

**MENDIGO** — O que é que você está fazendo?

**JIMMY** — Redigindo um panfleto.

**MENDIGO** — Não leve a mal... mas acho que panfletos são como a areia: enchem os olhos e os ouvidos, mas não chegam ao coração. Diga, meu amiguinho, tem confiança na sua gente?

**JIMMY** — Claro. São operários!

**MENDIGO** — Mas são pessoas...

**JIMMY** — Os operários mantêm sua palavra!

**MENDIGO** — Alguns, talvez. Mas *todos*? Duvido. *Todos* os homens mantêm sua palavra? *Todos* os homens são corajosos, honestos, fiéis, altruístas? Não. Pois então, por que os operários deveriam ser diferentes? Só porque são operários? Eu acho que você os vê como gostaria de vê-los; criou para si mesmo novas divindades, os «santos operários»: todos puros, e sábios, e leais e perfeitos... Imagine, operários ingleses de 1815!

Sonhador! Cuidado, amiguinho, muito cuidado. Lutar aliado a divindades é chegar à vitória como uma flor de maçã chega a maçã; mas você não está aliado a divindades. Acorde! Reconheça que seus companheiros de luta são míseros serezinhos humanos, alguns de boa vontade, outros de má vontade, uns ávidos, outros altruístas, uns mesquinhos, outros generosos... Vá à luta assim mesmo. E aí, se você chegar à vitória e eles se transformarem durante a batalha, prometo tirar o chapéu para você! Isto é, assim que tiver um novamente... O seu afogou-se. Está bem quentinho. Enfim... Tome cuidado. Quem não vê os homens como eles são, não deve falar em traição e ingratidão na hora em que vir que foi incompreendido e levar umas pauladas...

**JIMMY** — A vitória dos operários será a vitória da Justiça!

**MENDIGO** — Eu passei por três governos na vida. *Todos* os governos enganam o povo, alguns mais, outros menos. Os que enganam menos são aqueles que a gente acha ótimos governos.

**JIMMY** — Ora, você não passa de um velho resmungão, insatisfeito com a vida!

**MENDIGO** — E você, Jimmy? Você é um operário estudado, um aristocrata. Todos os aristocratas querem governar, querem ser poderosos... inclusive os operários. Não estou querendo ofendê-lo com isso... se você quer governar, você certamente fará parte daqueles que governarão bem, muito bem, até.

**JIMMY** (ri; em seguida, fica sério) — Você conhece John Wible?

**MENDIGO** — O Wible torto?

**JIMMY** — John Wible...

**MENDIGO** — O pai dele ganhava de mim na bebida, e olhe que isso não é pouca porqueira... Quando chegava bêbado em casa batia na mulher e nos filhos e, uma vez, atirou John contra a parede, feito um gato. Só que ele não se levantou mais, ficou ali estirado. Quando conseguiu ficar de pé, novamente, estava torto, e torto ficou para o resto da vida. A mãe dele se enforcou, porque, na sua miséria, um dia não resistiu e roubou um pão do padeiro — e iam levá-la para a prisão. O padeiro disse que eram três pães, mas quem é que vai acreditar num padeiro? Pois se eles dizem que fazem pão de centeio e o que menos há nos pães é justamente centeio...

**JIMMY** — Os operários acreditam em John Wible?

**MENDIGO** — Ele sabe como dominá-los.

**JIMMY** — Como assim?

**MENDIGO** — Ele sabe se impor, sabe falar e uma vez, inclusive, atirou uma pedra no gerente. É verdade que estava bem escuro, mas mesmo assim...

**JIMMY** — O filho dele é aleijado?

**MENDIGO** — Não mais do que os dos outros tecelões. As parteiras cos-



tumam dizer, até, que na hora do nascimento nem dá mais para saber se as crianças têm ossos ou não... parecem todas feitas de borracha, de tão fracas.

**JIMMY** — Se ao menos se pudesse salvar as crianças! Tão sagradas e pequenas, atiradas sem só nem piedade a um destino massacrante! Nossa futura geração já está prejudicada desde os ossos!

(Silêncio.)

**MENDIGO** (falando suavemente) — Jimmy... amigo... seu pessoal tem planos para hoje... Querem destruir a máquina.

**JIMMY** — Mentira! Você está mentindo!

**MENDIGO** — Só porque estou lhe contando algo que você não quer ouvir?

**JIMMY** — Onde é que eles estão?

**MENDIGO** — Na fábrica. John Wible mandou que fossem para lá, para surpreender os furadores de greve... mas eu conheço essa velha raposa.

**JIMMY** — Obrigado pela informação. Boa noite! (Sai apressado.)

**MENDIGO** (gritando atrás dele) — Meu amiguinho, meu amiguinho do coração... Pelo amor de Deus, tome cuidado... Se eles não acreditarem mais em você vão enforcá-lo... Se eles se sentirem culpados por estarem traindo você, aí então é que vão enforcá-lo mesmo... Posso ficar com a sua camisa...? Ah, não adianta... não me ouve mais. Vou ficar com ela. Faz dois anos que não ponho uma camisa... e quem põe uma camisa se sente feito um lorde... (Blecaute.)

(Segunda cena: um dos setores da fábrica, numa noite enluarada. A peça está parcamente iluminada: há uma máquina a vapor gigante e vários teares. Nos teares trabalham crianças e algumas mulheres; na máquina a vapor, dois homens. O ruído do conjunto de máquina e teares enche a sala, deve vibrar por todo o teatro.)

**CAPATAZ** — Nove horas! Começar! Ei, você aí, está parada por quê?

**MENININHA** — Não consegui dormir de dia, senhor... e agora mal consigo ficar de olhos abertos... (O capataz bate na criança com a chibata; muda, ela continua a trabalhar. Um garoto miúdo entra correndo.)

**CAPATAZ** — Nove horas e dois minutos: você chegou com um atraso de dois minutos. Será devidamente anotado na sua caderneta de multas. Dois pennies a menos no salário. Anda! (O menino vai até o seu lugar.) Nove horas e dez minutos! Fecha a porta! (Uma mulher se levanta e fecha a porta; mal acaba de fazê-lo, ouvem-se batidas do lado de fora.) Quem está aí?

**VOZ DO LADO DE FORA** — Mary Anne Walkley.

**CAPATAZ** — O relógio está marcando nove horas e doze minutos: depois de nove e dez ninguém entra mais, você sabe muito bem. Faça o favor de esperar aí fora até uma da manhã. Já fiz a anotação em sua caderneta: será descontada em meio salário.

**VOZ DO OUTRO LADO** — Por favor, senhor... Estou me sentindo tão mal hoje... perdi tanto sangue... no caminho... e...

**CAPATAZ** — Sua perda de sangue deve ter outros motivos, e nenhum deles me interessa. A única coisa que me interessa é o regulamento, e o regulamento diz que é preciso manter a ordem. (Ouvem-se passos arrastados de quem se afasta; quase que simultaneamente, novas batidas.) Quem está aí?

**NOVA VOZ DO LADO DE FORA** — Ure.

**CAPATAZ** — Um instante, senhor: vou abrir imediatamente. (Abre a porta: entram Ure e seu convidado, um representante do governo. O capataz se desdobra em salamaleques.)

**URE** — Tudo em ordem?

**CAPATAZ** — Tudo em ordem, Dr. Ure.

**URE** — Estes são os de horário integral?

**CAPATAZ** — São. Todos eles.

**URE** (para o convidado) — Aqui o senhor pode ver um dos setores da fábrica. Aquilo que os agentes da concorrência estrangeira chamam de matadouro ou casa de horrores... os agitadores gostam de palavras fortes. Mas falemos abertamente: a máquina obriga as mãos rebeldes à docilidade. Graças a Deus! Dê uma olhada nas crianças, estimado amigo. Nota nelas algum cansaço, mau humor, ou sinais de maus tratos? Veja como seus olhos brilham alegremente! Veja como se sentem felizes com o leve jogo de seus músculos; como desfrutam totalmente a natural agilidade de sua tenra idade... Olhe para o lado de lá... veja como é encantadora a agilidade com que aquela meninazinha reata os fios rebentados! Não é mesmo um encanto a forma como todas essas crianças queridas demonstram alegria em poder mostrar ao meu convidado a sua arte? Chega a ser um deleite estético, não é mesmo?

**CONVIDADO** — Há quem diga que os salários pagos às crianças são muito baixos...

**URE** — Conversa fiada de burocratas, meu amigo, que não têm a menor experiência prática do assunto. O salário deve permanecer baixo; na verdade, os salários baixos são a nossa única defesa contra a avidez dos pais. Caso contrário, nos mandariam para a fábrica crianças de um ano... Não há piores exploradores do que os pais operários. Eles abusam literalmente da saúde e da força de trabalho de seus filhos.

**CONVIDADO** — Mas a saúde das crianças não é prejudicada por este trabalho noturno?

**URE** — Em absoluto... Além disso, a concorrência não nos permite

abrir mão deste turno. Se fecharmos a fábrica à noite, poderíamos fechá-la de vez.

**CONVIDADO** — No Parlamento querem reduzir a jornada de trabalho das crianças para treze horas.

**URE** — Sempre o Parlamento! Essa é uma lei totalmente insensata, que significa a limitação da liberdade de trabalho. Deve-se permitir aos operários que trabalhem tanto quanto queiram...

**CONVIDADO** — As crianças têm um intervalo para comer?

**URE** — Olhe, para nosso sincero pesar, não podemos instituir esta prática. Veja bem: qualquer interrupção significaria a ociosidade da máquina. Um completo desperdício de carvão.

**CONVIDADO** — O capataz é um ex-operário?

**URE** — Sim senhor, um ex-operário! Aqui o caminho está aberto para quem quer subir. É preciso, porém, ter certas qualidades: o homem deve ser correto, saudável, obediente, trabalhador. Tivemos as melhores experiências com capatazes recrutados entre os operários: é extraordinária a rapidez com que se adaptam a seus novos cargos, cortando todos os laços que os uniam a seus antigos companheiros de serviço. São conscientes, dignos de confiança, severos e inflexíveis, e nos prestam um inestimável serviço.

**CONVIDADO** — São exemplos edificantes, realmente... Quando é que o senhor acha que vai acabar esta greve idiota?

**URE** — Isso não nos incomoda muito. Podemos esperar. Temos material suficiente à disposição — desempregados, órfãos do asilo de Carlton, uma quantidade de crianças que conhece bem o trabalho na máquina. No momento, nossa população está contaminada pelo germe infame da rebelião, que se espalhou através do perigoso romantismo da liberdade britânica, pregado por literatos ociosos e inconscientes. É evidente que queremos o melhor para os nossos operários: afinal, eles também são cristãos batizados, como nós. Não podemos nos esquecer disso! Somos seres humanos... E a recompensa? A recompensa por nossa dedicação é a ingratidão, meu caro amigo... Venha, vamos em frente... (*Ure, e o convidado retiram-se.*)

**CAPATAZ** — Vamos! Continuem a trabalhar, chega de fazer hora... Você aí, será que ouvi bem? O que é que você estava cantando?!

**MENININHO** — «Nunca, nunca os ingleses serão escravos...»

**CAPATAZ** — Pois está multado! Um penny de desconto... Ei, mas o que é isso?! (sacode com força uma menina semi-adormecida, que se sobressalta e continua a trabalhar, automaticamente.)

**MENININHA** — Queira desculpar, senhor... O caminho da minha casa até aqui é tão comprido, e eu fiquei com os pés doídos por causa das pedras...

(Ouvem-se fortes batidas na porta.)

**VOZES DO LADO DE FORA** — Abram! Abram! Há um monte de tece-lões armados de pás, picaretas, bastões e enxadas aproximando-se da fábrica!

**CAPATAZ** (Para os operários) — Vocês fiquem nos seus teares. (para uma criança) Corra até a prefeitura, avise as autoridades! (para outra) E você avise ao nosso engenheiro. Rápido! (as duas crianças saem correndo. Os gritos da multidão ressoam cada vez mais perto.)

**GRITOS** — Abram! Abram! (a porta é arrombada e a multidão invade a fábrica; entre os homens, *Ned Lud, John Wible, Charles, Georges, Edward, Albert e Arthur.*) Seus furadores de greve! Que o diabo os carregue! Seu capataz filho da mãe, seu desertor! (as crianças e mulheres largam os teares, assustadas, e se encolhem a um canto) Mas são crianças! Crianças! **UMA VOZ ISOLADA** — O homem de ferro! (a multidão vê a máquina e, dominada pelo que lhes parece um milagre, se detém, perplexa. Há um silêncio súbito.)

**NED LUD** — Assim é que moem os moinhos de Deus...

(Entra o engenheiro, apressado.)

**CAPATAZ** — Ah, senhor engenheiro, senhor engenheiro... Pelo amor de Deus, me ajude, faça alguma coisa... o patrão vai me mandar embora...

**ENGENHEIRO** — Desliguem a máquina! (A máquina é desligada, o engenheiro salta para cima de um caixote.) O que é que vocês pretendem fazer? Querem opor-se à Divina Providência? Vocês são uns idiotas! Os teares os faziam pedalar feito escravos, e essa escravidão acabou encurvando os seus corpos, deformando os seus ossos! A máquina é a sua salvação! Basta um toque... e a caldeira, cheia de vapor, estremecendo sobre o forno chamejante, a põe em funcionamento! Observem: (o capataz liga a máquina; com um barulho suave como o suspiro de uma pessoa, ela começa a trabalhar.) Estão vendo? As rodas propulsoras respiram e se distendem... redemoinham a ritmo de compassos alucinantes... Os eixos ligam as transmissões... e pronto! Basta um toque, e o caixilho dos fios é mudado... Um toque apenas... e a trama sai na sua forma mais perfeita. Não há mais necessidade de desfazer os enredamentos causados por mãos cansadas... As navetes deslizam como pássaros ágeis, impelindo a bobinas a uma ação contínua. Basta um toque... E a máquina descansa, domada... (o capataz desliga a máquina) E tudo isso, senhores, foi criado pelo espírito do homem! Pode, portanto, ser domado pelo espírito do homem! Quem luta contra máquina, está lutando contra a razão divina! Na verdade, o que vocês chamam de Demônio a vapor é um objeto inferior ao homem, que curva-se às leis da mecânica. A antiga força que acorrentava os homens foi derrubada e, em sua nova forma, torna-se escrava de seus antigos súditos. Antes, vocês eram escravos das coisas; hoje são mestres, senhores, reis. O novo monumento da criação ergue arcos de triunfo à liberdade: o homem tornou-se senhor da terra!

**JOHN WIBLE** (Pulando sobre a máquina) — Vocês ficam aí parados, de olhos arregalados, feito umas estátuas... Pois olhem bem para essa coisa infernal, e não dêem ouvidos ao laçao do Ure! Será que já esqueceram o que Albert lhes disse?

**CHARLES** — É, a máquina nos amarra, nos despedaça...

**GEORGES** — Ela nos algema, nos tortura...

**EDWARD** — E antes éramos homens livres!

**WILLIAM** — Éramos senhores do tear!

**ALBERT** — O trabalho de nossas mãos tecia flores divinas!

**JOHN WIBLE** — Será que este serviço de cão é digno de homens? Ele presta para autômatos, não para ingleses livres!

**ENGENHEIRO** — Não adianta nada vocês lutarem contra a máquina. Em todas as cidades da Inglaterra, em todas as cidades do continente, ela começa a sua vida cheia de força e poder; ela brilha como o futuro, e não há mais como voltar atrás! O progresso sempre acaba triunfando!

**JOHN WIBLE** — Quem aconselha submissão a uma coisa dessas não pode estar pensando bem. Lembre-se das condições de Ure!

**NED LUD** — Não se esqueçam do que Jimmy falou...

**JOHN WIBLE** — Ora, Jimmy falou em paciência! Paciência... Paciência... Esta é a linguagem dos traidores, que pretendem que os homens se vendam de vez, por toda a eternidade! É um absurdo falar em paciência numa hora dessas. Nós não temos nada a ver com o Parlamento, não temos nada a ver com o Estado... que se danem todos! Temos que lutar contra nosso inimigo imediato, que é essa máquina infernal. Vocês querem ser escravos da máquina?

**TODOS** — Não!

**JOHN WIBLE** — Braços? Pernas? Parafusos? Alavancas?

**TODOS** — Não, não e não!

**ALBERT** — Queremos trabalhar, como trabalhávamos antigamente...

**JOHN WIBLE** — Então vamos lutar por uma vida digna!

**NED LUD** — Mas demos nossa palavra a Jimmy!

**JOHN WIBLE** — Jimmy é um traidor!

**NED LUD** — Não é verdade.

**JOHN WIBLE** — Ah, não? Como se chama o pior dos canalhas que nos traiu e passou ao serviço de Ure? Henry Cobbett! Pois Jimmy é irmão dele.

**TODOS** — É verdade.

**NED LUD** — Jimmy... irmão de Henry Cobbett?!

**JOHN WIBLE** — Por que essa hesitação? Se você não quer lutar, o problema é seu; se estiver com medo, pode ir embora.

**NED LUD** — Com medo, eu? Você me conhece, John Wible.

**JOHN WIBLE** — Pois então pensa na tua mulher!

**CHARLES** — E nos teus filhos.

**GEORGES** — Ou no Diabo!

**WILLIAM** — Nessa dêsputa a vapor que está aí!

**EDWARD** — Até as nossas mulheres estão lutando!

**CHARLES** — Elas impediram três comerciantes ladrões de continuarem a sua usura!

**TOM** — E enquanto isso nós estamos aqui perdendo tempo com conversa fiada!

**ARTHUR** — Mas o que é que podemos fazer? O que é que *devemos* fazer?

**JOHN WIBLE** — Vamos lá, Ned Lud, mostre que você é um dos nossos! Vamos retomar a nossa velha meta: Morte à máquina!

(Faz-se um silêncio apreensivo. Subitamente, *Ned Lud* dirige-se resolutamente para a máquina a vapor. *O engenheiro, o capataz, os juradores de greve, as mulheres e as crianças* fogem correndo.)

**NED LUD** (erguendo uma enxada) — Henry Cobbett é irmão dele... O traidor! Morte ao Diabo, e morte à prole do Diabo! (desce a enxada com força, acertando a máquina, que começa a funcionar, junto com os teares. Os *operários* vão se esquivando timidamente, trocando olhares consternados.)

**CHARLES** (aos gritos) — É uma criatura do inferno! Uma obra do Demônio!

**ARTHUR** (depois de alguns segundos de hesitação) — Eu... eu... não... não sei falar... não sei falar bonito assim como John e Jimmy mas... mas Arthur não tem medo! Ele... pega a sua pá... o seu apoio... vai à luta! (começa a desferir golpes violentos contra a máquina; de repente, porém, é preso em suas engrenagens e esmagado. Grita.) MÃE!

**EDWARD** (horrorizado) — Santos Céus! O inimigo esmagou-o!

**NED LUD** — Foi devorado pelo monstro!

(Os *operários* caem em letargia, petrificados — inclusive *Ned Lud*, que subitamente vislumbra um trabalhador roubando um objeto de cobre e acorda de seu estupor. Atira-se em direção ao homem.) O cobre para fora do bolso, ladrão! Roubando na guerra do inimigo morto?! Não tem vergonha? Estamos em guerra, homem, em guerra! A lei marcial está em vigor; quem é pego em flagrante pilhando, é fuzilado! E não vejo do que possa estar rindo... Acho que riria se tivesse que matar um homem na guerra, não é mesmo? Há um fantasma fazendo pouco de nós, irmãos! (atira-se novamente à máquina, com vigor redobrado) Sua bruxa! Obra do Demônio! (Os outros, envergonhados, atiram-se também à máquina, apesar de temerosos. Em poucos segundos, ela está inteiramente destruída.)

**GRITOS** — Vamos ver agora, monstro de ferro! Venha quebrar nossas espinhas, cadela!

(Durante a ação, desencadeou-se do lado de fora um violento temporal. A tempestade bate as janelas e as portas, fechando-as. As lâmpadas se

apagam e, na escuridão, se ouve uma risada intermitente e enlouquecida.)

*RISADA* — Hahahahahaaaa... iiiiiuuuuuuuuuuuuuu...

*GEORGES* — Deus de Misericórdia! A máquina ri!

*RISADA* — Hahahahahaaaa... iiiiiuuuuuuuuuuuuuu...

*GRITOS* — Ela fugiu! A porta, onde está a porta?

*RISADA* — Hahahahahaaaa... iiiiiuuuuuuuuuuuuuu...

*GRITOS* — A tempestade trancou a porta! A máquina e a tempestade se mancomunaram contra nós...

(Um relâmpago ilumina a cena, e vê-se que as risadas partem de *Albert*.)

*ALBERT* — Hahahahahaaaa... Estou avisando, a máquina não está morta! Ela vive, ela vive! Estende suas garras e prende os homens e

esmaga-lhes o coração com os dedos de ferro... Há exércitos marchando

contra aldeias cercadas... Os jardins estão murchando, envenenados pelo

hálito do enxofre... Crescem os desertos de pedra, multiplicam-se os as-

sassinos de crianças... E um mecanismo cruel conduz os homens à des-

truição, num compasso monótono e melancólico... Tique-taque, tique-

taque: de manhã. Tique-taque, Tique-taque: meio-dia. Tique-taque,

tique-taque: de noite. Tique-taque o tempo todo... Um é braço, um é

perna... Um é cérebro, um é olho... Mas a alma... ah, a alma — essa está

morta!

*TODOS* (contaminados com uma devoção mística) — A alma está morta!

(Outro relâmpago.)

*UMA VOZ* — É *Albert* quem ri! Ele está possuído!

*OUTRA VOZ* — Está possuído pelo espírito da máquina!

*ALBERT* — Hahahahahaaaa... iiiiiuuuuuuuuuuuuuu... A ganân-

cia... foi a ganância que os impeliu a uma vida em que o único desejo é o

metal, o vil metal! Os direitos não valem mais nada, os costumes se dis-

solvem, os irmãos se transformam em inimigos... e os inimigos são con-

fundidos com irmãos! E no final da linha... lá no final... a decadência. A

mais negra decadência!

*JOHN WIBLE* — Agarrem-no! Ele está possuído, foi mau-olhado!

*GRITOS* — Matem-no! Matem-no!

(Confusão geral. No escuro, operários correm contra operários, tentando

segurar *Albert*, que pula de um lado para outro; os golpes se sucedem, os

operários acertam-se uns aos outros, menos a *Albert*.)

*ALBERT* (na frente) — Máquina... Máquina... iuhu!

*UMA VOZ* — Ai! Eu não... eu não...

*ALBERT* (no fundo) — Eu sou o arauto do futuro, nascido do sangue e

da luta! Hahahahahaaaa...

*UMA VOZ* — É aquele ali!

*OUTRA VOZ* — Eu não! Pelo amor de Deus, eu não!

*ALBERT* (de cima) — Eu não sou inimigo de vocês, não sou não... Hahahahaa...

*UMA VOZ* — Santa mãe... fui apunhalado... no coração... mas não sou

*Albert*, sou... *Jack*... *Lodgers*... eu...

*ALBERT* (como se estivesse muito longe) — Sempre perseguido, sem-

pre crucificado... HAHAHAHAAAA!

*NED LUD* — Deus tenha piedade de nós! É o dia do Juízo Final!

*ALBERT* (cantando estrondosamente, como se sua voz viesse de todos os

lados ao mesmo tempo) — Eu chamo... Eu chamo das profundezas!

(Faz-se um silêncio aterrador.)

*GEORGES* — Ei, tem um homem pendurado na janela... enforcado!

*CHARLES* (acorrendo e olhando) — É *Albert*... tem um braço de pau...

*NED LUD* — Ele cumpriu seu destino... esteve possuído por Deus.

(Um novo silêncio, desta vez interrompido pela entrada de *Jimmy*.)

*JIMMY* — Vocês! Como puderam...?!

*GRITOS* — Esmaguem a cabeça dele! Arranquem as suas tripas!

*JIMMY* — Seus loucos! Vocês quebraram o juramento! A união do ope-

rariado inglês estava se consolidando... e vocês a apunhalaram pelas cos-

tas...

*JOHN WIBLE* — As palavras dos hipócritas sempre soam muito bem... O

gerente de *Ure* não é seu irmão?

*JIMMY* — Por que esta pergunta, agora?

*JOHN WIBLE* — Responda! Sim ou não!

*JIMMY* — Sim.

*GRITOS* — Traidor! Traidor!

*JOHN WIBLE* — Quem é que escarneceu de nossas mulheres, teu irmão

ou um estranho? Não adianta, você não tem escapatória...

*GRITOS* — Ele queria nos entregar ao Demônio a vapor! Lacaio do Diabo!

*JIMMY* — Vocês podem me ouvir um minuto?

*GRITOS* — Cale a boca!

*NED LUD* — E dizer que eu teria dado a vida por este homem...

*JOHN WIBLE* — Como é, vocês querem deixar viver a língua da traição?

Querem deixar viver os olhos da traição, o coração da traição? Arran-

quem-lhe a língua da boca, os olhos da cara, o coração do peito!

*NED LUD* (avançando sobre *Jimmy*, e derrubando-o no chão) — Traidor!

(*Jimmy* olha para ele calmamente; *Ned Lud* recua, tímido. *John Wible*

avança e cospe-lhe no rosto.)

*JOHN WIBLE* — Aqui, para matar sua sede! O último gole antes de ir

para o inferno!

*JIMMY* (erguendo-se de um salto) — Seu animal! Vocês... Vocês me

pareciam homens livres, e eram todos escravos... Escravos, todos e o

tempo todo! Vendendo suas mulheres aos patrões, rebaixando-se... es-

cravos! Metidos em uniformes militares, marchavam para a guerra dan-

do hurras aos senhores... rebaixando-se cada vez mais, como escravos! A

ação de vocês é a ação dos escravos rebeldes, não é a ação dos homens li-

vres. Qual é o objetivo de vocês? Dominar como os senhores... mas não passam de escravos. Subjugar como os senhores... mas não passam de escravos. Viver bem como os senhores... mas não passam de escravos. E, como os escravos que são, só obedecem mesmo àqueles que os chicoteiam para a sua pretensa libertação! (Cala-se) Desculpem... De repente, a rai-va fez com que eu perdesse o controle. Vocês não têm culpa, pobres irmãos escravizados... Nunca houve ninguém que lhes ensinasse a agir de outro modo. Mas vocês lutaram contra o inimigo errado! Companheiros... irmãos... se os operários da Inglaterra desertarem da sua missão sagrada... Se os operários do continente, se os operários de toda a terra não se unirem... jamais a humanidade poderá se libertar! A comunidade mundial de todos os povos operários jamais será erguida! E a coligação universal de todos os povos, livres para sempre, não passará de um sonho. E aí, irmãos, vocês continuarão escravos até o fim dos seus dias!

**JOHN WIBLE** — Vocês não dizem nada? Só sabem calar? Vamos! Ou será que são mesmo tão covardes? Arranquem-lhe a língua? Os olhos da cara!

(Todos os operários, com exceção de *John Wible*, que vira-se de costas, atiram-se sobre *Jimmy* e abatem-no. Silêncio.)

**NED LUD** (para *John Wible*) — John... por quê... por que você, justamente, não o golpeou?

**JOHN WIBLE** — Pois se fui eu quem lhe deu o primeiro e o último golpe na nuca...

**NED LUD** — Mentira!

**JOHN WIBLE** — Você se arrepende da morte dele?

**NED LUD** — Não me arrependo de nada, já que ele era um traidor. Só não entendo por que logo você ficou de lado... Primeiro, gritou «arranquem-lhe a língua!»; depois, «Os olhos da cara»...

**JOHN WIBLE** (tremendo) — Vocês arrancaram... os olhos?!

**NED LUD** — Como, nem ao menos olhou?

**JOHN WIBLE** — É que eu... eu...

**NED LUD** — Não precisa dizer mais nada: agora entendo tudo. Covarde! (agarrando *John Wible* pela gola e arrasta-o até o cadáver.) Na hora de gritar «Matem!», você grita; na hora de agir, vira as costas...

**JOHN WIBLE** (gemendo e chorando) — É.. é que eu... eu não posso... ver... sangue... ai de mim...

**NED LUD** — Como é que é? Você queria beber sangue e não aguenta nem ao menos ver sangue? Pois dê uma boa olhada: sangue, sangue, está vendo? E mais sangue! Não pode ver sangue... Mas pode gritar «Matem!», não pode? Você é um covarde, um miserável... a vontade que eu tinha era estrangulá-lo, mas tenho tanto nojo do seu pescoço que não consigo pôr as mãos nele! Santos Céus, o que acabamos de fazer!

**MENDIGO** (entrando intempestivamente) — Jimmy! Jimmy! Tenho uma notícia!

**NED LUD** — Jimmy está morto.

**MENDIGO** — Vocês o mataram?

**NED LUD** — Sim.

**MENDIGO** — Mas por que?

**CHARLES** — O irmão dele é um dos lacaios de Ure.

**MENDIGO** — E ele?

**NED LUD** — Seu ajudante.

**MENDIGO** — Seus idiotas! Seus imbecis! Seus cretinos cegos! Vocês mataram um homem que abandonou a mãe e o irmão, por causa de vocês! Um homem que abandonou todos os benefícios que poderia ter, por causa de vocês! E no entanto, quem vocês deveriam matar... Sua corja de débeis mentais!

(Silêncio.)

**GEORGES** — Na verdade, matamos sem saber muito bem por quê...

**WILLIAM** — Matamos porque alguém gritou «Matem!»

**EDWARD** — Matamos porque alguém gritou «Traição!»

**NED LUD** — Porque *aquele ali* gritou «Traição!» Céus, o que acabamos de fazer...?

**GEORGES** — Aquele ali... qual?

**NED LUD** — John Wible.

**GEORGES** — Onde?

**NED LUD** — Ali... (vira-se) Ele estava aí há um minuto atrás!

**WILLIAM** — Desapareceu! Escafedeu-se! Sumiu! *Fugiu!*

**NED LUD** — Ai de nós, o que acabamos de fazer...?

**GEORGES** — Deve ter corrido para o colo do Ure, e a essa altura deve estar choramingando e pedindo desculpas, dizendo que não atacou ninguém... Tramando contra nós! Traiu seus próprios irmãos por trinta dinheiros!

**MENDIGO** — Quantos dinheiros ele recebeu, eu não sei; mas sei que trama com Ure contra vocês. Sei que traiu vocês.

**NED LUD** — Ai de nós, o que acabamos de fazer...?

**MENDIGO** — Não é essa a hora de lamentar o que fizeram... Deviam ter pensado no que estavam fazendo antes. Agora é tarde, muito tarde. É isso me lembra que vim avisá-los que a polícia se aproxima da fábrica. É suficiente que um tenha sido morto... não precisamos de mais sangue por hoje.

(Nesse instante, batem à porta.)

**VOZ DO OFICIAL** — Entreguem-se! A fábrica está cercada!

**MENDIGO** — Tarde demais...

**NED LUD** — Que entrem... Podem nos levar. Nós sabemos o que fizemos, e queremos pagar por termos matado aquele que poderia ter nos

ajudado... Mas outros virão... mais sábios, mais confiantes, mais corajosos do que nós. Os seus dias estão contados, senhores da Inglaterra! (A porta se abre e, em grupos, os operários deixam a fábrica; do lado de fora, são cercados pela polícia. Depois que o último deles sai, o palco fica vazio por alguns instantes — até que, pé ante pé, entram *Teddy* e o *velho Reaper*, trazendo a bengala ao ombro como se fosse uma espingarda.)

**O VELHO REAPER** — Deus está aqui?

**TEDDY** — Não... aqui está a máquina!

**O VELHO REAPER** — Ah! Aproxima-se a hora da decisão! Pois Ele é a máquina!

**TEDDY** (assustado) — Vovô, vovô, tem um homem caído aqui... vô, é o tio *Jimmy*!!

**O VELHO REAPER** (apontando a bengala) — Pum! Pum!

**TEDDY** (ainda meio assustado) — Vô, olha só, está tudo quebrado... tudo quebrado...

**O VELHO REAPER** (avistando o cadáver de *Jimmy*) — Hip, hip, hurra!

**TEDDY** — Vô, vamos para casa... estou com medo...

**O VELHO REAPER** — Medo? Não, as crianças não precisam mais ter medo... Toda a miséria tem um fim... Eu atirei no filho de Deus... Logo eu, o filho de uma escrava... hoje à noite, ao crepúsculo... O filho de Deus baleado! De verdade! Aqui está ele... Filho nosso, que jazes na torre, acertado e baleado... Precisamos providenciar o seu sepultamento... No campo santo? Não, para o campo do algoz com ele! Ah, aí jaz... aí jaz... e os olhos... e os olhos... coitado de você, pobre filho de Deus... Apresentar armas! Pobre e querido filho de Deus... Eu assisti ao feito, e a ele sobrevivi... quem diria... Como a vida cansa. Eu queria morrer também... ah, pobre e querido Deus. (O *velho Reaper* curva-se chorando sobre o cadáver de *Jimmy* e abraça-o) Eu só queria pedir ao pai... só queria pedir uma coisinha... Que ele dê a vocês um outro tipo de consolo... O espírito da verdade o mundo não pode receber, pois não o vê... e mesmo que o veja, não sabe reconhecê-lo... Coitadinho de você, pobre, querido Deus... Temos que providenciar o seu enterro, temos que nos ajudar uns aos outros, temos que ser caridosos...

(Cai o pano.)

## Notas

Ernst Toller, *Die Maschinenstürmer* (Os maquinoclastas), drama da época do movimento dos Luddites na Inglaterra, em cinco atos e um prólogo.

Primeiro texto: escrito no inverno de 1920-21 durante a prisão na Fortaleza de Niederschönenfeld. Primeira edição: Leipzig, Viena, Zurique 1922.

Observações sobre o título e conteúdo:

*Luddites*: Denominação dada aos operários revoltosos na Inglaterra que destruíram máquinas de fábricas têxteis. A designação provém do nome de Ned Lud, um operário da região de Nottingham. Literatura: F. Peel, *The Risings of the Luddites, Chartists and Plug-Drawers*, publicado por E. P. Thompson, Londres 1968.

*Jimmy Cobbett*, historicamente: William Cobbett (1763-1835), um líder dos movimentos revolucionários desta época, emigrou para os Estados Unidos.

Da introdução do autor à pré-edição (1922) da cena IV, 1: «Marx, Engels, Webls, Beer e outros ocuparam-se com as causas econômicas da rebelião dos Luddites, fizeram referências às fontes social-psíquicas. O drama (*Die Maschinenstürmer*) é uma tentativa de configuração dramática dessas lutas, o drama de uma classe, mesmo que não seja um drama de classes no sentido tradicional seguido pelos imitadores alemães do culto ao proletariado. Como arte sempre converge para o homem, por isso mesmo é verdadeiramente revolucionária.»

*Ure* é a histórica figura do «grande capitalista», cujas palavras são frequentemente citadas por Marx e Engels...». Citado segundo: Werke, vol. 2, p. 361.

Estréia: 30 de junho de 1922 na Grosses Schauspielhaus Berlin (Grande Teatro de Berlim). Direção: Karlheinz Martin. No primeiro plano da apresentação quase não apareceu o tema histórico, e sim o destino do prisioneiro na Fortaleza Niederschönenfeld Ernst Toller, o destino do ministro do exterior Walther Rathenau, assassinado seis dias antes (24-6-1922), como parábola à república ameaçada pela direita.

Da crítica da época: «Toller deveria proibir-se de usar, por três meses, certas palavras como: humanidade, comunidade mundial, camaradas, criados etc., etc. Este teatro não passa de retórica.» Stefan Grossmann em: *Das Tagebuch* (O Diário III Berlim, 15 de julho de 1922. Citado segundo: Werke, vol. 6, p. 135.

«Durante o espetáculo o ambiente estava politicamente carregado. Durante a cena em que Dierle, no papel do herói, do agitador, é absurdamente agredido e rodeado por lamentações, ouvem-se da platéia gritos por «Rathenau». Discursos de Lord Byron (no prólogo), do agitador Cobbett, peças acusatórias contra os exploradores e burgueses são interrompidos por ostentativos e prolongados aplausos. O fabricante Ure — como no ingênuo teatro infantil — recebe palavras de escárnio do público... No final do quinto quadro, no início do intervalo, vivas a Toller, «Abaixo o governo da Baviera» (adesão tempestuosa), posicionamento a favor e contra os operários, discursos e réplicas da multidão...» Da crítica de Alfred Döblin à estréia no jornal *Prager Tageblatt* (*Diário Praguense*), citado segundo: Werke, vol. 6, p. 138.

«Of the seven plays, *Masses and Men* and *The Machine Wreckers* are the best, I think, but each has something to say, and all have in them that fierce outcry against the world's woe that is the strongest and shrillest note in every song that Toller has to sing. Here are plays for the modern theatre whether one likes them

or not; whether they glorify one's part for politics, or whether they provoke one to a hasty and not condemnation of their implication. Each play is a serious reflection from a worthy and intelligent dramatist on the impact with which life has shaken him and made him reel, but still has left him standing on his feet. And all the plays are coloured deeply — some of them recklessly — with the imagery of a poet's mind. Almost all the plays cry out against, and cry in screams, what Toller thinks to be an inadequate social system for the working class, and who today cannot see that the present system will allow few souls to go back clean to God? But this present social system inadequate to the need of the worker is just as inadequate to the need of the rich. We all walk in it slime whether we go barefoot or go with feet sheltered in satin shoes...» Da crítica de Sean O'Casey à edição inglesa de sete peças de Toller (*Seven Plays*, Bodley Head, Londres 1935) em *The New Statesman and Nation*, 9 de fevereiro de 1935: «The Thing That Counts», citado segundo: *Werke*, vol. 6, p. 206.

## Biografia

Ernst Toller, 1-12-1893: Nascimento em Samotschin, perto de Bromberg (antiga província prussiana Posen).

1915-1916: Participação como voluntário na guerra, na batalha de Verdun; transformação em pacifista.

1917: Amizade com Max Weber, Richard Drehmel, Theodor Heuss; início da atividade política, do relacionamento com o filósofo, escritor e político Gustav Landauer.

Novembro de 1918: Toller apóia o social-democrata Kurt Eisner na formação do primeiro governo democrata provisório na Baviera, depois do fim da guerra; Eisner pede a ele e a Landauer para «trabalharem na reorganização das almas através de pronunciamentos políticos». Tentativa de uma «política pragmática do Idealismo». Depois do assassinato de Kurt Eisner (21-2-1919) Toller e Landauer contribuem em larga escala, em Munique, com o governo da «República dos Conselhos» (Räterepublik), a experiência utópica e idealista de uma «república de poetas» que só durou poucas semanas antes de ser substituída pelos comunistas e posteriormente, com a ajuda das tropas prussianas, perecer em um banho de sangue.

Mai de 1919: Gustav Landauer é assassinado na prisão, Ernst Toller é condenado a cinco anos de cárcere.

1919-1924: Na prisão, extensa atividade literária, ao mesmo tempo encaenação de suas peças em Berlim.

1924-1928: Trabalho com Piscator em Berlim, viagens na Alemanha e ao exterior (Inglaterra, União Soviética); primeiras traduções e apresentações de suas peças em Londres. Em palestras e publicações, engajamento contra o Fascismo.

1929: Amizade com J. Nehru.

1933: Início do exílio na Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. Inúmeras obras surgem em inglês. Iniciativas para a ajuda aos emigrantes alemães.

1936-1938: Iniciativas para a ajuda à população civil espanhola na guerra

civil; palestras em Madri, Londres, Washington, Copenhague, Oslo. 1938: é hóspede de Roosevelt na Casa Branca.

1939: Reconhecimento do regime de Franco pelos Estados Unidos, Inglaterra e França. No dia 22-5-1939, suicídio de Ernst Toller no Hotel Mayflower em Nova York.

Na peça *Die Wandlung. Das Ringen eines Menschen* (A transformação. A luta de um homem), escrita em 1917, depois de presenciar a batalha de Verdun, Ernst Toller descreve a transformação de um artista em combatente a favor da revolução em pacifista; um retrato patético, quase religioso.

Toller procura a transformação direta em ação política. Em fevereiro de 1918 fala aos operários das fábricas de munição, em greve, em Munique e distribui exemplares de sua peça. Também *Masse Mensch* (As Massas e o Homem, 1919), mostra a dialética da transformação pessoal do indivíduo e da ambicionada revolução das massas; Ernst Toller aspira a verdadeira realização de suas convicções no engajamento político pela República dos Conselhos da primavera de 1919. Seu fracasso político espelha-se na resignação da revolucionária no final da peça.

Em *Maschinenstürmer* (Os maquinoclastas), 1920-21, deixa aparecer, como fase do processo revolucionário da história, a prematura, e por isso fracassada rebelião dos operários (a peça passa-se em 1815). A fase revolucionária do pós-guerra na Alemanha encerra-se em 1923. As esperanças utópicas da geração expressionista de que a sociedade se modificasse foi refutada pela história. Com isso encerra-se para Ernst Toller, como para Georg Kaiser, a fase expressionista de sua criação. O que fica, da fase berlinense até 1933 e da época do exílio até as depressões de seus últimos anos de vida, até 1939, é uma estreita ligação entre a criação literária e o engajamento político contra o Fascismo, pela Paz, e, finalmente, em iniciativas internacionais para ajudar as vítimas da guerra civil espanhola.

*OS CIDADÃOS DE CALAIS*

GEORG KAISER

Tradução de LYA LUFT



## PERSONAGENS

Jean de Vienne, primeiro dos Cidadãos Eleitos  
Duguesclins, Capitão do rei de França  
Eustáquio de Saint-Pierre

Cidadãos Eleitos:

Jean D'Aire  
3º Cidadão  
4º Cidadão  
5º Cidadãos  
Jacques de Wissant  
Pierre de Wissant

Pai de Eustáquio de Saint-Pierre  
Mãe do 3º Cidadão  
Mulher do 4º Cidadão  
Velha criada com filho pequeno do 4º Cidadão  
Duas filhas de Jean D'Aire  
Amigo do 5º Cidadão  
Oficial Inglês  
Oficial Francês  
Soldados Ingleses  
Dois criados corcundas  
Um Menino  
Cidadãos Eleitos  
O Povo

## PRIMEIRO ATO

(Cenário da Câmara da Prefeitura, aberta. Construção de Tijolos vermelhos, largos degraus formando uma arquibancada que sobe para uma plataforma, onde pilares quadrados, curtos, sustentam um telhado invisível. Uma sacada fechada por uma porta divide as arquibancadas inferiores ao meio.)

Nos degraus postam-se os *Cidadãos Eleitos*, de costas, vultos magros com roupas bufantes excessivamente largas, erguendo os olhos para a plataforma.

Só *Eustáquio de Saint-Pierre*, de setenta anos, senta-se à frente, à direita, olhando o chão.

Na sacada, duas sentinelas cruzam lanças diante da porta.

Soa bem perto um sino agudo, batidas rápidas, depois ouve-se o rumor de muitos sinos, longe.

Na beira externa da plataforma comprime-se o povo, gritando e acenando para baixo. O rumor aumenta, mais pessoas saem duma ruela. Aparece *Jean de Vienne* — cinquenta anos. Uma segunda leva de povo, gritaria, aparece *Duguesclins*, cota de malha negra, seguido de seu porta-bandeira.

*Jean de Vienne* vira-se e aguarda *Duguesclins*, ambos trocam o beijo fraterno.

Um oficial surge em cima com uma tropa, as lanças cruzadas fazem a multidão recuar lentamente.

Agora a plataforma está vazia. A gritaria diminui, faz-se silêncio. Enquanto isso, *Jean de Vienne* e *Duguesclins* começam a descer os degraus. A ação agora repete a da plataforma: os *Cidadãos Eleitos* recebem os dois de mãos estendidas, todos se abraçam e se beijam. Dois rapazes — *Jacques de Wissant* e *Pierre de Wissant* — correm nos degraus mais altos e saúdam com grande devoção *Jean D'Aire*, homem alto, septuagenário.

O sino agudo emudece, e também os distantes. *Jean de Vienne* posta-se à direita, bem embaixo, diante dele instala-se *Duguesclins*, descobrindo a cabeça raspada. Os *Cidadãos Eleitos* procuram seus lugares.

O porta-bandeira fica na sacada, segurando a grande bandeira à sua frente.)

*JEAN DE VIENNE* — Esse claro sino é a voz desta Casa. Nunca mais se havia dado esse sinal... Em qual de nós ainda ardia a tênue chama da esperança de voltar a ouvi-lo? Acaso ela não bruxuleava, tão fraca... onde arde a fagulha que ainda acenda uma fogueira... para derreter os grilhões em nossos braços... em nossas línguas, que se possam mover novamente. Sinos ressoando livres sobre a cidade... anunciando a libertação para Calais? Procurai no passado... e diante de vós realiza-se a última reunião.

Tínhamos vindo da obra à qual havíamos dedicado nossas forças... como nunca a qualquer obra anterior. Ide às ruas, e espiai nas casas: todos os braços ainda tremem... as mãos ainda se crispam como no cabo da ferramenta que manejaram... as costas se curvam ao peso que transportaram... para os diques que cresciam dentro do mar... afastando onda sobre onda... acalmando seu ímpeto e sua inquietação... até abrir-se uma nova enseada... lisa e larga como nenhuma outra: abrimos um portão no mar... para que nossos navios viajassem felizes! Eu vos pergunto... e procurai em vós mesmos a resposta: foi esse o nosso objetivo, ou havia algum outro?... Alguém aqui alimentava secretamente outro apetite?... Se for assim, quero segurar na palma da minha mão a chave da cidade... e levá-la para fora do portão... caminhando descalço e descoberto... no burel de um penitente que se entrega à morte!... O porto de Calais ameaça a Inglaterra. A suspeita é sombria... a acusação é dura: dizem que por essa porta o rei de França poderá chegar mais facilmente à Inglaterra! Dizem que foi por isso que construímos o porto!... Mas quem não vê logo que isso é um pretexto?... A velha e triste disputa entre rei da Inglaterra e rei de França em torno do poder na Inglaterra e o poder na França... incendeia-se novamente! Nenhuma tempestade foi tão violenta, nenhuma nuvem tão escura... como a que veio sob as velas da Inglaterra. Num último instante o rei de França conseguiu instalar seu capitão nesta cidade. Calais não tombou... Calais atravessou o deserto de um longo sítio!... Quando se espalhou esse boato? Onde se combate o combate sem espadas brandindo, nem arcos disparando, nem lanças estilhaçadas? Lá fora, na areia, há um grande animal agachado... O sol faz cintilar o seu corpo... Acaso partiu dali outro projétil além dessas cintilações? Por que ele não se move... por que não se levanta e ataca sobre os muros... para conquistar Calais? Por que não ergue sua pata e esmaga a presa?... O rei de França se aproxima. Como pretende o rei da Inglaterra mantê-lo afastado? Como enfrentará quem o ameaça pelas costas, se não poupar sua força... para esse outro inimigo? O rei da Inglaterra encenou uma brincadeira muito inteligente... mas fracassou antes de acabar!... Um vento furioso soprou juntando multidões de todos os extremos. Um exército poderoso como nunca antes abalou a terra da França, e cresce incessantemente. A terra reboia aos seus passos, o céu escurece com a poeira que se levanta. O exército marcha dia e noite cantando e jubilando. À sua frente, rindo, cavalga o rei de França, rindo como num jogo... o jogo do leão que vai caçar o rato! A cada manhã pode erguer-se a coluna que encobrirá o sol... e fará tremer o solo. A cada manhã espreiro, para ver a nuvem que anunciará com estrondo o rei de França!... Nesta manhã o rei da Inglaterra enviou uma mensagem à cidade... não mais somente àquele que a defende com a espada!... O sino agudo nos chama... sinos reboam por toda a cidade... hoje voltamos a assumir nosso cargo, que tivemos de

transferir para os ombros do capitão da França! (Numa explosão) Que a espada não reine mais sobre Calais... Calais está libertada!... (Com grande ênfase) O emissário falará aos Cidadãos Eleitos de Calais em público, aqui, na Câmara da cidade!

(Mais um movimento de alegria passa pelas arquibancadas. Depois, a um gesto de *Jean de Viennes*, a sentinela da esquerda entrega sua lança à da direita, abre a porta da sacada e vai até lá. Sai trazendo o *oficial inglês*, com a cabeça coberta por um chapuz negro. O soldado retira o chapuz, fecha a porta e volta à sua antiga posição.)

*OFICIAL INGLÊS* (Permanece inseguro. Vira em torno os olhos ainda meio cegos, depois fixa *Duguesclins*. Agora, assume uma postura ereta diante da assembléia.) O rei da Inglaterra veio por sobre o mar. Feriram um velho direito que o sangue lhe assegurava. Um estranho estendeu sua mão atrevida para a coroa da França. O insolente teve que ser punido... como se punem ladrões, com a chibata! (Forte agitação percorre as arquibancadas. *Duguesclins* agarra a espada, que retine) O insolente ladrão escondeu-se, covarde como todos os ladrões!... E com a eloquência do medo enganou o povo cego da França, até este o apoiar na sua injusta causa. Por isso o rei da Inglaterra foi obrigado a trocar o bastão pela espada. Onde se exerce a justiça, ela nunca recai sobre o juiz. Foi dada a sentença... A hora soou: há dois dias os bandos que o ladrão dirigia contra o rei da Inglaterra foram arrasados e enxotados por todos os cantos!

(Os *Cidadãos Eleitos*, à exceção de *Eustáquio de Saint-Pierre*, levantam-se de um salto: lançam os braços no ar, incrédulos e espantados. Agora a atenção se volta para *Duguesclins*, que, dominado pela excitação, quer se lançar sobre o *oficial inglês*. Mas seus vizinhos o detêm.)

*DUGUESCLINS* — Tudo...! Um peixe predador veio da Inglaterra pelo mar... e nas praias da França agora revolve as ondas com seus golpes ferosos. Cada onda que assim nasce e rola sobre a terra... é mentira!... É mentira que espuma: dizer que o rei de França reina com falso direito. Mas quem seria ladrão na própria casa? Ladrão é quem se esgueira lá fora. De onde veio esse que agora nos ofende e ameaça? É a pega da Inglaterra, que deseja furtar a coroa brilhante da França!... Mentira que espuma: dizerem que o povo da França foi instigado com astúcia. Nenhuma voz o convocou... nenhuma bandeira o seduziu... e ainda assim, o mais fraco dos braços pegou da sua arma!... Não foi a sedução de uma promessa, foi a revolta da ira. Uma onda selvagem lançou no solo da França um animal assassino... Agora temos que devolvê-lo ao mar, para que sangue dos ferimentos que nele abrimos! E ainda que o rei de França tivesse deposto sua coroa vendendo-a ao rei da Inglaterra em troca da paz... o povo da

França pagaria seu preço com sangue e a devolveria ao rei, de joelhos!... Mentira que espuma! Mentira que transforma em mentira todo o resto... dizerem que nem por um só dia o anel reluzente que cercava Calais deixou de cintilar à luz do sol. Meses a fio lá esteve ele, apertado, e até ontem a luz não revelou qualquer rachadura... Só hoje uma armadura destacou-se dali.. a que esse homem está vestindo!... Nem um só homem antes disso saiu de seu repouso... e querem dizer que anteontem o rei da Inglaterra aniquilou o exército da França, tão superior?... Estaremos tão cansados que a poeira não arde mais em nossos olhos? Tão surdos que não ouvimos mais o ruído de um combate?... O rei da Inglaterra diz que estamos nas areias de Calais elmo contra elmo, lança contra lança!

**OFICIAL INGLÊS** — Nas areias de Calais existem elmos... e lanças... como brinquedos que uma criança se esquece de guardar. O sol que brilha sobre eles... e isso vos ofuscou!

(Os *Cidadãos Eleitos* sentam-se... parecem abatidos por uma fraqueza paralisante.)

**DUGUESCLINS** (num rompante) — Entendeis agora a graça do rei da Inglaterra?... Ele não cintila de façanhas... que não cometeu? Contemplai o rei da Inglaterra... o chefe da sua terra, a cabeça mais esperta do seu país!... Ele não vos está dando todas as provas? O magnífico rei da Inglaterra me depôs... o cômico rei da Inglaterra vos repreendeu. Que sabem de armas os cidadãos de Calais! Nem sabem que dez espadas são mais fortes do que uma. Essa é a conta que não calculais. É isso que pretende a esperteza dele. O rei de França ataca com força dez vezes superior... como se salvará o rei da Inglaterra? Por onde sairá da armadilha em que se meteu diante de Calais? Onde há saída... onde há portão pelo qual poderá escapular rapidamente? Agora só lhe adianta a enseada curva e plana do porto de Calais?... Ele já não o declarou, já não bateu em nossos ouvidos?... Sai da cidade e entregai-me a chave... pois toda a esperança se apagou... Calais jamais verá o seu libertador!... Acreditai na brincadeira do rei da Inglaterra. Batei palmas... para que ele ouça a nossa resposta. Uma criança pode balbuciar, brincando à noite com elmos vazios encontrados na areia, a breve história do dia que se aproxima. O próprio rei da Inglaterra não nos dá a melhor esperança? Pois devolvei-lhe o emissário. Foi inútil o seu esforço para abalar vossa coragem. Essa é a verdade... amanhã e sempre: como a minha espada é mantida sobre Calais... assim ainda hoje a carrega, livre e forte, o rei de França diante do orgulhoso exército francês!

**OFICIAL INGLÊS** (virando-se para *Jean de Vienne*) — O rei da Inglaterra sabe que os cidadãos de Calais não estão familiarizados com armas, não as

sabem manejar adequadamente para desferir golpes eficientes... Por isso, é melhor que os aconselhe uma boca em quem tenham confiança. O tempo é curto!

(A sentinela esquerda diante da porta obedece ao seu comando imperioso, como antes. Silêncio profundo na sala. A sentinela traz um soldado inglês, também com capuz negro. Este traz bem junto a si uma terceira figura, que além do capuz veste um manto do pescoço aos pés, debaixo do qual se percebem movimentos violentos.)

**OFICIAL INGLÊS** (à sentinela) — Primeiro esse aí!

(A sentinela tira o capuz do soldado. O soldado inglês liberta imediatamente do manto o vulto, que é um *oficial francês*: vê-se a sua armadura coberta de sangue e poeira, as mãos amarradas às costas. O soldado inglês afrouxa as cordas. O *oficial francês* retira o capuz da cabeça com gestos enérgicos. Tem uma atadura na cabeça. Arranca a mordaca da boca, sua voz é ainda falha, devido à sufocação.)

**DUGUESCLINS** (precipitando-se para ele — *Godefroy*!

(Muitos *Cidadãos Eleitos* estão de pé, outros sentam-se bem inclinados para diante, todos contemplam os dois com grande interesse.)

**OFICIAL FRANCÊS** (segurando *Duguesclins* à sua frente) — Salva... salva a honra da França!... Ela ainda não está perdida... Tu estás vivo!... Tu a podes erguer... do pó em que nossos pés a espezinharam!

**DUGUESCLINS** — Onde está o rei de França?

**OFICIAL FRANCÊS** — Procura-o entre os mortos! (Quase num grito) Detém-no entre os refugiados.. Não o pegaráis mais... o cavalo do rei de França é muito veloz.

**DUGUESCLINS** — E o exército?

**OFICIAL FRANCÊS** — Coloca feno na palma de tua mão e sopra. Tua mão estará vazia.

**DUGUESCLINS** — Mas o que aconteceu?

**OFICIAL FRANCÊS** — Um dia... longe de Calais. Que nos importava o inimigo? Nós o encontraríamos diante de Calais. Cantamos... conversamos na sela... cavalgamos pelo dia azul. E então aconteceu. Uma tempestade soprou sobre nós. Agarrou-nos nos flancos... sacudiu-nos pelas costas... furou nossas fileiras... esmagou-nos contra o solo... Saltou em cima de nós... amassou nossos elmos e escudos... Caímos num banho de sangue... depois nos levantamos, gemendo... e nos agarramos a quem quer que passasse... e fugimos com ele cambaleando... até ele nos ar-

rancar de si com um golpe, deixando-nos ainda sua espada... para correr melhor!... Foi uma tempestade terrível... que desmanchou no ar, com um sopro, a glória da França... como uma luz que brilhasse demais!... Não foi o rei da Inglaterra, Duguesclins, pois tu o retinhas aqui em Calais!... A luz não se apagou... bruxuleia!... pois tu ainda estás aí!... Nada está perdido... Salva... salva a honra da França! (Leva as mãos à garganta, exausto) Sede... sede... água!

**OFICIAL INGLÊS** — És livre aqui na cidade... poderás dizer tudo claramente nas ruas por onde andares!

**OFICIAL FRANCÊS** (vai até à plataforma, tropeçando sobre os degraus, e desaparece.)

**DUGUESCLINS** (cambaleia até seu assento. Baixa a fronte sobre o punho da espada, e permanece imóvel.)

(Os *Cidadãos Eleitos*, que seguiram o *oficial francês* com os olhos, agora se viram para o *oficial inglês*.)

**OFICIAL INGLÊS** (depois de esperar um pouco) — Nesta manhã o rei da Inglaterra voltou para Calais. Nenhum inimigo mais o ameaça pelas costas... nenhum muro é tão forte que resista ao seu ataque. Calais está em suas mãos, fará dela o que quiser. Amanhã a última pedra da cidade estará no chão... Apenas ruínas em seu lugar... tudo ermo como a costa deste mar! O rei da Inglaterra pune com justo castigo o desafio que lhe fechou as portas da cidade e empunha a espada!... A espada está partida, agora o rei da Inglaterra convoca os *Cidadãos Eleitos* para a Prefeitura da cidade!... O rei da Inglaterra deseja ser misericordioso. Por causa do porto que se abre de Calais para o mar... a destruição será substituída pela mais humilhante penitência: ao amanhecer do novo dia, seis dos *Cidadãos Eleitos* devem partir do portão, descalços e de cabeça descoberta, com o burel dos pobres pecadores e corda no pescoço!... Só assim o rei da Inglaterra aceitará a chave da cidade! Mas se os seis penitentes amanhã se atrasarem, por pouco que seja... o rei da Inglaterra mandará lançar sobre o porto, no mesmo momento, a cidade de Calais!

(Os primeiros são *Jacques de Wissant* à esquerda e *Pierre de Wissant* à direita: eretos, braços estendidos à frente, incitam com o grito: «*Duguesclins!*» Ao lado deles erguem-se os outros, a agitação cresce rápida pelas arquibancadas. A fraqueza que paralisava os *Cidadãos Eleitos* desvaneceu-se como uma veste frouxa cai de um corpo que se ergue. Com um só gesto, um só grito, soa a intimação: «*Duguesclins!*» *Duguesclins* coloca o elmo sobre o cabelo negro e curto, e levanta-se. Ergue a espada nua nas duas mãos até o peito. *Jean de Vienne* dá um sinal à sentinela, esta aproxima-se do *oficial inglês* com o capuz. Agora a gritaria se dirige para ele: «*Jean de*

*Vienne!*»... Uma brecha se abre entre os homens pelos degraus acima, braços levam o *oficial inglês* até a plataforma.)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (sai do seu lugar, vai até *Jean de Vienne* e pega no seu braço erguido) — *Jean de Vienne*... queres procurar junto conosco a resposta para este emissário?

(A agitação lá embaixo, na sala, diminui depressá.)

**JEAN DE VIENNE** (depois de breve reflexão, com um gesto impetuoso contra o *oficial inglês*) — Temos que procurar!

(Os dois guardas levam para a sacada o *oficial inglês* e o *soldado inglês*, fechando a porta atrás dos dois.)

**JEAN DE VIENNE** (sempre segurando a mão de *Eustáquio de Saint-Pierre*) — Temos que procurar... com todas as forças!... Quem não sente sua língua queimar, arder como fogo... sufocar-se à respiração... Quem não sente ferver seu sangue, represar-se seu pensamento?... Quem não sente esse peso?... Quem ainda quer falar... quem ainda gagueja... quem não está aturdido de vergonha?... Quem somos nós... com nossos ombros... nossos braços... nossas mãos? O que fizemos com os ombros... o que erguemos com os braços... o que pegamos com as mãos?... Seremos operários de uma obra obscura?... Que obra é a nossa?... O mar bate forte na costa. Nenhum navio chega sem dificuldade, todos partem com receio. Todos os navios um dia acabam destroçados. Todas as viagens estão ameaçadas. Procurai na praia... onde se vêem hoje os destroços?... O mar rola... e já não nos atinge mais. A maré se levanta... e cai. Navios vão e vêm... e nada perturba as chegadas e as partidas... E essa é a obra de nossos ombros... sobre os quais hoje querem que coloquemos a corda!... Essa é a nossa ação... e querem que caminemos atrás dela, como malfeitores!... Temos que procurar... Quem entre nós encontrará. Palavras que rejeitem... palavras que queimem... palavras que castiguem! (Virando-se rápido) — *Duguesclins*, sê nosso líder!

**DUGUESCLINS** — Jogaram pela cidade de Calais, outro ganhou o jogo. Calais está perdida... Calais é o ganho dele, que agora a avalia em sua mão... Ela lhe agrada e a quer manter. Ele brinca com a sorte que pesa na mão. A mão e a sorte... ele balança as duas, pois ambas estão firmes... e são dele. Hoje é o seu dia de rir! (Cada vez mais forte) — Mas na manhã seguinte a mão e a sorte podem cair a seus pés. A espada lhe cortará a mão... o fogo devorará o seu ganho!... Ele não conseguirá, nenhum ataque nos tirará da paz... ele não nos perturbará, estamos preparados. Nem um só braço está sem arma. Estamos sobre as muralhas... estamos

nos portões... estamos nas ruas. E ele há de andar no seu próprio sangue. Depois, o último braço que alguém puder mover soltará a fagulha. As chamas farão tremer as casas... paredes hão de tremer e estourar... a cidade cairá sobre o porto. Calais terá sucumbido... Por sobre ela rolará o mar, defendendo seus despojos contra todos!

(Primeiro *Jean d'Aire*, depois outros, em geral anciãos, levantam-se: seus braços se estendem como se quisessem segurar armas. Jovens reúnem-se em torno deles, e agarram seus punhos cerrados, numa confirmação de lealdade.)

*JEAN DE VIENNE* — Duguesclins... estás vendo: nossos braços se estendem para ti... e para as armas. Estaremos a teu lado nos portões... nas ruas. O mais fraco entre nós iniciará o incêndio. Nossas mãos na tua mão, Duguesclins, na tua mão a espada... assim estamos contigo!

(Os Eleitos ficam parados nas arquibancadas, todas as mãos estendidas como num juramento.)

*JEAN DE VIENNE* (Quer colocar a mão de *Eustáquio de Saint-Pierre*, junto com a sua, sobre a espada. Como *Eustáquio de Saint-Pierre* resiste, vira-se para ele. Depois faz um aceno para as arquibancadas) — Eis a nossa decisão. Foi-nos mostrado o caminho e seguir Duguesclins o revelou para nós!... Faltam ainda as palavras que deverão correr à nossa frente e anunciar-nos. Eustáquio de Saint-Pierre as encontrará por nós!

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (sem forças, de cabeça baixa e braços pendidos) — Temos de fazê-lo (Vendo sua postura, todos se aquietam embaixo, na sala. Ele endireita o corpo) — Acabamos nossa obra... à qual dedicamos nossas forças... como a nenhuma obra anterior. A noiva enseada se arredonda... os navios podem partir em paz!... *Jean de Vienne*, tu, não nos provocaste, não procuraste atingir nosso mais secreto anseio, perguntando: qual o objetivo disso tudo?... Não é esse? Não foi por ele que curvamos nossos ombros... não foi por ele que nossos braços carregam pesos?... *Jean de Vienne*, tu nos incitaste com esse desafio: se um de nós duvidasse, colocaria nas tuas mãos a chave da cidade e te mandaria sair pelo portão... *Jean de Vienne*... agora tomas a chave da decisão própria... agora... descalço e encoberto... deixas a cidade!... Mas tua decisão não nasce só de ti... (Fala para as arquibancadas) — São as vossas mãos que o entregam... é vosso desejo que isso se cumpra! (Para *Jean de Vienne*) — Então tira os teus sapatos e despe tua bela veste... farás penitência pela nossa mentira, que hoje se descobriu: criamos nossa obra com outras intenções. Vós a inseristes no conflito, bem no centro do conflito. A obra não tem valor... o que vale é o conflito!... Então, seis culpados... peni-

tenciai-vos, pois, conforme a promessa, que foi aqui pronunciada!

(Silêncio, todos estão chocados.)

*QUARTO CIDADÃO* (homem de quarenta e cinco anos, ergue-se no seu lugar) — Eustáquio de Saint-Pierre... queres que obedeçamos ao rei da Inglaterra?

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (sem dar importância, dirige-se a todos) — Temos que concluir hoje a nossa obra. Hoje a terminaremos, num último esforço... que vai superar todos os esforços. Uma parte já está cumprida. Olhai para vós mesmos... o esforço ressecou os nossos corpos. Não tivemos descanso... porque o mar não descansava! Não houve peso que não carregássemos... por fim as pedras não se moveram mais. Nossa respiração era um estertor... nosso corpo encurvado repelia o mar... que recuava onda após onda... Conquistamos ao mar a nossa obra... e a concluímos!... Mas isso não bastou. Agora surge uma nova revelação... agora vossa obra se lança sobre vós... e vos requer, com fortíssimo direito. Seu sucesso vos impõe um pesado jugo. Portanto, juntai vossas forças... firmai as nucas... concentrai o pensamento. Vossa obra maior torna-se o vosso maior dever. Tendes de protegê-la... com pensamentos e ações. Quem sois, à margem de vossas ações? Expirais com vossos suspiros... sois rejeitados em vossa fraqueza... diante de vossa obra, sois pobres penitentes!

*TERCEIRO CIDADÃO* (com uma indagação premente) — Eustáquio de Saint-Pierre, queres que seis de nós se deixem desonrar nas areias de Calais?

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* — Vede... poderemos realizar nossa obra com cantos e risadas? Não a conquistamos passo a passo... através da servidão? Onde se consegue poder, sem servidão? Servidão que força... que atormenta... que se cumpre em nós?... Até ontem, fostes servos... e quereis fugir hoje, quando vos conferem poder?

*JEAN D'AIRE* (com esforço) — Eustáquio de Saint-Pierre, queres que espezinemos a honra da França sobre as areias de Calais?

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (cala-se)

(Agora há um tumulto nas fileiras. *Jean D'Aire* fica rodeado de homens.)

*DUGUESCLINS* (passando rapidamente por *Eustáquio de Saint-Pierre*, e parando debaixo de *Jean D'Aire*) — Das pobres areias de Calais brota uma árvore, que floresce num só dia. Sua raiz alimenta-se de sangue. Sua sombra espalha-se sobre a França. Por baixo dela, um rumor, como o de abelhas: a glória de Calais, que salva a honra da França!... (Vira-se pa-

ra *Eustáquio de Saint-Pierre*) — O rei da Inglaterra pretende poupar a cidade... por causa do porto. O porto vale essa troca... paga com a honra da França?

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (lentamente) — Vimos a costa íngreme... vimos o mar selvagem... Não buscamos a glória da França. Procuramos a obra de nossas mãos! (Respondendo a uma agitação inicial) — Então chega um homem impelido pela raiva. A raiva desencadeia a cobiça. Ele ataca com selvagem cobiça... e vai se apossando do que acha em seu caminho. E junta tudo num monte de escombros... mais alto, mais alto... e planta-se sobre o cume:... ardendo em febre, convulso... Ele sobrou na destruição!... Quem é ele?... Recebeis dele a medida de vosso valor e o prazo de vossa duração?... Esse a quem hoje a cobiça domina, e que amanhã apodrece com ela?

(Aqui e ali levanta-se um e outro, rapidamente, nas arquibancadas, e vira-se para seu vizinho, com forte gesto de repúdio a *Eustáquio de Saint-Pierre*.)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (falando a um e outro desses homens) — Quereis destruir vossa obra... por esse que chega e some num momento? O dia será mais do que o tempo? Que vos importa a vossa obra, na qual enfileirastes vossos dias... até os dias se tornarem gotas no mar? Acaso a pressa vos fez delirar... ou vos prendestes à vossa obra com correntes frias?... Quereis negá-la hoje? Quereis afastar de vós, com um movimento de ombros, o que vos inspirou e possuiu? Um estranho hesita diante da cidade, por causa desse porto... e vós não hesitais?

(Mais homens se levantam... com os mesmos gestos impetuosos.)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (imperturbável) — Acaso não ardeis de outra vergonha: a de terdes realizado essa obra?... Não sentis nojo de vossas mãos que a criaram? Não tendes horror de vosso corpo, que se curvou para fazê-la?... Vós expulsastes o mar... e ali construístes como em solo firme. Ali deixastes vossa obra... e agora ela brilha e seduz. E dela partem cálidas torrentes de força para todos os braços!... Que indicam a nova terra que pretendem cultivar no deserto... medem as montanhas que queres aplanar... cavam canais para controlar a força das águas. Não há mais obstáculo algum... vossa obra venceu o mar!

(Não há mais nenhum homem em seu lugar nas arquibancadas)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (com uma última ênfase) — Hoje vossa obra se torna o vosso crime!... Não mentistes mais com ela do que

com palavras? Não incendiastes com ela todo o fervor... que agora se consome de impaciência depois da sua obra?... Ousastes fazer o que ninguém ousara antes... agora a onda imensa transborda e se precipita! Quereis ficar indiferentes... quereis que uma zombaria venal profane vossos lábios?... Vós ousastes a vossa obra... para superar todas as obras... para sufocar todos os esforços... O ódio espreita... a cobiça espuma... rebenta com breves golpes nossa obra, feita de tantas vidas!... Não vos envergonhais da vossa traição? Quereis carregar essa mancha indelével?

(Agitação nas arquibancadas. *Jacques de Wissant* e *Pierre de Wissant* dirigem-se ao mesmo tempo, lá embaixo, a *Jean de Vienne* e *Duguesclins*, e acenam para outros, para que os ajudem a levar ambos dali.)

**TERCEIRO CIDADÃO** (aos arrancos) — Eustáquio de Saint-Pierre... com estas mãos fizemos nossa obra... (A todos) — Seremos ferramenta ou somos criminosos?... Eustáquio de Saint-Pierre... não devemos nos orgulhar de nossa obra?

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (cala-se)

**QUARTO CIDADÃO** — A costa se levanta... o mar a assola... e nós afastamos dela o mar!... A onda nos ergueu em sua crista... Eustáquio de Saint-Pierre... uma tonteira covarde deve vos abalar?

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (continua calado)

**JEAN D'AIRE** (descendo um degrau) — Não buscamos a glória... agora a glória rola aos nossos pés! Eustáquio de Saint-Pierre... não a devemos apanhar, e vestir... como a uma veste de luxo?

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (olha o chão)

**DUGUESCLINS** — O porto de Calais foi cavado bem fundo... agora honra e glória afogam-se nele... e também vossa coragem!

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (vira-se depressa para *Duguesclins*, dá alguns passos na sua direção. Aos poucos domina a excitação e consegue falar) — A tua coragem arde por esse conflito em que te meterás amanhã... O que esse conflito ainda exigirá de ti amanhã!... Amanhã empunharás a espada... abaterás muitos... e muitos te dominarão!... Esse conflito já não foi decidido desde o início?... Ainda sobra alguma dúvida... sobra alguma escolha? O que te resta fazer?... Tombas o elmo sobre teu rosto e ficas cego e surdo atrás do teu escudo. E agora estás aqui, ofuscado e ensurdecido!... Estás envolto numa sombra que cobre tua ação. Não a estás vendo... ela encolhe... diminui... não te atemoriza mais! (*Jacques de Wissant* e *Pierre de Wissant* colocam-se diante de *Duguesclins*) — Onde está a coragem quando há vontade de apartar a ação? Eu não consigo ver!... Onde há coragem quando a ação não se desenrola até o fim?... De que ainda vale essa ação, se te violenta? Se tu hoje tapares todas as estradas à tua volta, teu caminho te trará louvores amanhã?... Não

é preciso coragem: tens de trilhá-lo... é só o que te resta! Correrás por ele, ofegando, como um fugitivo arqueja na corrida!... E por ela foges para tua ação. Ela ainda te aguarda, ela te salvará do deserto ao teu redor, ela te erguerá acima do vazio. Ela te abaterá: estarás protegido!... Tua ação será covarde... assim como a desejas hoje! Tua coragem caiu de ti, há resaca no chão. Farfalha sob os nossos pés, as solas de nossos pés nus a esmagam, o sopro de nossas vestes espalha esse pó no mar!... Onde ainda arderá amanhã a tua coragem? Foi sufocada por uma densa nuvem de fumaça!... Tua coragem arde na surda maré... do sangue que correu atrás de tua armadura!... Morreste hoje com teu sangue diante de tua obra... Por que não viveremos até raiar a manhã, em nossas finas vestes?

(O povo retorna à plataforma. Avança lento e silencioso: braços pendendo de medo, ombros baixos. Agora a multidão chega ao meio. Lá, sua postura se modifica: cabeças estendidas para diante, olhos correndo pela sala, uma expressão de indomável avidez... sem vergonha nem timidez. Os *Cidadãos Eleitos* erguem os olhos: quedam-se quietos e hirtos... aqueles olhos os espreitam... aquela massa os cerca, e enche a plataforma inteira.)

**DUGUESCLINS** — Eu rio da coragem que mete a espada em minhas mãos. Ela é pequena, e quero que se esconda diante daquele que aqui veste as roupagens cinzentas do opróbrio e vai para a manhã do novo dia. Essa é uma coragem bem maior! (Volta a seu lugar)

**JEAN D'AIRE** (apontando com um braço a plataforma, com outro indicando *Eustáquio de Saint-Pierre*) — Eustáquio de Saint-Pierre, lamentas pelo nosso porto. Não serás aquele entre nós que deve ter maiores preocupações? Não és o mais rico de nós, teus depósitos não são os maiores... não estás repleto de bens até o teto?... Não terás de tremer... de mendigar pela tua fortuna?

**UM CIDADÃO** (em seu assento) — Jean de Vienne, põe-te aqui à nossa frente. Queremos que faças tua pergunta, que ela repercuta pela sala, que ela chame a um de nós. Que ela ressoe... e blasfeme!

(Ele acena com os braços bem erguidos para os *Cidadãos Eleitos* lá embaixo. Estes correspondem; correm até seus lugares com sagrada pressa e sentam-se. Silêncio absoluto nas arquibancadas e na plataforma.)

**JEAN DE VIENNE** (sem sair do lugar, com voz embargada) — O rei da Inglaterra tem poder sobre Calais. Fará de Calais o que quiser. Agora exige o seguinte: que seis *Cidadãos Eleitos* levem a chave à frente da cidade... seis *Cidadãos Eleitos* saiam do portão, descalços e de cabeça nua, em trajes de pobres pecadores, com a corda no pescoço. (Ergue a cabeça)

— Seis devem sair da cidade ao amanhecer... seis devem entregar-se nas areias de Calais... seis vezes se fechará o laço: essa será a penitência para salvar Calais e seu porto! (Espera um pouco) — A pergunta terá que ser feita seis vezes e seis vezes será dada a resposta!... (Com o máximo esforço) Quais os seis homens sentados que se levantarão, e sairão de seus lugares... e virão reunir-se aqui?

(O peso dessa pergunta no começo ainda os oprime; depois ouvem-se fracos rumores de corpos que se movem e cabeças que se viram; depois o rumor cresce e se transforma em exclamações e zombaria)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (levanta-se, sai do seu lugar e vai até o centro. Suas mãos remexem na sua veste à altura dos ombros, como se as fosse tirar) — Estou pronto!

(Silêncio nas arquibancadas. *Jean de Vienne* contempla *Eustáquio de Saint-Pierre* com assombro. Na plataforma ouve-se o murmúrio: «*Eustáquio de Saint-Pierre!*»)

**QUINTO CIDADÃO** (à direita, quase atrás do lugar de *Eustáquio de Saint-Pierre*; tem a mesma idade do *Terceiro* e do *Quarto Cidadãos*. Ele se ergue, caminha com a cabeça muito baixa, as mãos espalmadas no peito e coloca-se sem nada dizer ao lado de *Eustáquio de Saint-Pierre*. Os *Cidadãos Eleitos* o encaram, espantados. Na plataforma ouve-se o murmúrio: «*O segundo!*» Agora os olhares dos *Eleitos* passam pelas fileiras. Analisam o homem que está ao seu lado e acima deles.)

**TERCEIRO CIDADÃO** (levanta-se num impulso, à esquerda, agarra a garganta, e grita) — Eu... eu estou pronto! (Depois chega ao lado dos dois ao centro, ofegante, correndo.)

(Lá em cima, o murmúrio vai contando: «*O Terceiro!*» As cabeças viram-se mais rapidamente nas fileiras da arquibancada.)

**QUARTO CIDADÃO** (à esquerda, levanta-se como se alguma coisa o forçasse, e vai lentamente, cabeça erguida, até o centro) — Estou pronto!

(Na plataforma fala) mais alto: «*O Quarto!*» Muitos dos *Cidadãos Eleitos* soerguem o corpo, para poderem ver bem as arquibancadas. Lá em cima cresce o murmúrio.)

**JEAN D'AIRE** (à direita, ereto, oscila sob o peso da sua decisão. Desce cambaleando, tem de se apoiar em *Eustáquio de Saint-Pierre*, premindo a

testa conta as costas dele) — Eustáquio de Saint-Pierre, quero que me permitas pisar nas tuas pegadas!

(A multidão lá em cima conta, balançando a cabeça, satisfeita: «O Quinto!» *Jean de Vienne*, que enfrentava *Jean D'Aire* com repúdio, agora joga os braços para as arquibancadas, numa exortação. Lá, *Jacques de Wissant* à esquerda, e *Pierre de Wissant* à direita, que tinham observado *Jean D'Aire* com gestos de horror, ergueram-se. Ainda hesitam, gemendo e torcendo as mãos, um sem ver o outro por causa da sacada. Da plataforma o povo aponta, admirado, os dois, e espia curioso para os dois lados. Agora, ambos descem ao mesmo tempo os degraus. Lá embaixo, na sacada, avisam-se. Têm um sobressalto, depois um tenta passar pelo outro, e seguram ao mesmo tempo as mãos de *Eustáquio de Saint-Pierre*: «Estou pronto!» Todos os *Cidadãos Eleitos* estão em pé nas filas.)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (virando a cabeça para *Jean de Vienne*) — Jean de Vienne, queres agora transmitir ao emissário a nossa resposta?

*JEAN DE VIENNE* (controla-se, e acena para as sentinelas. Estas abrem a porta. O *oficial inglês* aparece, o *soldado* atrás dele.)

*JEAN DE VIENNE* (apontando para o grupo no centro) — Amanhã seis Cidadãos Eleitos levarão a chave diante da cidade. Amanhã seis homens se entregarão... na veste de pobres pecadores, corda no pescoço. O rei da Inglaterra exige seis penitentes... seis obedecerão. Calais e seu porto serão seis vezes pagos!

*OFICIAL INGLÊS* (lançando um rápido olhar para o grupo) — O rei da Inglaterra aguarda seis ao amanhecer. Mas se se atrasarem, por pouco que seja, mandará atacar na mesma hora e jogar a cidade sobre o porto! (Vira-se para o *soldado*. Quando este — fazendo tinar as armas no silêncio — quer partir, *Duguesclins* o segura com um gesto.)

*DUGUESCLINS* (pondo-se debaixo da sacada. Pega a bandeira e puxa-a para si. Beija-a longa e ardentemente. Seu olhar pousa mais uma vez no grupo no centro. Depois desafivela a espada.) — A espada está com a lâmina embotada, seu brilho é fosco... e podre o punho que a maneja. Minhas mãos estendem-se para outro tipo de ações... (quase aos gritos) Não posso... não quero entender! (Calmo) O rei da Inglaterra tem terras sobre o mar. O rei da Inglaterra que me mande para onde minha espada possa ser útil! (E estende a espada ao *oficial inglês*).

*OFICIAL INGLÊS* (segura a espada, dando de ombros, e entrega-a ao *soldado*. Depois faz um breve sinal a *Duguesclins*, para que o siga. Os três partem, os *Cidadãos Eleitos* nas arquibancadas e o povo na plataforma afastam-se à passagem deles. Agora, saindo da plataforma, concentrando toda atenção, cresce, cada vez mais nítido, o chamado que baixa sobre

o grupo lá embaixo: «Sete!» Por fim ouve-se um só grito agudo na sala: São sete!!!)

*JEAN DE VIENNE* (quer aproximar-se de Eustáquio de Saint-Pierre.)  
*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (depois de um breve olhar para os que estão parados junto dele, dirige-se a *Jean de Vienne*, numa decisão rápida, e fala quase com alegria) — Então esta tarde um sorteio dará a vida ao sétimo entre nós!

(Espalha-se um silêncio profundo. O porta-bandeira posta-se como antes. Só o pano da bandeira, que descai bastante, recobre a porta da sacada. O mastro ergue-se torto no ar, como um destroço.)

## SEGUNDO ATO

(Sala da Prefeitura. Retângulo comprido com pouca profundidade. Na parede da direita, uma porta baixa. Todo o fundo, partindo de um degrau que funciona como soleira, é tomado por uma imensa tapeçaria. Seus três campos mostram, com a intensidade de cor e formas de arte antiga, a construção do Porto de Calais. À esquerda sob a costa íngreme na qual o mar bate furioso, à direita vê-se a atividade durante a construção, e no centro, que é mais largo, mostra-se o porto concluído: sobre o cais vertical, longos armazéns, e ao longe a entrada da enseada ampla e tranqüila. *Eustáquio de Saint-Pierre*, com roupas luxuosas, e *Jean de Vienne*, estão no centro.)

*JEAN DE VIENNE* — É bom que se tome agora a decisão. A inquietação cresceu hora a hora neste dia. Agora chegou ao auge, tem de explodir e, quem sabe!, talvez provoque uma desgraça cujas terríveis consequências não podemos prever. Esse perigo existe. Podemos avistá-lo se aparecer lá fora, atrás da balastrada desta sala, o sétimo homem, liberado pela sorte. Só à vista dele o povo acreditará na salvação. (Depois de um silêncio) — É singular que este povo, que suportou o sítio com paciência, quase com indiferença, perca nesse breve espaço de tempo o resto da sua resistência. Busco uma explicação: o que excita mais, o que mexe mais com eles — provocando essa explosão — do que as duras privações dos tempos passados?... Encontro uma resposta e está correta: é a incerteza que destrói sua calma antes inabalável. A espera pelo final dos acontecimentos desta sala os tortura como um agulhão pungente. E torna essa tortura — porque é uma tortura! — intolerável. E atrevo-me a dizer que, não importa qual seja o resultado, se enfim houver algum!, se à última hora mudardes vossa decisão... ou se desistirdes dela, selando assim o fim de todos nós!, eles vos agradecerão com alívio. Vós os tereis salvo de um terrível sofrimento! (Cala-se novamente) — Eu mesmo não consigo evitar essa sensação tão opressiva. Embora minha vontade entre-



gue seis de vós, o peso só sairá de cima de mim quando eu vir o sétimo sair daqui. (Fala depressa) — E isso não vos tortura cem vezes mais? Não estais livres num momento, e no próximo pensamento, perdidos... a um tempo livres e perdidos... enquanto a escolha não tiver sido feita? A carga que assumistes não pesa mais a cada instante? Não tendes a tomar vossa decisão novamente, a cada hora, pois já da primeira vez vossa força ameaçou ceder? Aumentais desmedidamente a ação que pretendeis realizar, esperando até esta tarde. Poupai vossa força; afastai logo o sétimo do meio de vós!... Amanhã vos exigirão coisas bem mais terríveis!... (Depois de uma pausa) Distendemos demais o nosso arco, temos de tirar a flecha da corda antes que ela dispare... e... talvez atinja alguém de maneira pavorosa. Devíamos ter designado os seis esta manhã na Câmara... Agora isto não recairia como uma sombra sobre a vossa ação... o povo exigindo impetuosamente o sétimo homem, e desprezando a todos vós. Isso me envergonha! (Num rompante) — Eu te peço... é mais para impedires essa nossa triste humilhação... Não me intimida pedir-te isto: apressa as coisas e manda-nos sem perda de tempo o sétimo homem! (Pega na mão de *Eustáquio de Saint-Pierre*, quer dizer alguma coisa mais, mas vira-se e vai para a direita. Quando abre a porta, ouve-se o rumor surdo e intenso. Ele vira-se para *Eustáquio de Saint-Pierre*, que responde sorrindo ao seu olhar preocupado, e depois sai depressa pela porta.)

*EUSTAQUIO DE SAINT-PIERRE* (atravessa a soleira e sai pela abertura na tapeçaria).

(Da direita chega o *Quinto Cidadão*. Como *Eustáquio de Saint-Pierre*, e depois os outros, está vestido muito ricamente. Atrás dele, seu velho amigo)

*QUINTO CIDADÃO* (hesitando, perto da porta) — Também agora não posso introduzir-te nas minhas decisões mais secretas. Talvez seja eu o que sairá daqui libertado. E então... se tivesse falado disso contigo, eu voltaria esvaziado e supérfluo aos meus negócios. Junto com seus planos, teria trocado contigo minhas esperanças e meu ser, e tu poderias ocupar meu lugar tão bem quanto eu mesmo. Com isso a boa sorte sumiria dos meus projetos, porque é assim com eles: não suportam ser partilhados. Isso os deixaria secos e nus, eles perderiam as forças e não fariam efeito. Só enquanto os escondemos dentro de nós, como a semente tem de ser encerrada longo tempo no seio da terra, nossa fé os alimenta, nossa ousadia cresce, nossa vontade os empurra... muitas vezes com enganos, mas sempre para uma realização. Mutilas teu prazer maior se desenterras — mesmo diante do melhor amigo — a sua raiz! Tu és o meu melhor amigo. (Ele suspira) — Não sei o que essa hora decidirá a meu respeito. Se soubesse... tudo seria claro e simples. Mas isso torna tudo difícil e sombrio. (Ele dá a mão ao amigo.)

*AMIGO* (segura-a rapidamente e beija-a).

*QUINTO CIDADÃO* — Mas a noite é breve para se dizer todas as coisas. Por que não tivemos para isso o longo dia?

*AMIGO* (abaixa-se mais sobre a mão dele).

*QUINTO CIDADÃO* (sorrindo) — Tudo porque um de nós pode ganhar a sua longa vida!

*AMIGO* (debilmente) — Serás tu!

*QUINTO CIDADÃO* — Lês minha sorte entre meus dedos?

*AMIGO* — Teus planos... teus projetos não podem sucumbir. Eles colocarão a boa sorte em tuas mãos!

*QUINTO CIDADÃO* — O sétimo é um de nós...

*AMIGO* — Tu serás o número sete!

*QUINTO CIDADÃO* — É cada um de nós... e não é nenhum! (E afasta-se do amigo, sai pela porta da tapeçaria).

*AMIGO* (afasta-se sem erguer o olhar).

*TERCEIRO CIDADÃO* (chega, amparando a mãe pelos braços que ela mantém estendidos. Leva-a até o centro. Depois de uma espera, diz em voz abafada) — Mãe!

*MÃE* (num estertor) — Filho!

*TERCEIRO CIDADÃO* (preocupado) — Queres esperar aqui?

*MÃE* — Eu... não posso esperar! Esperei tanto, nunca me poupei. Nunca fui fraca, nunca fui covarde, nunca descansei... Não cedi um só milímetro; tropecei pelo caminho que me trouxe aqui... cem vezes desde esta manhã! Meti meus pés nos espinhos... para lá e para cá! Arranquei a espada do meu coração e tornei a trespassá-lo cem vezes. Agora todo o meu sangue se derramou, agora meus joelhos tremem, agora minhas forças fogem... e eu as queria reter!

*TERCEIRO CIDADÃO* (contempla-a em silêncio).

*MÃE* (mais ereta) — O que é a dor diante disso: balbuciar palavras tolas... mariposas cinzentas que esvoaçam!

*TERCEIRO CIDADÃO* — Mãe... estou te ouvindo!

*MÃE* (veemente) — Como poderei encontrar as palavras? Como se soltarão, comprimidas debaixo do meu peito? (Mais calma) — Tu me deixas pobre nesta hora... Roubas o meu amor... baté na minha boca e no meu peito como se fora com panos espessos! Andas comigo, estás parado junto a mim, apalpo teu cabelo e tua roupa... logo estarei livre de toda a preocupação. (Olhando-o quase admirada) — Mas esse menino está intacto!... O que está acontecendo? É o teu cabelo, a tua roupa mais fina!... Por que a estás vestindo hoje? Que dia é este, que os sinos anunciaram? Não estou tão enfeitada como tu, ninguém nas ruas está, ninguém festeja coisa alguma... (Fica rígida) — Como tua mão está fria... ou está quente? Ainda está quente ou... (num crescendo) está dura, e horrivelmente fria. Ela não se levanta, não afrouxa no pescoço, não abre

o laço, não joga fora a corda... agora eu sei! Não estou mais paralisada, posso agora jogar-me sobre ti e te abraçar, com mais força do que nunca!... Já não estou mais sem voz, agora rompe de mim o grito que despertará todas as coisas: tu és meu filho, eu sou tua mãe!

**TERCEIRO CIDADÃO** (tenta docemente livrar-se dela).

**MÃE** (encostando-se fortemente nele) — Agora baixa a escuridão, que me vai engolir e quebrar minha força. Nenhum golpe me abala, nenhum medo me incita... Medo do quê, ainda?... Estou abrigada na minha dor. A dor estende sua sombra sobre mim. A dor é meu refúgio. A dor é paz que mata brandamente todas as dúvidas!

**TERCEIRO CIDADÃO** — Precisas apoiar-te nessa esperança que ainda existe, mãe!

**MÃE** (fita-o, depois diz com voz forte) — Eu te pari com gemidos, te alimentei entre risos, derramei lágrimas de júbilo por tua causa... De mim te afastavas e voltava para mim a qualquer momento! Ontem... há pouco ainda... e voltas hoje... nem o primeiro nem o sexto sorteio te atingirão... Estás colocando tua sorte no meu regaço... (fecha suas mãos como sobre algum objeto) e eu a faço girar, rindo, como a uma bola colorida! (Vira-se para outro lado) — Agora posso esperar... agora tenho força... agora sigo meu caminho, hirta e ereta. Que me importa tudo isto aqui? (Vai até a porta e sai, muito curvada, com passo arrastado).

**TERCEIRO CIDADÃO** (apruma os ombros e atravessa a soleira saindo pelo tapete).

(Chegam o *Quarto Cidadão*, a mulher do *Quarto Cidadão* e a velha criada com a criancinha no braço. O *Quarto Cidadão* e sua mulher vão até o centro.)

**QUARTO CIDADÃO** (já com um pé na soleira, falando em tom alegre) — Não é mais do que sair pelo portão para passear num belo dia de verão. O ar quente faz cintilar a areia, mas uma brisa doce vem do mar. E não ocorrem as duas coisas nesta hora? Este aperto é a despedida... e este aperto, agora, é reencontro. Tudo tão junto que não os podemos separar. A balança oscila, até parar. Se formos ao menos um pouco inteligentes... não nos devemos alegrar?

**MULHER** (encara-o sorrindo)

**QUARTO CIDADÃO** — Não queremos ser inteligentes e barganhar por esse minúsculo prazo. Quem jogaria por moedinhas, quando suas dividas se amontoam? Mesmo aqui, na soleira, nossos olhares se voltam para trás. E com isso apagamos um pouco do que eles contêm. Nosso tempo não foi tempo de riqueza? Nossos anos não se enfileiraram como elos perfeitos de uma corrente oscilante? Não tiveste o brilho marinal... e felicidade crepuscular? Agora carregamos sobre os ombros, sobre o corpo, esse

peso brilhante que quase nos permite andar. Estamos algemados e ofuscados... como condenados!

**MULHER** (ergue a mão para ele).

**QUARTO CIDADÃO** (admirado) — Nem falar... nem agradecer?

**MULHER** (balança negativamente a cabeça).

**QUARTO CIDADÃO** (compreendendo) — És a mais sábia de nós dois. És a mulher, e cuidas melhor. Provês a despensa da casa e distribuis hoje com tutela. Talvez amanhã tenhamos fome outra vez!

**MULHER** (faz que sim).

**QUARTO CIDADÃO** — Amanhã, talvez... não sei! Hoje esbanjamos, hoje não medimos, hoje as ondas floridas nos recobrem... O que nos alimentará amanhã, se voltarmos a emergir? (mais forte) — Se desenrolarmos agora o quadro de nossa vida, e ela nos aparecer numa chama só, um olhar abrangendo tudo? O dia de amanhã não ficaria cego? Um dia que chega rastejando, escuro, debaixo da rocha que agora acendemos com gesto brusco? Esse dia... e outros que virão, um a um... E ainda precisam juntar coisas mínimas para assim tecerem sua pompa... É leviandade agradecer quando não se esgotaram as dádivas. Que seja precário o presente seguinte... e ficarão mais pobres a cada felicidade!

**MULHER** (olha-o com firmeza).

**QUARTO CIDADÃO** — Não te pesa muito mais... ficar assim calada? Quem conhece as transformações que trará a hora iminente? Quem sabe como nos transformaremos? E poderá ser tarde... a decisão nos deixará mudos e embotados. E teremos nos desperdiçado... a nós... a nós! Sobre tua vida solitária não recairá o brilho desta ardente confissão... Eu te abandonei como alguém abandona esquivo a casa e o amor! Deixo-te pobre... não empilhei tesouros diante de tua porta; não terás o que comer, passarás frio, serás uma pobre criatura vadiando nas ruas!.. Não tenho nada para te dar, nem isto, nem aquilo... Estás vendo? Sou apenas uma sombra vazia entre o agora e o depois!

**MULHER** (coloca a mão sobre a roupa dele e aponta para a criada).

**QUARTO CIDADÃO** (sorri e leva-a consigo até lá).

**MULHER** — Teu filho... teu filho!

**QUARTO CIDADÃO** (dominado pela emoção, abraça a criança num gesto protetor... e fala com voz sufocada) — É por tua causa... por tua causa!

**MULHER** (abaixa-se lentamente para o chão, agarrada a ele).

**QUARTO CIDADÃO** (segura o ombro dela com a mão livre para a levantar) — Estou indo, estou indo... (Entrega a criança à criada; aperta a mulher contra si) — Estou indo! (Chega à abertura na tapeçaria, com passo rápido, e desaparece sem olhar para trás nem se despedir).

**MULHER** (sai, amparada na criada).

(Da direita chega *Jean D'Aire*, conduzindo debaixo do braço, apertadas contra ele, suas duas filhas, que andam abraçadas. Do outro lado caminham *Jacques de Wissant* e *Pierre de Wissant*)

*JACQUES DE WISSANT* (pegando o braço de *Jean D'Aire*) — Não entres lá. Tens que voltar daqui. Pára aqui e manda-nos entrar! (A *Pierre de Wissant*) — Ajuda-me... e convence-o. Não basta que saiam dois de um mesmo círculo?

*JEAN D'AIRE* — Quereis que eu seja assassino dos que estão lá dentro?  
*PIERRE DE WISSANT* (balançando negativamente a cabeça) — Não se trata disso!

*JEAN D'AIRE* — Acaso não balança sobre todas as cabeças lá dentro uma possibilidade à qual nos agarramos... embora nossa vontade se oponha a isso? A vida é forte... contemplo minha longa vida e acho que ela é mais importante do que tudo. Não podeis partilhar dessa experiência!

*JACQUES DE WISSANT* (encarando *Pierre de Wissant*, como este o fitou há pouco) — Não se trata disso!

*JEAN D'AIRE* — Vossos desejos correm à vossa frente, e correis para onde vos acena o que parece importante. É a insensatez da vossa juventude. Não há caminho para o vosso objetivo. Mas muitas vezes o caminho é mais importante do que a chegada... e, ao mesmo tempo, mais difícil... (Voltando a atenção para suas filhas) — Deixamos muitas coisas pelo caminho... mas vós, passais correndo. Já quereis desistir de todas as possibilidades?... Ansiáis por essa ação que vos eleve, e encha vossos nomes de um rumor que nunca mais se apagará!

*JACQUES DE WISSANT* e *PIERRE DE WISSANT* (negam veementemente).

*JEAN D'AIRE* — Vós vos sentis atraídos, elas são sufocadas pela torrente. Ação e vítima enroladas num novelo irredutível! (mais forte) — Por que me mandais embora, qual é a minha vantagem de ser liberado? O que estarei dando... como estarei me realizando? O que me restará de importante para dar? O que ainda ambicionava aquele que entrega suas filhas aos braços dos homens... aos vossos braços? E tão pouco que peço a um de vós, caso a sorte recaia sobre mim, que aceite esse presente!

(As filhas apertam-se mais contra ele)

*JACQUES DE WISSANT* e *PIERRE DE WISSANT* (olham o chão).

*JEAN D'AIRE* — Não me compreendeis. Não vos consigo alcançar. Pena por esta última oportunidade. Depois dela, cada um de nós estará ocupado apenas consigo mesmo... e vos apartareis um do outro, sem obstáculo nem impedimento. Escutai o meu aviso!

*PIERRE DE WISSANT* (dominando-se) — Deves voltar... Podes sair,

és o mais velho de nós. Por isso, só tu ainda podes partir daqui. E se houvesse alguém aqui, nem tu, nem este, nem aquele... que partisse daqui com alguma justificação, nós o acompanháramos até a porta, beijando a fimbria da sua veste!

*JEAN D'AIRE* (fita-o espantado).

*JACQUES DE WISSANT* (num ímpeto) — Se ao menos acabasse este dia... que me apedreja com seu sim e seu não!

*PIERRE DE WISSANT* (sombrio) — Este dia que perturba o nosso prazer... com palavras!

*JACQUES DE WISSANT* (tão impetuoso quanto antes) — Elas nos ardem na língua, queimam nossos lábios... e não as podemos gritar!

*PIERRE DE WISSANT* — Temos que esperar... o tempo voa!

*JACQUES DE WISSANT* (perturbado) — Não cair no ridículo saindo daqui... com a sétima sorte!

*JEAN D'AIRE* (sorri, compreendendo) — Procuras palavras? Mas não sois amantes? Acaso palavras definem um desejo, acaso o preenchem?... Não acuseis o sim e o não deste dia... Foi ele que vos preservou até agora. Palavras... ainda não aprendestes isso, vão perdendo seu valor. Não é o vosso amor a coisa que mais valorizais?... Regateais com o dia? O dia vos vale alguma coisa? Para noivo e noiva?... A esperança de ser o sétimo entre sete é muito vaga... por isso, alegrai-vos nesta certeza de poder festejar, na última noite, a vossa primeira festa! (Empurra as filhas para os dois, vira-se e sai pela tapeçaria).

(Os quatro encaram-se silenciosos).

*JACQUES DE WISSANT* (abraçando a *Primeira Filha*, gagueja) — Não quero, não quero ser o número sete!

*PRIMEIRA FILHA* — Estou esperando por ti!

*PIERRE DE WISSANT* (abraça a *Segunda Filha*) — Por esta noite, quero me iludir com a sétima sorte!

*SEGUNDA FILHA* (com fervor) — E eu quero viver... por esta noite!

(Depois as duas irmãs se afastam lentamente, voltam as cabeças para eles, e, acenando debilmente, chegam à porta e saem)

(*Jacques de Wissant* e *Pierre de Wissant* estão parados na soleira; ao se virem, a tapeçaria abre-se para os lados. Agora avista-se uma sala bastante profunda. Altas paredes e teto enfeitados com metais e pedrarias de todos os lugares da Terra, e conchas cintilantes do mar. Perto da soleira, uma mesa posta para uma refeição: sete cálices de prata, pratos. No centro, debaixo de um pano azul, uma bacia. Dois corcundas, muito graves — criados — afastaram totalmente a tapeçaria, e andam dos cantos da frente até um porta à esquerda, atrás. Na parte lateral da mesa sentam-se

*Eustáquio de Saint-Pierre* no meio, à esquerda, o *Quinto Cidadão* e o *Quarto Cidadão*, depois um assento livre; à direita, o *Tercero Cidadão* e *Jean D'Aire*: uma cadeira vazia ao lado dele)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (fazendo um sinal para Jacques de Wissant à sua esquerda) — Jacques de Wissant, senta-te aqui! (À *Pierre de Wissant*) — Ocupa o último lugar na outra ponta de mesa, Pierre de Wissant. Temos que separar os dois irmãos, para que não perturbem mais uma vez o círculo que já se fechou completamente, exceto por essa pequena fenda! (Novamente a *Pierre de Wissant*) — És o mais próximo da porta. (Para *Jacques de Wissant*) — Serás o último a alcançá-la. (Aos demais) — Mais cedo ou mais tarde chegaremos entre estes dois. (Com súbita animação) — Cedo ou tarde... por que apressarmos os poucos passos que ainda temos a dar? À manhã ainda não chegou... não há deveres a cumprir. Depois desta manhã e da tarde, comemoramos um ocio inigualável!

(Os dois corcundas colocaram na mesa travessas transbordantes de uvas roxas, figos verdes, maçãs amarelas)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** — Vamos saborear esta refeição. Frutas!... Ninguém sairá daqui sem estar saciado! É um prazer para os olhos... Nosso paladar saboreia uma doçura produzida por países que nunca veremos. A fruta madura rola na palma de nossa mão! Estas succulentas frutas não recompensam o esforço com que transformamos o mar numa ponte entre as duas costas?... Comei!

(Os outros permanecem mudos e imóveis. Os corcundas trazem jarras com vinho e as colocam na mesa. Depois postam-se atrás de *Eustáquio de Saint-Pierre*)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** — Vinho!... Quem tem tão pouca sede que queira sair da mesa? Quem haveria de se levantar, empurrar sua cadeira para junto da mesa, e sair? Provai do vinho! (Olha em torno da mesa, depois tira uma fruta da travessa) — Estamos sentados à mesma mesa, buscamos o mesmo objetivo, temos uma só vontade... Portanto, partilhemos do mesmo alimento!

(Ele corta a fruta em sete partes. Dá o prato a um dos dois corcundas que atendem à mesa; o outro coloca uma parte para cada homem, começando pela direita, saltando *Eustáquio de Saint-Pierre*, diante de quem coloca por fim o prato com o derradeiro pedaço de fruta)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (despeja vinho em seu cálice) — Comemos desta fruta... e bebemos do mesmo vinho!

(O primeiro corcunda leva o cálice a *Pierre de Wissant*. Este bebe, devolve o cálice ao corcunda. Com exceção de *Eustáquio de Saint-Pierre*, todos bebem; este recebe o cálice por último, e bebe também)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** — Bebemos... Agora, comi! (Ele come o seu pedaço de fruta. Os outros inclinam-se sobre a mesa, e fazem o mesmo).

(Abre-se a porta em frente, à direita. Entra *Jean de Vienne* e mantém a porta aberta: por ela ouve-se o vozerio da multidão)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (sorrindo) — Jean de Vienne, estamos comendo. Vinho e frutas refazem nossa força!

**JEAN DE VIENNE** (fecha a porta e coloca-se no centro) — É a preocupação que me traz a esta sala. A inquietação do povo, que se acalmara ao ver o primeiro homem, desencadeou-se de novo quando viram o último entrar aqui. Estão reclamando e gritam, exigindo que um de vós saia e se mostre a eles... para pôr um fim a esta incerteza!... Essa tensão transformou o povo de Calais, deixando-o quase irreconhecível — e todos acreditam que serão salvos quando o sétimo homem se afastar do vosso meio. Não é que duvidem de que tendes vontade firme... não os podemos acusar de suspeitarem isso! É que a expectativa, desde esta manhã, abalou sua força! E agora volta a irromper novamente, ao aproximar-se a hora da decisão! Eustáquio de Saint-Pierre, eu sei o que te peço... e a todos vós! Eustáquio de Saint-Pierre, transmite certeza ao povo, responde ao seu anseio. Para eles, é muito... para vós, tão pouco: não barganhareis por um prazo tão pequeno!

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** — Trazes até nós as vozes que gritam lá fora. Ouvimos rumores abafados e assobios... que ecoam em nossos ouvidos, mas que nossa mente não registra. Nossa ação nos aguarda no dia de amanhã. Não devemos controlar nossa impaciência? (Fala rapidamente) Nossa refeição terminou... eis o que lhes podeis dizer sobre esta sala. Dize-o depressa, Jean de Vienne!

(A um aceno dele, os corcundas começam a limpar a mesa)

**JEAN DE VIENNE** (espera um pouco, depois sai rapidamente pela direita).

(Os dois corcundas terminaram seu serviço e afastam-se para o fundo, à esquerda. Sobre a mesa restou apenas a bacia encoberta.)

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** — A mesa está vazia. Agora nossas palavras podem rolar sobre ela, e a refeição será perfeita. Quem não have-

ria de repartir sabiamente as duas coisas, e dar a cada uma sua medida plena? Comestes calados, agora vossa boca está duplamente loquaz. E esbanjará com prazer seu secreto desejo... Temos que falar do assunto mais difícil que este dia colocou em nossos ombros! (Vira-se para o *Quinto Cidadão* a seu lado) — O que foi que mais te ocupou entre esta manhã e o momento de vires até aqui?

*QUINTO CIDADÃO* (olhando em frente) — Tenho um velho amigo a quem trouxe até o umbral desta sala. Queria falar-lhe de meus planos. Queria introduzi-lo em meus projetos... e secretas esperanças. Mas não consegui. Minha língua estava atada. Seria realmente a minha última fala? Eu não estaria revelando precipitadamente os meus bens? Por outro lado, não o teria eu de iniciar em tudo para salvar meus bens de um prejuízo? De uma parte, pressão; da outra, hesitação. E entre pressão e hesitação nasceu o martírio deste dia, com seu aguilhão pontiagudo: a incerteza do desenlace!

(Os outros erguem as cabeças e contemplam-no assombrados.)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (virando-se depressa, admirado, para o *Terceiro Cidadão* a seu lado) — O que será pior do que levantar-se dos assentos na Câmara e postar-se diante de todos? Não foi mais difícil tomar tua decisão, com a qual despias as roupas coloridas e, com elas, a tua longa vida? Há alguma coisa mais amarga do que isso?

*TERCEIRO CIDADÃO* (faz que sim, balançando pesadamente a cabeça) — Minha velha mãe me acompanhou até aqui. Sua coragem permaneceu firme... a mesma coragem com que ouvira de manhã a decisão do filho. Contudo, aqui ela se agarrou a mim chorando! (Levanta os olhos) — Acaso não estraguei sua despedida? Não abafei o grito com que ela me queria arrebatara novamente para si? Não deslizei para desprender-me dela como se não tivesse substância? Não voltei ao seu ventre de dores? Não aumentei cem vezes a sua dor de parto? O mesmo sopro me pariu e me saudou. Uma terrível confusão surgiu desse redemoinho. A incerteza a fazia gaguejar, ela torcia as palavras... Não encontrando nenhuma, afastou-se de mim, pobre e vazia... Roubei-lhe os tesouros que ela não conseguia espalhar na minha frente! (Apoiando a cabeça nas mãos) — Ela sofreu meu sofrimento, gemeu meu queixume. É fácil levantar-me e me entregar pelos outros. O peso que me verga até o solo não vem dessa ação. (Espalma as mãos sobre a mesa) — Essa ação... onde está?

(Ao redor da mesa nasce uma inquietação que confirma as palavras do *Terceiro Cidadão*.)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (inclinando-se para o *Quarto Cidadão*) — Vieste depois destes dois homens. Andavas mais devagar porque aquela hora era a mais preciosa da tua vida? Tu as medias com teus pas-

sos... com dedos avaliando o valor dos elos de uma corrente que lhe vai escapando? A sombra da tua decisão te ameaça? Bebes mais avidamente agora a pouca luz que te resta?

*QUARTO CIDADÃO* — Saí da minha casa, e aquela que sempre viveu comigo em minha casa... saiu comigo. Caminhamos lado a lado sem pressa e sem parar, como se saíssemos da cidade a passeio numa bela noite de verão. O sangue não disparou... nem se congelou. Um dia como outro qualquer. (Fica mais absorto em si mesmo) — A luz ontem o inundava, como no começo de nossas vidas. Nenhuma sombra o encobria mais, nenhuma treva o ameaçava, nenhum desejo que não se saciasse, nenhuma felicidade que não nos tivesse sido dada. Não é correto que amanhã surja uma nuvem negra?... Não terei que mergulhar nela... carregando a minha culpa? Não devo dizer obrigado, obrigado, quando ela me esmagar? Não é isso o que desejo, meus lábios não se entrecabrem, meus braços não se retesam para abraçar aquela a quem devo agradecer, com palavras ardentes, numa urgente união? Acaso os lábios dela não se abriram... suas alvas mãos não se estendem para mim... seu ventre preparado não aguarda o jorro que dessa vez o exaurirá? Não somos impelidos um para o outro... e ficamos paralisados? Nossos braços descaíram fatigados, nossa boca calou-se, ficamos hirtos e estranhos... Quem agradecerá, se não houver presente? Quem profanará um presente novo com antigos prazeres? Quem, depois disso, haverá de dar e receber sem ofender o pudor? Essa hora recobriu-se da mais profunda treva. Sair dela... é agora meu único desejo. Liberado ou entregue... tanto faz. Se eu for entregue, não sofrerei... tampouco me atraí ser liberado: sobre qualquer uma das duas coisas brilhará finalmente... a certeza!

(*Jacques de Wissant* e *Pierre de Wissant* levantam-se ao mesmo tempo, e estendem os braços para a bacia coberta.)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* — Jacques de Wissant... Pierre de Wissant... Acaso não sois irmãos? Esta manhã o vosso sangue fraterno vos deixou unidos entregando um a sua vida ao lado do outro, quando saístes juntos das arquibancadas, resultando num homem excedendo o exigido. O calor este dia vos apartou um do outro? Não quereis mais conceder um ao outro a boa sorte? Cada um de vós a quer arrebatara para si? (*A Jean D'Aire*, que ia dizer alguma coisa) — O que foi que sombreou o teu caminho a esta sala?

*JEAN D'AIRE* — Não farei mais longas caminhadas. Para mim, todos os caminhos são curtos... o fim se aproxima. Vejo-o tão perto, que a poeira não o esconde aos meus olhos. Está tudo claro ao meu redor... a escuridão cedeu: sei para onde vou. Meu tempo já foi doado, meus bens distribuídos. Nada mais seguram estes meus dedos magros! Que merecimento terei com a ação para a qual estou me preparando? Não estarei roubando um louvor que seria vosso? Não estarei entre vós como o bobo da

corte, com sua roupa cheia de guizos? Eu me vanglorio, e no entanto, o que vai me acontecer é apenas o inevitável. Desço o último degrau da minha velhice... não há outro abaixo dele... Por que meu passo ainda hesita? Eu sei tudo... o resto está aí, tão evidente. Se eu tiver boa sorte, ou se perder... não haverá diferença alguma. Por isso, perdoai-me e permiti que me sente envergonhado à vossa mesa! (Mais animado) — Vós sois dignos e estais sofrendo. Tendes que escolher entre muitas coisas... Tendes que renunciar, ao passo que eu já estou vazio. Tendes que fechar os olhos à luz do dia, e eu já estou cego. Tereis que sufocar vossa garganta, e meu peito já morreu. De vós se exige o mais difícil, para mim esse chamado já nem tem sentido: estou fora de todo o delírio, estou fora dos dilemas do desenlace, minha sorte será sempre a mesma, seja esta ou aquela... Sinto frio pelo gelo dos meus anos e descanso no meio de toda essa inquietação, descanso na minha bela certeza.

(A agitação na mesa aumentou cada vez mais com as últimas palavras de *Jean D'Aire*: mãos estendem-se para o pano que cobre a bacia.)

*PIERRE DE WISSANT* (creto, apertando os punhos nas têmporas) — Amanhã quero ser o primeiro a sair da cidade, à vossa frente. Não quero virar o rosto para vós. Devo esticar a corda à minha frente e ajeitar o laço... e rir, e blasfemar... (Num rompante) — Não quero tirar a última sorte... eu quero a *minha sorte!*

*JACQUES DE WISSANT* (gaguejando) — Não quero a sétima sorte... nem quero a primeira... Não procuro com ela a vida depois desta noite! (Numa explosão) — Eu quero a minha sorte, eu quero a minha sorte!... (Num estertor) — Todo o resto está me enlouquecendo!!!

*QUARTO CIDADÃO* (a *Eustáquio de Saint-Pierre*) — Manda circular a bacia pela mesa!

*QUINTO CIDADÃO* (mais insistente) — Eustáquio de Saint-Pierre... Manda circular a bacia pela mesa!

*JACQUES DE WISSANT*, *PIERRE DE WISSANT* e *TERCEIRO CIDADÃO* (num grito) — Manda circular a bacia pela mesa!

*JEAN DE VIENNE* (entra precipitadamente pela direita. Não fecha a porta, vai depressa ao centro. O rumor lá de fora entra livremente: gritos agudos, uivos, assobios.)

*JEAN DE VIENNE* — Eustáquio de Saint-Pierre, o povo não quer mais esperar. Todos exigem o sétimo homem. Gritam mais do que eu, e não consigo mais contê-los! Coloquei sentinelas na entrada, mas não confio nas suas forças. Vossa hesitação atiza a rebelião incontrolável. E as consequências serão terríveis para todos! Eustáquio de Saint-Pierre, não tenho mais nenhuma inibição e te suplico: manda sair daqui o sétimo homem!

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* — Chegaste um pouco cedo...

*JEAN DE VIENNE* — Cheguei um pouco tarde!

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (imperturbável) — ... e estás perturbando nesta sala: não vês que todas as mãos estão estendidas? (Veemente) — Queres abalar a serenidade com que nos reunimos nesta mesa como se fora para uma festa? Não precisamos dela, por acaso? Entras com todo ímpeto, mas aqueles lá fora, não lhes sorri a luz, não lhes passa a brisa morna pela testa?... Poupa-nos de lamúrias e gemidos!... Gozais o sol e o calor... enquanto nós escolhemos o frio e a escuridão!

*JEAN DE VIENNE* — Eustáquio de Saint-Pierre, ficarei aqui, esperando, e sairei com o homem que sobrar!

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (mais fortemente ainda) — És um estranho em nosso meio... Não comeste da nossa mesa, não bebeste conosco, estás tão distante de nós como alguém postado do outro lado de um abismo!

*JEAN DE VIENNE* — Eustáquio de Saint-Pierre, haverá demora?

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* — Estamos prontos!

*JEAN DE VIENNE* (sai pela direita, de cabeça baixa.)

(Silêncio completo.)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (puxa para si a bacia tapada) — A bola azul é fria sobre a mão... e resfria a vida. Para quem rolará... para quem rolará? Estou tão ansioso como vós! Jacques de Wissant... Pierre de Wissant... vós provocastes esse jogo... Pois dai-lhe início. Desta vez a primeira bola vos separará, para que não perturbeis novamente o desenlace! (Entrega a bacia ao *Quinto Cidadão*, que a passa ao *Quarto Cidadão* a oferece a Jacques de Wissant. Os outros estão tensos e atentos.) (*Eustáquio de Saint-Pierre* olha a mesa à sua volta)

*JACQUES DE WISSANT* (com a mão esquerda levanta bem pouquinho o pano, no qual enfia a mão direita. Retira-a com os dedos cerrados, estende o braço sobre a mesa... e na palma da mão tem uma bola azul. Todos os olhares voltam-se para *Eustáquio de Saint-Pierre*, que não muda de posição.)

*JACQUES DE WISSANT* (aperta ao peito as duas mãos, com a bola azul.)  
*QUARTO CIDADÃO* (devolve a bacia ao *Quinto Cidadão* e busca uma bola: a que se apresenta... é azul. Depois disso, ele apóia a testa nas duas mãos postas.)

*QUINTO CIDADÃO* (quer passar a bacia a *Eustáquio de Saint-Pierre*.)  
*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (ergue rapidamente os olhos para a bacia e enfia depressa a mão por baixo do pano. Coloca na mesa à sua frente a bola azul que tirou de lá. Pega a bacia e oferece-a ao *Quinto Cidadão*.)

*QUINTO CIDADÃO* (hesita, assombrado. Depois tira uma bola azul. Abre as mãos estendidas e sacode a cabeça para trás.)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (dirige-se com a bacia ao *Terceiro Cidadão*, sem erguer os olhos.)

*TERCEIRO CIDADÃO* (mostra sua bola azul, coloca-a na mesa... para oferecer a bacia a *Jean D'Aire*.)

*JEAN D'AIRE* (encara *Pierre de Wissant*, sorri, e escolhe demoradamente sob o pano. Encara *Pierre de Wissant* mais uma vez e abre a mão, exibindo a bola azul.. mas sem voltar os olhos para ela.)

*PIERRE DE WISSANT* (inclina-se e se levanta.) — Sou eu!

(Todos se viram rapidamente ouvindo seu movimento e suas palavras. O *Terceiro Cidadão* coloca a bacia na mesa)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (depressa) — Mas já tiraste a tua sorte?

*PIERRE DE WISSANT* — Sobrou uma só... e tendes seis bolas azuis!

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (balança a cabeça) — A bacia não está vazia. Queres que um dos corcundas a esvazie? (Puxa a bacia mais perto de si, o *Terceiro Cidadão* a coloca bem diante dele, atravessada na mesa.)

*PIERRE DE WISSANT* (dá de ombros, retira o pano... e tem um sobresalto. Estende a mão e mostra uma bola azul.) — A última bola é azul!!! (Silêncio em torno da mesa)

*JACQUES DE WISSANT* (estende a mão) — Esta é que é azul!

*TERCEIRO CIDADÃO* (igualmente) — E esta é... como a última!

*QUINTO E QUARTO CIDADÃOS*, primeiro isolados — Estas (agora, juntos)... são como as vossas!

*JEAN D'AIRE* (calmamente) — Eustáquio de Saint-Pierre, acaso aqueles estúpidos aleijados prepararam a bacia?

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (respondendo com um sorriso a todos os olhares) — Fui eu mesmo quem preparou bolas iguais para todos vós! (Todos o encaram curiosos e chocados)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (mais animado) — Estais admirados? Não encontrais ainda a solução.. o enigma ainda não se desfez, não se despeja sobre vossas mãos? (Olha de um para outro, todos estão imóveis. Depois balança a cabeça afirmativamente) — A confusão deste dia vos atordoa... não enxergais as coisas mais evidentes? (Assumindo uma postura muito ereta) — Então um de nós tem de ser o guia, e eu vos dirigirei nessa confusão, até o desenlace! (Fala insistentemente para a direita e a esquerda) — Pensai nesta manhã na Câmara! Quem se apresentou e atirou no rosto do emissário uma resposta violenta? Lembrai-vos... quem foi? Não brilhavam em torno de seu corpo a armadura e as armas, a espada não saltou na sua mão forte? A coragem não emanava da pluma de

seu elmo? Sua bravura não se manifestava, irada: espada, golpe e conflito?... Não se derramava sobre ele um brilho de sangue, seu nome não ressoava sobre a terra sofrida?

*JEAN D'AIRE* — Duguesclins!

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* — Alguém o enfrentou naquela sala? Não se esgueiraram todos, envergonhados diante dele, enterrando-se nos cantos? Procurai-o agora... esse grande nome!

*CIDADÃOS ELEITOS* (em tom abafado) — Duguesclins!

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (confirma com a cabeça) — Eu não me esgueirei na frente dele. Postei-me a seu lado, medi minha ação com a dele, arranquei-lhe a espada da mão e rasguei sua bandeira de cores. Então ele saiu... e eu fiquei na Câmara!

(Os demais escutam inclinados bem para diante)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (rindo secretamente) — Como foi que humilhei a coragem dele? Eu o censurei dizendo que a empregasse amanhã, no conflito que hoje se decide. Disse que sua coragem era grande quando ainda nem havia conflito... Ele não rebaixou sua ação, realizando-a hoje cedo?

(*Pierre de Wissant* sai do seu lugar e, apoiando-se no *Terceiro Cidadão*, escuta atentamente *Eustáquio de Saint-Pierre*, próximo dele. Outros apóiam o queixo ou as faces nas mãos.)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* — Ele entregou sua espada e subiu todos aqueles degraus, e carregou, degrau por degrau, o peso que tirara do meu peito. Respirei aliviado quando ele desapareceu lá em cima. Eu o enredei com minha astúcia... Acaso a minha superava a coragem dele? Minha decisão (fala para alguns deles), como a tua... a tua... a tua... não foi tomada hoje por todos? Acaso tu (como antes) e tu... e tu... não te púdeste despedir de tudo esta noite, fechando-te em ti mesmo, para que amanhã nenhuma outra vida te atormente, além da tua própria? (Olhando em torno) — Acaso não te despediste previamente da tua ação... como ele? Acaso não te esquivaste assim do aguilhão doloroso da tua ação... como ele?

(Alguns balançam pesadamente a cabeça.)

*EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* — Ele quase frustrou a nossa decisão! (Acariciando o cabelo de *Pierre de Wissant*) — Então viestes em meu socorro, tu e teu irmão! (Para os demais) — Jacques e Pierre de Wissant, descendo juntos, ao mesmo tempo, ultrapassaram o número exigido. Sete em vez de seis homens... um a mais! Um desfez novamente o nosso círculo, quase perfeito. Um a mais! Esse devolveu a cada um de nós a sua

decisão. Agora, todos estávamos sobrando... cada um de nós podia ser o sétimo, cada um podia ser o excedente sobre seis! (Encarando-os um a um) — Não podias ser o eliminado... ou tu... ou tu? Tu, com a mesma soste que teu vizinho? (Depois de uma pausa) — Agora vossa decisão vos submete à mais terrível prova... Contemplai estas bolas azuis. Fui eu quem jogou esse jogo convosco. Inventei-o para termos uma última iluminação! (Falando a todos) — A incerteza vos exasperava... (Ao *Quinto Cidadão*) — O que foi mais difícil para ti, desde esta manhã? (Ao *Quarto Cidadão*) — O que enfiava agulhões e cunhas afiadas em tua carne? (Ao *Terceiro Cidadão*) — O que mais revolia teu sangue? (A *Jacques e Pierre de Wissant*) — O que vos atormentava mais? (A todos) — O que vos abalava era essa crispação, que vos acovarda, de estardes traindo a ação que vos exigiam!

*CIDADÃOS ELEITOS* — Eustáquio de Saint-Pierre, não nos censures!  
*EUSTAQUIO DE SAINT-PIERRE* (com excitação cada vez maior) — O que vos torna superiores a Duguesclins? Tivestes direito de o censurar por juntar sua própria sujeira à lama? Acaso estais prostados sobre os ombros dele para que os raios dos louvores vos atinjam? (Um último impeto) — Só o podereis censurar se puserdes vossa decisão acima da decisão dele! Se a tomardes dez vezes e mais dez, então tereis esse direito! Duguesclins tomou sua decisão uma vez... vós a deveis tomar mil vezes. Fostes mil vezes liberados dela, deveis retornar a ela mil vezes! Só o sétimo homem será liberado... Entendeis o que é ser o sétimo homem? O que vai, e vem, deslizando sobre sua ação com um sorriso... O que pesa em mão serena a vida e o desenlace, fundido com sua ação, sem chegadas nem despedidas... e que ainda diz: mas o que significa tudo isso? (Todos o encaram comovidos sobre a mesa)

*EUSTAQUIO DE SAINT-PIERRE* — Sereis dignos de ir ao encontro dessa meta? De executar essa ação, que será um delito caso seus agentes não se tiverem transformado? Estareis maduros para a vossa nova ação, que abala o que é estável, encobre velhas glórias, abafa o que ressoa, escurece o que brilha, rejeita o que tem validade?... Sois vós os novos agentes da vossa ação?... Vossa mão está serena, vosso sangue, frio... vosso anseio está calmo? Estais à altura da vossa ação?

*TERCEIRO CIDADÃO* — Queres que saiam sete homens daqui ao amanhecer, Eustáquio de Saint-Pierre?

*EUSTAQUIO DE SAINT-PIERRE* — Foram exigidos seis!

*JACQUES DE WISSANT* — Queres que sete se ofereçam ao carrasco, Eustáquio de Saint-Pierre?

*EUSTAQUIO DE SAINT-PIERRE* — Estais regateando mais uma vez? (Segura as mãos de *Jacques e Pierre de Wissant*) — Quero agradecer a ti... e a ti... sois irmãos... diante de todos nesta manhã. Vós me sugeristes o jogo

das bolas, e, com essa ninharia, algo imenso! Aguardai a manhã. Estais preparados? Ambos cortejais essa ação, tirai as roupas e o sapato diante dela, que vos deseja nus e renovados. Nenhum conflito ressoa em torno dela, nenhum incêndio se levanta... nem um grito estridente. Não a incendiais com vosso peito e vosso louco anseio. Ela queima numa clara chama limpa, fria em seu calor, doce em seu deslumbramento. É assim que ela se revela, assim percorrereis essa caminhada, e assim ela vos aceita: sem pressa nem hesitação, claros e frios, alegres sem embriaguez, audaciosos sem delírio, desejosos sem coragem... vós, novos agentes dessa nova ação! Ação de agentes fundidos numa coisa só, como ontem, no hoje... como hoje, no ontem! O que ainda vos perturba? O que ainda vos tenta? Vossa impaciência não se desfez, como um eco mau diante desta sala? (Ergue a voz para suplantar os rumores que vêm de fora, que se aproximam rapidamente.)

(A porta à direita, na frente, abre-se num arranco. *Jean de Vienne* precipita-se para dentro, à frente de muitos *Cidadãos Eleitos*)

*JEAN DE VIENNE* (gritando) — Eustáquio de Saint-Pierre, as sentinelas foram expulsas da entrada. Trancamos as portas... só elas ainda conseguem resistir!

(Ouvem-se golpes muito fortes contra as portas, os ecos reboam pela sala)

*UM CIDADÃO ELEITO* — Estão arrombando as portas!  
(Um golpe fortíssimo lá fora, bem perto... depois, gritos de júbilo.)

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Estão diante da escada!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Estão subindo a escada!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Estão chegando à sala!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Querem agarrar um de nós a força!

*JEAN DE VIENNE* — Eustáquio de Saint-Pierre, quem é o homem que o sortecio liberou?

*EUSTAQUIO DE SAINT-PIERRE* (Muito ereto, fala bem alto) — Houve um engano... as bolas foram trocadas na bacia. Nós nos torturamos em vão... agora não temos mais forças para repetir o jogo! (Mais forte ainda) — Queremos descansar até de manhã... (Dirige-se também aos homens à mesa) — Ao soar o primeiro sino cada um de nós sairá de sua casa... O último a chegar no centro do Mercado... estará livre!

(Todos silenciam, chocados)

*JACQUES DE WISSANT* e *PIERRE DE WISSANT* (rodeiam a mesa correndo, postam-se diante dele) — Eustáquio de Saint-Pierre...

*PIERRE DE WISSANT* (prosegue sozinho) — Nós dois sairemos da



mesma casa amanhã de manhã... queres que perturbemos novamente o jogo, chegando juntos ao Mercado?

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** — Estais realmente preocupados com o dia de amanhã? Não pode um de vós correr à frente do outro com vossos jovens pés, e ser o primeiro a chegar? (Levanta-se.)

**JEAN DE VIENNE** — Eustáquio de Saint-Pierre, queres enfrentar essa multidão enfurecida lá fora?

**EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE** (dando um aceno aos da mesa) — Não eu... Somos sete, quem sabe se acalmarão vendo que ainda há um homem a mais? Não será bom manter esse excedente?... Vamos dizer isso a eles, claramente! (Os sete descem da soleira elevada e passam por *Jean de Vienne* e pelos *Cidadãos Eleitos*, a quem não dão mais atenção, saem pela porta e enfrentam a gritaria que rapidamente diminui e cessa.) (*Jean de Vienne* e os *Cidadãos Eleitos* entrecolham-se assombrados)

### TERCEIRO ATO

(Mercado à frente da porta da Igreja, que fica sobre degraus... com seu torreão pontudo e cheio de esculturas... abrangendo todo o fundo da cena, exceto duas ruelas que correm dos dois lados para trás. O cinza da madrugada deixa pouco nítidas as estátuas e as pessoas: os lados e as ruelas estão lotados pelo povo... que se reconhece pelas manchas pálidas dos rostos. No centro andam os *Cidadãos Eleitos*.)

**JEAN DE VIENNE** — Eis a chave. Há muito tempo estou familiarizado com ela... apalpo cada uma de suas curvas em cima e das reentrâncias embaixo... meus dedos a conhecem melhor que minha mente!... mas nesta manhã ela parece estranha em minhas mãos. Um peso que sobe por meus braços e ombros, e quer me derrubar no chão!... Ela nem se aquece com meu sangue. Um gelo emana dela e esfria a minha pele. Sinto frio por esse minúsculo metal!... É com dificuldade que a consigo segurar.

(*Cidadãos Eleitos* parados quietos em volta dele.)

**JEAN DE VIENNE** — Tenho medo de colocá-la em outras mãos. Receio que, se a largar, toda a minha força vá se desfazer... minha vontade vá ceder. O que a receber não terá que carregar um peso duplo... este que lhe darei... e aquele da sua decisão?... Não sei quem deles será capaz desse esforço extremo!

(Silêncio.)

**JEAN DE VIENNE** (dominando-se) — Já sabeis quem mandarei à frente dos demais com esta chave?

**UM CIDADÃO ELEITO** — O que se levantou primeiro diante dos outros ontem na Câmara... não deverá ele andar à frente dos demais hoje, Jean de Vienne?

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** — O que os incitou apresentando-se primeiro... não recai sobre ele essa obrigação?

**JEAN DE VIENNE** (ergue os olhos) — Mas Eustáquio de Saint-Pierre não poderá ser o último a chegar aqui?

(Novamente, silêncio.)

**JEAN DE VIENNE** (depois de esperar um pouco) — Não indicarei nem um deles. Quem de nós pode saber quem sairá desta noite? Quem já viu um deles chegando aqui? Talvez penseis num deles e vossa sentença atinja exatamente o mais fraco! (Mais forte) — Respiramos a brisa da manhã, sabemos que virá um sol magnífico... Assim é fácil criticar! Não quero determinar ninguém!

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** (com firmeza) — Jean de Vienne, procuramos evitar-lhe mais um conflito em sua última manhã, deixando isso já acertado agora: entrega a chave ao primeiro que chegar!

**JEAN DE VIENNE** (devagar) — Quem tem o trajeto mais curto da sua casa até aqui? (Com crescente veemência, apontando para os lados) — Acaso os passos deles já não foram calculados? Acaso os curiosos já não correram antes dele por esse caminho, arrastando-o pelas ruas... umas cem vezes! Acaso seu cruel entusiasmo descansou desde ontem? Não se ouviu o duro som de seus rápidos pés calçados correndo sobre as pedras da rua nesta noite? Não houve um ruído, como se jogassem pedras na janela dele? Transformaram tudo isso num jogo vergonhoso, para distrair sua impaciência, e agora esperam que tudo se cumpra, para poderem jactar-se uns diante dos outros, dizendo: eu calculei melhor! Não tenho poder para os expulsar deste Mercado, mas não queria que tivessem esse espetáculo! (*Aos Cidadãos Eleitos*) Não me ouvistes... Vosso pensamento também já não calculou qual o trajeto mais curto, e qual o mais longo... e quem mora mais perto daqui?

**VARIOS CIDADÃOS ELEITOS** (Em voz abafada, hesitantes — Eustáquio de Saint-Pierre! (Muitos) — Eustáquio de Saint-Pierre!!

**JEAN DE VIENNE** — Só encontrais esse nome? Mais uma vez o recomendo. Ele está no começo e no fim. Foi ele quem convidou os outros ontem. Não os seduziria hoje com a mesma força? Tendes razão, é ele o que mora mais perto. Ontem apresentou-se primeiro, hoje correrá à frente dos demais. Será o primeiro, com seus passos rápidos e sua força alegre. E me pedirá o seguinte: que o deixe andar à frente dos outros, carregando em seus braços, como uma leve pluma, todo esse peso que me oprime

agora. Agora já não tenho medo. Agora, jogo e meta são a mesma coisa: Eustáquio de Saint-Pierre dirime todas as dúvidas!

(Braços erguem-se na multidão compacta dos lados... Mais braços se levantam: mãos iluminadas fazem gestos insistentes para o alto. Uma luz débil cai sobre a ponta do torreão. Os *Cidadãos Eleitos* olham para cima)  
**JEAN DE VIENNE** (com um gesto impetuoso) — Chegou a hora. Temos que preparar as vestes deles!

(Soa um sino com pancadas estridentes e espaçadas. Na multidão, braços se abaixam. *Cidadãos Eleitos* curvam-se nos degraus e apanham fardos escuros, que apertam ao peito. O sino pára de tocar.)

**JEAN DE VIENNE** — Agora devem ter partido de casa... Agora cumpre-se nestas ruas uma caminhada como jamais de viu!... (Uma pausa) — Vamos ao encontro do primeiro que chegar ao fim do seu trajeto. Não conhecemos o caminho que Eustáquio de Saint-Pierre está seguindo? (Ele vai para a direita, alguns o seguem... Também um dos homens que carrega o fardo de roupas.)

(Da esquerda soam passos comedidos e regulares; ao mesmo tempo, lá do fundo, ouvem-se sussurros. Do lado direito estendem-se braços, hesitantes, depois rápidos... Agora cresce o sussurro, transformando-se num grito: «O primeiro!»)

**QUINTO CIDADÃO** (chega da esquerda... Conclui no centro do Mercado o seu enérgico caminhar. Pára hirto um momento, depois vira bem a cabeça para a direita, à esquerda. Silêncio total.)

**QUINTO CIDADÃO** (olha o chão à sua frente... e descalça os sapatos. Depois levanta o rosto e, com as mãos firmes, começa a abrir as roupas no pescoço. Despe ombros e braços... mantém as roupas fechadas sobre o peito, e espera.)

**UM CIDADÃO ELEITO** (sai do meio dos outros, desenrola o fardo de roupas e dele retira uma corda curra. Coloca-se atrás do *Quinto Cidadão*, ergue no alto a veste sem cor em forma de saco, e enfia-a sobre ele; a veste o encobre todo, inclusive os braços e arrasta-se ao redor de seus pés. Agora ele alarga o laço e o coloca sobre os ombros, deixando a ponta solta da corda cair nas costas.)

**QUINTO CIDADÃO** (dá um passo ao lado.)

**CIDADÃO ELEITO** (agacha-se, apanha os sapatos... a roupa do outro, afasta-se e coloca tudo nos degraus.)

**JEAN DE VIENNE** (dirigira-se rápido para lá, ao chegar o *Quinto Cidadão*. Alguns *Cidadãos Eleitos* se aproximam dele e o interrogam, veementemente. Ele os repele) — Estou vendo. É o que se colocou primeiro ao lado de Eustáquio de Saint-Pierre. Andou depressa o seu caminho. Chega mais

cedo do que aquele que todos esperávamos, Eustáquio de Saint-Pierre vem com passo lento de sua casa. Sabe o tempo de que dispõe. Eustáquio de Saint-Pierre será o próximo... o segundo no Mercado! (E volta para a direita.)

(Mais uma vez, silêncio profundo. Da esquerda, um passo reboa, forte como antes. O mesmo sussurro percorre o Mercado! «O Segundo» — E emudece)

**TERCEIRO CIDADÃO** (chega junto ao *Quinto Cidadão* sem parar e, depois de o fitar rapidamente, posta-se a seu lado.)

**UM CIDADÃO ELEITO** (presta-lhe os mesmos serviços que prestou ao outro, e afasta-se.)

**JEAN DE VIENNE** (permanece em seu lugar, assombrado) — Quem é esse?

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** — É aquele que se levantou e saiu do seu lugar depois dos dois primeiros!

**JEAN DE VIENNE** — Depois desse... e de quem mais?

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** — Depois dele... e de Eustáquio de Saint-Pierre!

**JEAN DE VIENNE** — Eustáquio de Saint-Pierre! (Procurando dominar o espanto) — Quem pode medir a pressa ou lentidão com que alguém cumpre essa caminhada? Um sai depressa da soleira de sua porta e corre pela rua, outro ainda apaga a luz e tranca a porta. Os pés não querem realizar essa tarefa... fazem apenas os serviços menores. Estamos confusos com a aposta desta noite. Estamos aprendendo a mais dura das lições. Eu quase fiz uma acusação, mas agora ela recai pesada sobre mim. Envergonho-me de ir ao encontro dele, quando chegar depois deste. Fiquemos ao lado de Eustáquio de Saint-Pierre! (Sai rapidamente pela direita.) (Ouve-se um passo lento e arrastado vindo da direita. As cabeças na esquerda do Mercado esticam-se para a frente. À direita cresce o murmúrio: «O terceiro» — e corre para a esquerda.)

**JEAN D'AIRE** (sai da ruela à direita, pára e dá uma olhada no Mercado. Depois balança a cabeça afirmativamente e vai até o centro. Encara os dois avaliadoramente e começa a despir as roupas do corpo descarnado.)

**UM CIDADÃO ELEITO** (veste-o com o burel e põe-lhe a corda, e leva dali as roupas coloridas e os sapatos.)

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** (aproximando-se de *Jean de Vienne*) — Esse aí não é Eustáquio de Saint-Pierre!

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** (aos demais) — Ainda não é Eustáquio de Saint-Pierre!

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** (a *Jean de Vienne*) — Ele saiu das fileiras antes dos irmãos Jacques de Wissant e Pierre de Wissant!

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** (a *Jean de Vienne*) — Este aí é o mais velho de todos!

**JEAN DE VIENNE** (vivamente) — Não é mais frágil do que eles... e do que Eustáquio de Saint-Pierre? Seus passos arrastam-se cansados pela rua... e o levaram diante da casa de Eustáquio de Saint-Pierre. Quem andar com mais dificuldade do que ele?... O último a sair de casa o teria de ultrapassar!

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** (aos demais) — Eustáquio de Saint-Pierre ainda não saiu de casa!

**MUITOS CIDADÃOS ELEITOS** (uns aos outros) — Eustáquio de Saint-Pierre ainda não saiu de casa! (As vozes mesclam-se ao murmúrio que circula vindo da esquerda para a direita: «O quarto homem!»).

**UM CIDADÃO ELEITO** (quase aos gritos, para *Jean de Vienne*) — Este foi o quarto a apresentar-se, na Câmara!

**JEAN DE VIENNE** (gagueja) — Já temos quatro reunidos...? E Eustáquio de Saint-Pierre não está entre eles?

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** — Eustáquio de Saint-Pierre não está entre eles!

**JEAN DE VIENNE** — Eustáquio de Saint-Pierre ainda não chegou...

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** — Ainda faltam dois dos seis!

**VÁRIOS CIDADÃOS ELEITOS** (perto de *Jean de Vienne*) — Faltam dois dos seis ainda!

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** (confiante) — Um deles há de ser Eustáquio de Saint-Pierre!

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** — Eustáquio de Saint-Pierre há de ser o último!

**OUTRO CIDADÃO ELEITO** — Jean de Vienne, ele tirará a chave de tuas mãos: por isso está poupando suas forças e não quer ficar muito tempo aqui parado, esperando com os demais!

**JEAN DE VIENNE** (irritado) — Estais calculando tão mal? Acaso esse pálido raio de luz não vai em vossos olhos? Quem ainda está faltando? Pensai nisso, pensai!... Onde pegareis esse engano, como desenredareis esse novelo? Ele não se aperta mais e mais, não se confunde todo, como feltro? Desenredai-o... desenredai! Quem deverá chegar agora? Não é Eustáquio de Saint-Pierre o fio que já soltais? É ele que se coloca aqui diante dos outros, como quinto?... O quinto que vai romper o círculo, o quinto, que desfará o grupo, o quinto, que... (Interrompe-se, mais nervoso ainda) — Acaso Jacques e Pierre de Wissant não sairão da mesma casa? Não são irmãos? Não chegarão juntos aqui?... Não haverá então sete... e o desenlace não será igual ao começo... um começo sem fim?... (Mais forte, mais ainda) — Terei que mandar todos recomeçarem esse jogo... e cumprirem mais uma vez seu horrendo trajeto? Devemos torturar seus corpos, trocando mais uma vez as suas roupas? Devemos ator-

mentar as solas de seus pés, ora aquecidos, logo depois, nus? Devemos alternadamente afrouxar e apertar o laço em seus pescoços? O prazo não está se esgotando, o carrasco já não está à espera deles? A luz já não aumenta... a manhã não está chegando? Não acabaremos desperdiçando a nossa salvação? (Aos arrancos) — E Eustáquio de Saint-Pierre hesita, vem depois de todos eles... o sétimo! Eustáquio de Saint-Pierre, que conclamou a todos, que incitou a todos eles, que ousou mais do que todos... ele não vem... (Joga os braços para cima) — Não penseis até o fim vosso pensamento... não o penseis... porque isso vos destruirá... Proibi o vosso pensamento... vosso sangue, a vossa mente... (Puxando outros consigo para o fundo) — Não vamos pensar, não vamos procurar, não vamos ficar à escuta de um passo fatigado... nem de um passo duplo... Esperemos para ver!

(Mais uma vez, silêncio total. Ouve-se da direita um forte passo duplo. Nem sussurros, nem braços apontando. *Jacques de Wissant* e *Pierre de Wissant* chegam estreitamente abraçados. Param no centro... contam os demais. Depois beijam-se e postam-se nos cantos, à direita e à esquerda.)

**DOIS CIDADÃOS ELEITOS** (ajudam-nos a trocar de roupa)

(A luz cai mais baixo no torreão e revela, ainda vagamente, um grupo de estátuas mais acima. O povo aproxima-se, vindo das ruelas, cujas entradas fecha. Lenta e inapelavelmente aproxima-se dos lados, fecha-se no meio... sobe degraus e une-se. Murmúrio abafado... satisfeito: «Seis homens!»)

**JEAN DE VIENNE** (com desmedido assombro) — Eustáquio de Saint-Pierre será surdo? Seus ouvidos ignoraram aquele sino agudo? Seus membros estarão tão paralisados que não estremeceram com o som dos passos diante da sua porta? Acaso a cidade toda não estremeceu com esse andar em suas ruas? Acaso nosso sangue não ferve, nossa cabeça não reboia com esses passos? Acaso não sentimos tudo rodando e pulsando ao nosso redor, não temos dificuldades para nos mantermos em pé? Acaso cada um desses passos não pisa dentro de nós, e nos arrasta consigo... seis vezes, de um lado para outro... seis vezes mil passos de um lado para outro? Não estamos apostando essa corrida desde ontem, sem descanso... uma corrida louca, com sangue e suor, e chegamos, vindo dos últimos recantos, dos últimos confins, antes do tempo... em tempo, cada um de nós adiantando-se à hora, cada um pronto para tudo, cada um expondo-se nu... todos saindo de suas casas... e Eustáquio de Saint-Pierre não virá?! **UM CIDADÃO ELEITO** (aos gritos) — Eustáquio de Saint-Pierre não virá!

*OUTROS CIDADÃOS ELEITOS* (igualmente) — Eustáquio de Saint-Pierre não virá!

(O grito fica reboando. O vozerio se eleva em torno do Mercado. Braços apontam para o centro: «Seis homens!» Novamente, silêncio.)

*UM CIDADÃO ELEITO* (fora de si) — Eustáquio de Saint-Pierre nos logrou a todos! (Precipitadamente) — Um destes homens não falou alto na Câmara mencionando a imensa riqueza que deveria preocupar Eustáquio de Saint-Pierre?... Quem tem mais depósitos do que ele pelo porto? Quem tem bens empilhados até o teto? Quem tem cargas em muitos navios? Acaso aquele homem na Câmara blasfemava, acaso fazia acusações insolentes? Ele acusou com muita brandura, e foi muito moderado! O que sabia da astúcia com que Eustáquio de Saint-Pierre se esquivava do golpe que o poderia esmagar? Acaso ele não foi o primeiro a apresentar-se... pela salvação de Calais? Não sabia muito bem que de nada adiantaria um homem só? Seriam precisos seis, e se há seis que se apresentam, outros aparecerão! Apreceram sete... um a mais! A espreteza dele o salvava do perigo... e desse pequeno excedente ele tirou sua vantagem! Quem poderá esquecer a história do longo dia de ontem? Como ele nos foi levando todos até a tarde? E como mais uma vez fez falhar a decisão que poderia delimitar o grupo de seis?... Ele não nos enganou insolentemente com as bolas... mentindo grosseiramente no sorteio? Não evitou a escolha mandando todos saírem da sala, dizendo que aguardassem a manhã... e a caminhada desta manhã, quando se apartou dos outros, fugindo à força com espreteza?... Ele se tranca em sua casa, e está livre... Seremos cegos, idiotas? Uma criança perceberia o logro e balbuciará essa solução venal... Agora Eustáquio de Saint-Pierre está sentado atrás da sua porta... dobrando-se sobre a mesa rindo de nós, que acreditamos como idiotas e obedecemos como ovelhas vesgas!

(Dos lados e dos degraus aumenta o rumor e cresce num grito agudo: «Seis homens!»)

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* (correndo para a frente, à direita) — Não se suspende na garganta o vosso sopro, não sobe o sangue à vossa boca, não vos sufoca a vergonha? Sereis vigaristas que comp... com dinheiro falso, que fazem tilintar moedas de lata e insistem no negócio? Não jogais longe a traição espezinhando-a na lama a vossos pés? Estais esperando o momento de partir, exigis o vosso opróbrio? Tudo vos será indiferente... traição não quer dizer mais nada?... Não vos enoja a vossa língua que fala... vosso céu da boca que ressoa?... Engolis essa comida roubada... engolis ervas e excrementos como vermes do chão? Não as exaure a vossa

avidez, vossos joelhos não se cansam da corrida pelas ruas esta noite? Só agora desejas o jogo? Ele vos foi prometido... está preparado... Procurai no Mercado aquele que inventou tudo isso, e nada descobrireis... nem na luz nem na sombra... Procurai onde está o vosso direito de fazer exigências!

(O grito se acumula ao redor, e se desencadeia, estridente: «Mandai seis homens para fora!»)

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* (correndo para a frente) — Não quero mais ser cidadão de uma Calais construída sobre essa traição! Não quero ficar atrás de seus muros como embusteiro... não quero me esgueirar amedrontado em suas ruas! Não quero participar dessa traição... Mantenho minhas mãos longe dessa nódoa que as macula... não tolero essa mancha sobre meu corpo! (Fica parado ali de braços esticados.)

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* (correndo para ele, agarrando seu braço e gritando para o fundo) — Quem está exigindo o opróbrio desses seis? Quem imporá a um deles a chave da cidade? Quem abrirá o portão à frente deles! Quem os entregará, esta manhã? (Com força) — Quem dentre nós participará dessa traição?

(Agitação entre os *Cidadãos Eleitos*: alguns caminham para a frente. Outros hesitam ao fundo. O brado é mais forte e ameaçador dos lados: «Mandai seis homens para fora!»)

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* (bem alto) — Calais não cairá! (Fala depressa quando a agitação se reduz um pouco) — Ainda não chegamos ao fim de nossas forças, nem hoje... nem amanhã! Não estamos passando fome, nada nos falta! Não há feridas em nossos corpos, nosso sangue corre vigoroso em nossas veias, nossos ombros são firmes, nossas mãos agarram fortemente as lanças, a espada! Estamos atrás de nossos muros, enchemos as ruas, a bandeira da França tremula sobre a cidade. O Capitão da França nos dirige... diante do Capitão da França... (interrompe-se. Silêncio profundo).

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* (num rompante) — Duguesclins saiu da cidade!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Eustáquio de Saint-Pierre mandou o Capitão sair da cidade!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Eustáquio de Saint-Pierre impede a salvação da cidade!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Eustáquio de Saint-Pierre tramou a traição desde o começo!

(Em torno do Mercado levanta-se novamente o grito: «Mandai seis homens para fora!»)

*UM CIDADÃO ELEITO* (brandindo os braços por cima da cabeça) — Vamos tirar Eustáquio de Saint-Pierre de casa!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Vamos arrancar Eustáquio de Saint-Pierre de sua mesa!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Vamos arrastar Eustáquio de Saint-Pierre até o Mercado!

(Um primeiro grupo de *Cidadãos Eleitos* lança-se para a direita e é detido pela multidão compacta)

*UM CIDADÃO ELEITO* (falando para a frente) — Que Eustáquio de Saint-Pierre pague sozinho!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Vamos amarrar a chave da cidade nas costas de Eustáquio de Saint-Pierre!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Eustáquio de Saint-Pierre levará a chave da cidade arrastando-se de joelhos!

(Novo grupo corre para a direita, atrás)

*UM CIDADÃO ELEITO* (na frente) — Que Eustáquio de Saint-Pierre seja desonrado publicamente no Mercado!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* — Vamos julgar esse Eustáquio de Saint-Pierre!

*OUTRO CIDADÃO ELEITO* (incitando os demais) — Procurai Eustáquio de Saint-Pierre!

*MUITOS CIDADÃOS ELEITOS* — Procurai Eustáquio de Saint-Pierre!

(A multidão ainda resiste à direita, nos fundos, mas cede à pressão dos *Cidadãos Eleitos*, que entram pela ruela. Ouve-se o clamor forte: «Eustáquio de Saint-Pierre!»)

*JEAN DE VIENNE* (fica parado sozinho... cansado, abalado.)

(O povo aproxima-se dele, vindo dos lados, e grita: «Manda sair seis homens para fora!» Na ruela interrompe-se a gritaria. Lentamente o grupo de *Cidadãos Eleitos* retorna, trocando sinais, assombrados. A agitação se acalma no Mercado. Os que avançaram espalham-se para os lados.)

*JEAN DE VIENNE* (aproxima-se dos *Cidadãos Eleitos*, precipitadamente, interrogativo.)

(Eles apontam o fundo da ruela; ficam mudos, esperando, e junto com o povo encompridam o lado direito da ruela quase até o centro do Mercado. Som de passos lentos aproximando-se: os dois corcundas, curvados até o solo, carregam uma maca coberta por um pano negro. O pai de Eustáquio de Saint-Pierre segue logo atrás: um ancião velhíssimo, magro, de cabeça calva; uma barba rala treme no seu rosto, que se mostra à maneira dos cegos, concentrado inteiramente no tato das mãos. Um menino esguio o leva pelos quadris. Os corcundas colocam a maca no chão, no centro. *Cidadãos Eleitos* comprimem-se ao redor dos Seis)

*PAI DE EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (formando palavras com sua boca que fala em silêncio constantemente) — Eu sou um cálice que transborda... (É guiado pelo menino até diante dos Seis) — Estão todos reunidos? (Passa a mão na veste e corda do primeiro) — Vestes grosseiras e corda lisa... um! (Para igualmente diante do seguinte) — Aspero e paramentado... tu! (Adiante) — Tu, encerrado em tua rude prisão!... (Seguindo adiante) — Tu, preparado como o outro! (Aos dois restantes) — Mais... mais... e tu... e o último! (Balança a cabeça afirmativamente) — Seis, disse ele, sobram seis... que esperam no Mercado... A hora da partida chegou... leva-me até eles no Mercado. Precisam apressar-se, se me quiserem seguir... Eu parto à frente deles! (Vira-se procura o pano sobre a maca e afasta-o) — Meu filho!

(Os *Cidadãos Eleitos* se inclinam; alguns exclamam: «Eustáquio de Saint-Pierre!»)

*PAI DE EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* (sem lhes dar atenção) — Minha boca está cheia... e transborda... Minha fala sumiu... sufocada pelas emanções desta noite... Sou uma sineta tocada por um badalo. Sou a árvore, outro é o farfalhar. Estou estendido no chão... Este que aqui jaz está parado sobre meus ombros, e sobre os ombros de todos vós!... (Virando-se para os seis) — Acaso vos atinge uma voz dessas alturas... Seu peso ardente baixa sobre vossos corpos... nus debaixo dos buréis? Vossos pés presos ao chão de pedra se desprendem e fogem pelos furos de vossos cadarços?... Ainda sentis a dor, o espinho, a ponta de um instrumento de tortura?... Ele os dobrou... e salvou dessas feridas a vossa carne!

(Os seis estão parados sozinhos perto da maca)

*PAI DE EUSTÁQUIO DE SAINT-PIERRE* — Estás próximos dele. Ele se afastou de nós, e no entanto está, como ninguém mais, no meio de vós. Ele descansa em vós... e vos chama com um aceno do seu dedo. Não é fácil ir quando alguém nos chama? As margens não florescem numa

promessa? Ele a pronuncia com júbilo... ele puxa o último dente vós para seu barco. Seis remos se movem... o roteiro é claro, o objetivo dirige melhor do que o leme. Ele vos aguarda... ireis depois! Ele foi à frente. Quem ainda voltaria o rosto para trás? A quem seguis com vosso olhar, quem é esse à vossa frente, carregando a luz e deixando-vos na escuridão? Quem afasta a luz de vossa ação e a deixa escura em torno de vós? Vós a tornais sombria e oculta... Ele vos manteve acordados diante de vossa ação para que fósseis dignos. Ele espantou o sono de vossas pálpebras com esforço. Ele encontrou meios de vos unir... Ele vos fez esperar até esta manhã. Acaso permitiu que dormísseis? Acaso vos negou qualquer prazo? Acaso não velou por nós? Não estais mais maduros agora, encarando vossa ação com olhos claros? (Respira fundo) — Agora ele abriu a última porta diante de vós. Iluminou a treva do horror, e podeis passar... sem hesitar. Vossa ação arde ao redor de vós como uma chama pura, sem fumaça, sem queimar. Avançais... iluminados e frios, sem febre nem gelo... Moveis livremente os membros debaixo do burel. A despedida não vos separará... quem se apartaria de vós? Vosso número é perfeito como uma esfera, sem começo nem fim nem rachadura. Quem é o primeiro, quem o sétimo? Onde a impaciência, onde a incerteza? Ele fundiu tudo isso numa lisa esfera: agora sois um só, sem distinção! (Ergue o braço em direção deles) — Procurai a vossa ação... a ação vos procura: sois predestinados! A porta abriu-se, vossa ação rola para fora. Ela vos carrega... ou vós a ela? Quem grita seu próprio nome, quem veste sua glória, quem é agente dessa nova ação? Acumulais louvores sobre vossas cabeças... Essa avidez vos perturba? A nova ação nem vos conhece!... A onda de vossa ação vos encobre... Quem sois? Para ides com vossos braços, vossas mãos? A onda se levanta apoiada em vós... acumulando-se sobre vós. Quem se lançará fora dela, perturbando essa superfície lisa? Quem destruiria a obra? Quem se lança sobre essa unidade? Quem afasta elo por elo e destrói a perfeição? Quem abala a obra que jaz sobre todos? Vosso dedo vale mais que a mão, a perna, mais que o corpo? O corpo deseja o serviço de todos os membros, as mãos de um só corpo criam vossa obra. Vossa obra rola através de vós, sois estrada e peregrino sobre a estrada. Um e nenhum, os menores no maior, nos menores o mais importante. Sois parte de todos com vossa fraqueza, fortes e poderosas no ímpeto da união! (Suas palavras reboam pelo Mercado, ele está animado por uma visão) caminhei para a luz... saindo desta noite. Chegou a grande claridade... que espantou a escuridão. A luz sete vezes prateada brota das profundezas... O terrível dia dos dias está lá fora! (Estende uma mão sobre a maca) — Ele vos anunciou este dia, ele fez o elogio deste dia. E esperou alegre o sino que tocaria chamando para uma festa... Depois, com mãos firmes, apanhou da mesa o cálice e bebeu com lábios serenos o líquido que o queimou. (Aproxima o menino de si) — Eu venho dessa

noite... e não entrarei mais em noite alguma. Meus olhos estão abertos... não os fecharei mais. Meus olhos cegos são bons e não perderão mais o que viram: eu vi o novo homem, ele nasceu nesta noite! Já não é mais difícil... ir até lá. A torrente dos que chegam já dispara ao meu lado. O tumulto já se ergue... sobre mim... onde está o fim de tudo? Estou dentro do movimento criador... vivo nele... nele passo do hoje ao amanhã... incansável... indestrutível... (Ele se vira, o menino o guia cuidadosamente para a direita, seus passos ecoam longo tempo na ruela.)

(Dois *Cidadãos Eleitos* alcançam *Jean de Vienne*, que se aproximou da maca à frente dos outros. Um põe a mão no seu ombro; o outro aponta a luz que aumenta e ilumina quase toda a porta da igreja)

*JEAN DE VIENNE* (ergue os olhos para eles, interrogativo... depois ergue-se, aponta para o cadáver de *Eustáquio de Saint-Pierre*) — Alguém foi à vossa frente... Ainda será difícil segui-lo? (Mais forte) — Acaso um de vós cambaleará se eu depuser o peso da chave em sua mão?

(Os seis estendem as mãos para ele.)

*JEAN DE VIENNE* (dando a chave ao mais próximo) — Quem de vós é o primeiro... quem o último? Quem distingue entre vós? As mãos de um só corpo agarram, levam! A manhã está clara. Mandaremos seis homens para fora da cidade. O sétimo jaz aqui: estamos junto deste que saiu de vosso grupo, como estaremos convosco quando chegardes ao vosso destino!... pacientes e silenciosos! (Ele retira totalmente o pano da maca).

(No silêncio total do Mercado, os Seis partem. As plantas dos seus pés nus batem de leve nas pedras. A ruela à esquerda abre-se diante deles; passos rápidos vêm por ela)

*OFICIAL INGLÊS* (armado e vestido com pompa, seguido por um soldado. Aproxima-se dos Seis e ergue o braço) — *Jean de Vienne*, o rei da Inglaterra me enviou nesta manhã!

*JEAN DE VIENNE* (alto para ele) — Não se venceu o prazo: Seis dos *Cidadãos Eleitos* de Calais devem partir da cidade ao amanhecer e entregar-se nas areias de Calais. Estamos aqui, e a manhã está nascendo!

*OFICIAL INGLÊS* (aos Seis) — Deveis suspender vossa partida! (Aproximando-se de *Jean de Vienne*) — O rei da Inglaterra envia a seguinte mensagem à cidade de Calais nesta manhã: Esta noite nasceu no acampamento de Calais um filho do rei da Inglaterra. O rei da Inglaterra não

quer exterminar nenhuma vida nesta manhã por amor a essa nova vida. Calais e seu porto estão salvos da destruição, sem necessidade de nenhuma penitência!

(Silêncio profundo)

**OFICIAL INGLÊS** — O rei da Inglaterra quer render graças numa igreja nesta manhã. Jean de Vienne, abre as portas, e que os sinos toquem diante do rei da Inglaterra!

(Da ruela à esquerda entra um bando de soldados ingleses, com pompas armaduras e bandeiras nas lanças; formam rapidamente uma ala que passa pelo mercado e desemboca nos degraus diante da porta da igreja.)

**JEAN DE VIENNE** (endireita-se. Seu olhar passa pelos Seis, que se aproximaram dele no meio da ruela) — Levei esse homem e coloquei-o no degrau mais alto: quando rezar diante do altar, o rei da Inglaterra terá que se ajoelhar diante do seu vencedor!

(Os Seis erguem a maca e levam *Eustáquio de Saint-Pierre* sobre seus braços erguidos, bem alto sobre as lanças, pelos degraus até a porta ampla. Ouve-se soar o órgão. Sinos tocam sem pausa nos ares. O povo está mudo. Trombetas estridentes soam perto.)

**OFICIAL INGLÊS** — O rei da Inglaterra!

**JEAN DE VIENNE** e **CIDADÃOS ELEITOS** (esperam de pé.)

(A luz inunda o torreão sobre a porta da igreja: na parte inferior representa-se a disposição de um morto; o corpo magro do executado repousa inerte sobre panos. Seis homens postam-se curvados diante do corpo. A parte superior mostra a ascensão do morto; ele paira livre no ar, e seis cabeças se viram para ele, num assombro).

(1912/13-1923)

## Notas

Georg Kaiser, *Die Bürger von Calais (Os cidadãos de Calais)*, peça em três atos.

Primeiro texto: escrito em 1912-13; segundo texto, 1913-14. Publicado pela primeira vez em 1914, depois em 1917 por S. Fischer, Berlim, mais tarde por Gustav Kiepenheuer, Potsdam. Inúmeras edições seguiram-se. Serviu de base para a tradução: Georg Kaiser, *Stücke Erzählungen Aufsätze Gedichte (Peças, contos, ensaios, poesias)*; publicada por Walther Huder; Verlag Kiepenheuer & Witsch, Colônia, Berlim 1966.

Estréia: 29-1-1917 no Neues Theater (Novo Teatro) em Frankfurt a.M. Direção: Arthur Hellmer.

Da crítica da época: Bertolt Brecht chamou Georg Kaiser de um de seus «pais ilegítimos». Em uma conversa radiofônica na Rádio de Colonia (Kölner Rundfunk) declarou sobre Kaiser: «Ele tornou possível, no teatro, aquela forma completamente nova de comportamento do público, aquele comportamento frio, analista, interessado, precisamente, o comportamento do público da era científica.» (*A literatura alemã em textos e exposições*), vol. 14. Expressionismus und Dadaismus, publicado por Otto F. Best Verlag Philipp Reclam, jun., Stuttgart 1978 (1974), p. 221.

## Biografia

Georg Kaiser, 25-11-1878: Nascimento em Magdeburg, filho de um comerciante.

1895-1898: Estágio como aprendiz em uma livraria, depois em uma firma de importação e exportação.

1898-1901: Trabalhou num escritório da AEG em Buenos Aires.

1901-1908: Após seu regresso à Europa dedicou-se intensamente, como autodidata, à literatura e à filosofia.

1911-1915: Primeira publicação literária e apresentação de uma peça teatral.

1916: Encontro com o filósofo Gustav Landauer que usou sua influência, em caráter publicitário, a favor de Kaiser.

1917: Primeiro sucesso de palco com a *première* de *Bürger von Calais (Os cidadãos de Calais)* no Novo Teatro em Frankfurt a.M. Encontro com Rainer Maria Rilke e com o poeta expressionista Alfred Wolfenstein.

1919: Amizade com Ernst Toller.

1921-1933: Georg Kaiser torna-se um dos mais bem sucedidos teatrólogos de seu tempo: desde 1915 mais de 40 estréias; apresentação de suas peças em Moscou, Nova York, Praga, Madri, Tóquio, Roma, Varsóvia, Amsterdã, Londres, Paris, Budapeste, Copenhague, Sidney. Amizade com Bert Brecht, Kurt Weil e com os mais importantes autores domiciliados em Berlim, com músicos e pintores. Firme engajamento socialista e antifascista.

1933: Proibição de publicação e apresentação; expulsão da Academia de Artes Prussiana.

1938-1941: Exílio na Suíça. Albert Einstein e Thomas Mann tentam, em vão, conseguir visto de entrada para ele nos Estados Unidos.

1942-1945: Obras religiosas da última fase: principalmente épicas e líricas. Kaiser torna-se presidente honorário da Associação Protetora dos Escritores Alemães no exterior.

4-6-1945: Georg Kaiser morre em consequência de uma embolia.

As peças teatrais realmente expressionistas de Georg Kaiser surgiram já antes ou durante a Primeira Guerra Mundial ou logo após a guerra: *Von morgens bis mitternachts* (*Da manhã até a meia-noite*, 1912); *Die Bürger von Calais* (*Os cidadãos de Calais*, primeira edição 1912-13), *Gas*, 1917-18; *Gas - 2ª parte*, 1918-19; *Hölle Weg Erde* (*Inferno caminho terra*), primeiro texto 1918-19.

Como outros autores expressionistas da época, de 1910 a 1920, segue, em suas primeiras obras, a visão da «renovação do homem». Acredita poder modificar também, através do comportamento ético do indivíduo, as condições sociais. Escrever um drama significa para ele «levar um pensamento até o fim, exauri-lo plenamente» (einen Gedanken zu Ende denken). O palco é, então, o espaço no qual o prazer da visão (Schau-Lust) deve se transformar em prazer da reflexão (Denk-Lust). Aqui o «efeito do distanciamento» de Bert Brecht foi, em parte, antecipado. O próprio Brecht declarou ter aprendido com ele.

No final, nas obras escritas em 1918-19, a esperança utópica é levada à resignação: O «novo homem» no palco fracassa, pelo visto, frente à incapacidade de transformação da sociedade; em *Gas*, 2ª parte, com consciência de sua impotência, provoca a catástrofe generalizada e, com isso, a destruição de seus semelhantes.

## BIBLIOGRAFIA

### Edições da literatura expressionista

*Expressionismo Alemão*, Antologia Poética, seleção, tradução, introdução e notas de João Barrento. Ática Sarl, Lisboa, 1976.

*Expressionistes Allemands/Deutsche Expressionisten*, ed. por Lionel Richard, Paris, Maspero, 1974.

*131 expressionistische Gedichte*, ed. por Peter Rühmkorf, Berlim, 1976.

Georg Heym, *Dichtungen. Auswahl und Nachwort von Walter Schmöbling*. Stuttgart, 1964 u. ö. (Reclams UB Nr. 8903.)

Georg Kaiser, *Stücke Erzählungen Aufsätze Gedichte*, ed. por Walther Huder, Colônia e Berlim, 1966

*Menscheitsdämmerung. Ein Dokument des Expressionismus*, ed. por Kurt Pinthus, Rowohlt Verlag, Hamburgo 1959 e Reclam Verlag, Lipsia, 1968 (1ª edição: 1920).

*Modern German Poetry, 1910-1960*, ed. por Michael Hamburger e Christopher Middleton, Grove Press Inc., Nova York, 1962.

*Schrei und Bekenntnis. Expressionistisches Theater*, ed. por Karl Otten. Neuwied, 1959.

Ernst Toller, *Gesammelte Werke*, 6 Vol., ed. por John M. Spalek e Wolfgang Frühwald; Carl Hansen Verlag, Munique, Viena, 1978; copyright by Sidney Kaufman.

### Biblioteca de publicações s/pesquisa

Arnold, Armin, *Die Literatur des Expressionismus. Sprachliche und thematische Quellen*. Stuttgart, 1966.

Carone Neto, Modesto: *Metáfora e Montagem* (Um estudo sobre a poesia de Georg Trakl). São Paulo: Perspectiva, 1974. Coleção Debates, 102.

Dube, Wolf Dieter (1934-): *O Expressionismo*. Trad. de Ana Isabel Mendoza y Arruda. São Paulo: Verbo/Ed. USP, 1976 p. est. alg. color.) Coleção artes plásticas.

Eykmann, Christoph, *Denk- und Stilformen des Expressionismus*. Munique, 1974.

Heselhaus, Clemens, *Deutsche Lyrik der Moderne. Von Nietzsche bis Yvan Goll. Die Rückkehr zur Bildlichkeit der Sprache*. Düsseldorf, 1962.

Kolinski, Eva: *Engagierter Expressionismus. Politik und Literatur zwischen Weltkrieg und Weimarer Republik. Eine Analyse expressionistischer Zeitschriften*. Stuttgart, 1970.

Kraft, Herbert: *Kunst und Wirklichkeit im Expressionismus*. Mit einer Dokumentation zu Carl Einsein. Bebenhausen, 1972.

Lukács, Georg: «Grösse und Verfall» des Expressionismus. Em: G. L., *Schicksalswende*. Berlim 1948, e G. L. *Probleme des Realismus*. Berlim, 1955; também: *Deutsche Literaturkritik der Gegenwart*, ed. por Hans Mayer. Stuttgart, 1971.

Modern, Rodolf E.: *El expresionismo literario*. Buenos Aires: Ed. Nova, 1958. (Compendios Nova de Iniciación Cultural. 23.)

Perkins, Geoffrey; *Contemporary Theory of Expressionism*. Introdução de Hans Reiss. Berna e Frankfurt a.M., 1974.



- Riedel, Walter: *Der neue Mensch. Mythos und Wirklichkeit*, Bonn, 1970.  
 Schmitt, Hans-Jürgen (ed.): *Die Expressionismusdebatte. Materialien zu einer marxistischen Realismuskonzeption*. Frankfurt a.M., 1973.  
 Sokel, Walter H: *Der literarische Expressionismus. Der Expressionismus in der deutschen Literatur des zwanzigsten Jahrhunderts*. Munique, 1960.  
*Sozialgeschichte der deutschen Literatur von 1918 bis zur Gegenwart*, Fischer Tb. 6475, Frankfurt, 1981.

Notas biográficas do autor

Ulrich Merkel estudou filosofia, alemão, francês e literatura nas Universidades de Munique, Berlim, Paris e Tübingen. Em 1964 doutorou-se com o trabalho «Máscara e Identidade no Simplicissimus», romance do autor barroco Grimmelshausen. Nos anos seguintes foi professor de alemão e literatura na Universidade de Aix-en Provence e em seguida em Lyon. De 1970 a 1980 foi, sucessivamente, diretor os Institutos de Cultura Alemã (Institutos Goethe) na Tunísia, Berlim e Poona (Índia). Desde 1980 é diretor do ICBA — Instituto Goethe no Rio de Janeiro. Publicou inúmeros artigos sobre a literatura alemã contemporânea.

<b>BIBLIOTECA CÉLIA HELENA</b>	
C ( ) D (X) Data <u>21/11/86</u>	
ORIGEM: _____	
n.º _____	
ORG.: _____	INDIC.: _____
( ) ESACH	N.º DA CHAMADA
( ) PROF.	
( ) OUTROS	